



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**DAS TENDAS ÀS TELHAS: A EDUCAÇÃO ESCOLAR DAS  
CRIANÇAS CIGANAS DA PRAÇA CALON-FLOREÂNTIA/RN.**

**FLÁVIO JOSÉ DE OLIVEIRA SILVA**

**NATAL/RN  
2012**

**FLÁVIO JOSÉ DE OLIVEIRA SILVA**

**DAS TENDAS ÀS TELHAS: A EDUCAÇÃO ESCOLAR DAS CRIANÇAS CIGANAS  
DA PRAÇA CALON-FLORÂNIA/RN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof<sup>ª</sup> Dra. Marlúcia de Menezes Paiva.

**NATAL/RN  
2012**

Catálogo da Publicação na Fonte.

Silva, Flávio José de Oliveira.

Das tendas às telhas: a educação escolar das crianças ciganas da praça Calon-Florânia/RN / Flávio José de Oliveira Silva. – Natal, RN, 2012.

103 f.: il.

Orientador: Marlúcia de Menezes Paiva.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Educação.

1. Educação – Dissertação. 2. Educação – Ciganos – Dissertação. 3. Ciganos Calon – Florânia/RN – Dissertação. 4. Ciganos – Cultura escolar – Dissertação. I. Paiva, Marlúcia de Menezes. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/UF/BSE-ARQ  
CDU 37

**FLÁVIO JOSÉ DE OLIVEIRA SILVA**

**DAS TENDAS ÀS TELHAS: A EDUCAÇÃO ESCOLAR DAS CRIANÇAS CIGANAS  
DA PRAÇA CALON-FLORÂNIA/RN**

Aprovação em 24 de fevereiro de 2012.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Marlúcia de Menezes Paiva – Orientadora  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte**

**Prof<sup>a</sup>. Dra<sup>a</sup> Lizabete Coradini  
Docente Interno da UFRN**

**Prof. Dr. José Mateus do Nascimento  
Docente Externo da UFPB**

**Prof. Dr. Antônio Basílio Novaes T. de Menezes  
Suplente Interno da UFRN**

Aos ciganos dispersos no mundo...

E ao mundo disperso com eles...

A Bagdália, (in memórian).

Cigana menina de olhos pretos,

sorridentes, brilhantes e astutos...

que não viu seu filho nascer e partiu com ele.

E, a tantos outros que imprimem no corpo  
o único lugar onde podem verdadeiramente viver...

## AGRADECIMENTOS

Duver Baron... Meu Deus, sobre todas as coisas.

Meus pais, Jose da Silva Neto e Rita Oliveira Neta.

A minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Dra. Marlúcia de Meneses Paiva, grande incentivadora, meu reconhecimento pela sua valorização ao tema abordado na pesquisa.

Ao CNPq, professores e funcionários do PPGEd/UFRN, pelo apoio à pesquisa apresentada.

A Bartira e a Mathews Seixas, meus companheiros de jornada familiar, pelo apoio nos momentos insones e de angústias.

Aos meus irmãos Júnior, Neto e Surama, seus filhos e cônjuges.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa, eternas recordações dos encontros de estudos.

D. José Edson Santana Oliveira, Bispo de Eunápolis/BA, fundador da PNB.

Pe. Wallace Zanon e Pe. Jorge Rocha Pierozan, respectivos Secretários da PNB.

Cigano Vitoriano, meu ex- aluno, colaborador e entusiasta da causa do seu povo.

Fernandão Calon, Antônio Charuto, Zarco Fernandes, Adriana, pelas trilhas dos caminhos...

Graça Medeiros, Cícera Romana e a Leida Almeida, Roberto Monte e Maísa, Perly Cipriano e Regina , pelo apoio e contribuições na caminhada...

Maria do Carmo Medeiros e Suely Andrade, pelo incentivo.

Jr. Galdino de Azevedo e Guedes Azevedo, pela colaboração e presteza.

Professor Severino Vicente, pela colaboração bibliográfica,

Fernanda Santos e Fátima Saraiva, pelas revisões,

A todos os ciganos e não ciganos que emprestaram suas falas para que eu tecesse uma colcha de retalhos com suas vidas entrecruzadas numa elaboração historiográfica.

Na 22ª Assembléia da Pastoral dos Nômades do Brasil, no ano de 2009, o Pe. Jorge Rocha Pierozan, Vice-Presidente, distribuiu uma cópia de um texto escrito pela alfabetizadora professora Ignês Edite Carneiro. No início do texto, uma referência:  
Dia desses, lá em casa, a Ignês começou a rasgar e a jogar no lixo alguns de seus escritos. Mas eu peguei um pedaço e mais outro e consegui reestruturar o texto abaixo:

### Alfabetização

\_ Professora, professora! Acorda!

Madrugada ainda, abri o mosqueteiro, levantei-me e fui atender à cigana desesperada trazendo no colo a criança que chorava.

\_ O que acontece? Por que a criança chora tanto? Está doente?

\_ Não. Acordei com ela chorando assim. Chorava e falava “a”, “e”, “i”, “itudar”. Ela sonhou. Quer estudar!

\_ Agora? Como será isso?

\_ Professora, me dê um caderno e um lápis para ele. Já tá bom.

Entreguei os objetos à criança. Rápido seus olhos ficaram enxutos. Brilhantes de lágrimas e satisfação. Foi para a barraca carregando o lápis e o caderno apertando-os ao corpinho.

Deitei-me pensando: uma criança de pouco mais de dois anos quer aprender, quer estudar... Por que há no Brasil, nos acampamentos, tantos analfabetos? Ah, se todos sofressem um “ataque” noturno, sonhassem com as leituras devorando-os se eles não as devorassem! Se os governantes sonhassem que com um “e” de “escova” penteassem seus cabelos com tanta urgência que cada fio se iluminasse, brotando idéias de leis e ações, novas pedagogias, metodologias interessantes, que eliminassem de vez o analfabetismo! Se um país alfabetizado deixasse de ser um sonho...

## RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma investigação realizada com um grupo de ciganos da etnia Calon, no território do seridó potiguar, mais precisamente na cidade de Florânia, estado do Rio Grande do Norte, tendo como *lócus* a Escola Municipal Domingas Francelina das Neves. O grupo em evidência passou a ocupar um novo espaço na cidade, no início dos anos 1980, construindo casas de morar e encontraram, neste caminho, uma escola para seus filhos, passando a consumir uma cultura diferente do seu modo de viver e estar no mundo, tornando-se usuário de políticas públicas de grupos sociais estabelecidos. Optamos por usar como base de análise os pressupostos teórico-metodológicos da História Cultural destacando a Cultura Escolar, conceitos como práticas, estratégias e táticas (Michel de Certeau), entrevista compreensiva (Kaufmann); e memória (Le Goff). Como estratégia na pesquisa de campo, utilizamos a técnica de observação participante (Minayo). Neste trabalho, evidenciamos o exercício educativo da vida familiar, social dos ciganos como prática cultural, o trabalho de escolarização da instituição de ensino e os elementos postulados por teóricos que abordam as transformações dos modos de vida a partir da inclusão na escola, de culturas silenciadas ou negadas. A pesquisa traduz um trabalho de diálogo intercultural em uma investigação resultante de intensas buscas em fontes documentais e arquivísticas, tendo sido constituído um corpo empírico, com materiais de leituras no Arquivo Público da Prefeitura Municipal de Florânia, arquivo da Escola Municipal Domingas Francelina das Neves, entrevistas, fotografias, filmagens, cadernos de anotações, documentos pessoais e jornais de circulação nacional. Nossa investigação resultou em estudos sobre a cultura escolar e o cotidiano escolar; o lugar da escola enquanto instrumento de inclusão social de grupos marginalizados e de etnias sem poder; estudos para a compreensão de convivências com os diferentes sujeitos da diversidade, bem como entendimentos e possibilidades de formulação de políticas afirmativas, tendo como ponto de partida as práticas sociais e culturais do cotidiano escolar.

**Palavras – Chave:** Ciganos. Cultura Escolar. Diversidade Cultural. Direitos Humanos.



## RESUMEN

El presente trabajo es el resultado de una investigación llevada a cabo con un grupo de etnia romaní Calon, en el territorio de Seridó, específicamente la ciudad de Florânia, estado do Rio Grande do Norte / RN, como un lugar con la Escola Municipal de Domingas Francelina das Neves . El grupo se trasladó a las pruebas de un nuevo espacio en la ciudad en los principios de 1980, la construcción de casas para vivir de esta manera y fundar una escuela para sus hijos, desde el consumo de una cultura diferente a la manera de vivir y estar en el mundo, si los usuarios que hacen de las políticas públicas establecidas grupos sociales. Hemos elegido como base para el análisis de la importancia teórica y metodológica de la Escuela de Cultura Cultura Historia, conceptos y prácticas, estrategias y tácticas (Michel de Certeau), la entrevista completa (Kaufmann) y la memoria (Le Goff). Como una estrategia en la investigación de campo, se utiliza la técnica de observación participante (Minayo). En este trabajo, encontramos el ejercicio de la educación para la vida familiar, la práctica social y cultural de los gitanos, el trabajo de la institución de educación y los elementos postulada por los teóricos que abordan los cambios en los estilos de vida de la inclusión en la escuela, las culturas silenciadas o negada. La investigación representa una labor de diálogo intercultural en una investigación como resultado de intensas búsquedas en fuentes documentales y de archivo, después de haber sido un cuerpo empírico, con material de lectura en los archivos públicos de la Cidade de Florânia, Escola Municipal de archivo Domingas Francelina das Neves entrevistas, fotografías, películas, cuadernos, documentos personales y diarios de circulación nacional. Nuestra investigación tuvo como resultado en los estudios de la cultura escolar y la escuela, el lugar de la escuela como un instrumento de inclusión social de grupos marginados y los grupos étnicos, sin poder, los estudios para la comprensión de la convivencia con los distintos temas de la diversidad, así como la comprensión y posibilidades de la formulación de declaraciones de política, teniendo como punto de partida las prácticas sociales y culturales de la rutina escolar.

**Palabras - clave:** los gitanos. La cultura escolar. La diversidad cultural. Derechos Humanos.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 01- Cigana Maria da Conceição e seu neto.....	13
Imagem 02 - Crianças ciganas da Praça Calon nos anos 1980 do século XX.....	16
Imagem 03 - Alunos ciganos e não ciganos da Escola.....	18
Imagem 04 - Ciganos da Praça Calon em tarde de festa.....	23
Imagem 05 - Família de ciganos da Praça Calon.....	25
Imagem 06 - Família de ciganos estradeiros.....	33
Imagem 07 - Crianças ciganas da Praça Calon.....	36
Imagem 08 - Praça Calon.....	43
Imagem 09 - Cozinha improvisada de uma residência de ciganos na Praça Calon.....	47
Imagem 10 - Frente da casa de uma cigana em Florânia/RN.....	48
Imagem 11 - Cópia do Decreto de criação da Escola M. Domingas Francelina das Neves....	49
Imagem 12 - Crianças ciganas na Praça Calon.....	54
Imagem 13 - A octogenária Judith Cigana.....	56
Imagem 14 - Rita Targino.....	57
Imagem 15- Crianças ciganas em escola para ciganos no bairro Cidade Praia. Natal/RN.....	62
Imagem 16- Criança cigana.....	66
Imagem 17- Cena do velório.....	73
Imagem 18- Cena do funeral.....	73
Imagem 19- Capa e texto de cartilha.....	78
Imagem 20- O cigano Fernando Calon e a cigana Kalderash Mirian Stanescon.....	79
Imagem 21- Lideranças da PN do Brasil e na direita, a presença deste pesquisador.....	80
Imagem 22- Alunos ciganos.....	84
Imagem 23- Ciganos da comunidade Cidade Praia. Zona Norte de Natal/RN.....	90

## **LISTA DE MAPAS**

Mapa 01- O município de Florânia no Estado do Rio Grande do Norte.....	37
--	----

## **LISTA DE QUADROS E DE ESQUEMA**

QUADRO 01 - Quadro de detalhamento da investigação.....	20
QUADRO 02- Quadro temático das entrevistas.....	28
QUADRO 03- Quadro demonstrativo dos participantes da pesquisa.....	34
QUADRO 04- Quadro aproveitamento escolar.....	50
ESQUEMA 01- Etapas da entrevista compreensiva.....	29

## **LISTA DE SIGLAS**

CERES - Centro de Ensino Superior do Seridó

DOPEDC - Diretrizes Operacionais para Educação do Campo

DNEDH - Diretrizes Nacionais de Educação em Direitos Humanos

PNB - Pastoral dos Nômades do Brasil

ONGs - Organização Não Governamental

OIT - Organização Internacional do Trabalho

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

MST - Movimento dos Sem Terra

SEEC - Secretaria de Estado da Educação e da Cultura

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
<b>1 CAPÍTULO PRIMEIRO, AS PRIMEIRAS COISAS.....</b>	<b>13</b>
<b>2 CAPÍTULO NOS RASTROS DOS VIAJANTES.....</b>	<b>17</b>
2.1 DE ONDE NASCEM AS TRAMAS...AS FONTES E O TRABALHO DE GARIMPAGEM NOS ARQUIVOS.....	30
2.2 O TEMPO DA TRAVESSIA... NO TABULEIRO DO JOGO.....	35
<b>3 CAPÍTULO QUANDO OS PASSANTES SE ENTRECruzAM OU ENTRELAÇAMENTOS DE PERCURSOS.....</b>	<b>37</b>
3.1 PORQUE NÃO SOU DO MAR GANHEI AS TERRAS... OU DAS TENDAS ÀS TELHAS... AVINHADA DE CALÉNS NADORRA CHEME.....	42
<b>4 CAPÍTULO NO MEIO DO CAMINHO, UMA ESCOLA.....</b>	<b>49</b>
4.1 UM BRASIL PLURAL NO CAMINHO.....	77
<b>5 CONCLUSÃO TRAVESSIAS ACABSANDO... da palavra acabisar... acabar...</b>	
Concluir.....	92
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>97</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>103</b>

## INTRODUÇÃO



**Imagem 01** – Cigana Maria da Conceição e seu neto.  
**Fonte:** Bezerra. (2003).

### 1 CAPITULO PRIMEIRO, AS PRIMEIRAS COISAS

Investigar os ciganos, sua cultura, sua educação, significa ao pesquisador adentrar num universo de mistérios e de surpresas recorrentes, pois desde nossa infância o mundo dos *errantes* preenche nossas mentes com imagens do desconhecido, abismos do inconsciente, sonhos e fantasias que estão envoltos no espaço infinito de possibilidades e reflexões.

Quando imaginamos ou nos deparamos com ciganos, aspectos do belo, do festivo e também do temor ascendem as nossas mentes. São sentimentos e lembranças que nos

retornam à infância nos lugarejos, nas fazendas, nas férias escolares, que nos remetem a saudades dos nossos familiares.

Nossas avós, nossos pais, viveram fortemente esses sentimentos carregados de alusões ao significado do ser e do existir do cigano. Por isso, nos vem à mente a figura dos nossos antepassados que contavam as aventuras do desconhecido. E nesse desconhecido estavam presentes os ciganos que preenchiam seu imaginário com os medos dos perigos, com suas pragas e com seus castigos. Quem não temeu o cigano que advinha a vida das pessoas? O cigano que lê o futuro por meio da palma da nossa mão?

Mesmo sob esses aspectos, os ciganos escondem muitos segredos, temores e sofrimentos. Condenados a viverem à margem das sociedades, são freqüentemente vitimados pela ausência de direitos sociais e se tornaram invisibilizados, famintos, mendigos, sábios, diversos e guerreiros da vida.

A diversidade de vida que circunda o mundo cigano nos leva a confundi-los com outros tipos de nômades. Estão em vários lugares, e muitas vezes nem percebemos. Encontramos ciganos em circos, em teatros, parques de diversões. São músicos, estudantes, artistas, artesãos, poetas, operários, professores, profissionais liberais, funcionários públicos, atores e atrizes da televisão, e até mesmo empresários. Costumeiramente, os meios de informação somente exibem realidades de vida de alguns grupos opulentos de riquezas materiais. Por outro lado, há uma tendência generalista que busca uniformizar o termo cigano. Os dicionários elencam muitos significados para essa gente. O pesquisador e folclorista potiguar Luiz da Câmara Cascudo apresenta, em seu Dicionário do Folclore Brasileiro (1984, p.229), o verbete “Ciganos” com uma complexa revisão histórica desse povo desde a saída da Índia, sua dispersão por diversos lugares, vagando nos países da velha Europa, e faz alusões à chegada do Cigano Johan Torres ao Brasil por força do alvará de D. Sebastião, em 1574, como pena de degredos de Portugal. Cita em seu trabalho uma completa versão dos fatos que permeiam as informações de diversos pesquisadores considerados *ciganólogos* na atualidade, reconstituindo os percursos pelos estados no nordeste brasileiro e a presença desses ilustres desconhecidos no campo da produção literária nacional, sem negar-lhes as denominações estigmatizadoras que sempre fizeram parte do universo de vida dos povos nômades. Já na 10ª edição do mesmo dicionário, publicado no ano de 2001, pela Global, o verbete ganha acréscimo:

CIGANO. Ainda mantém o costume de ‘ver a sorte’ do costume pelas cartas do baralho (cartomancia) ou pela ‘leitura de mão’ (quiromancia). No interior de São Paulo, muitas vezes encontram-se bandos acampados, cozinhando sua comida no tripé, em tachos de cobre que também costumam vender aos ‘visitantes’. Em suas carroças eles expõem grande número de objetos de cunho religioso ou mágico das mais diversas origens, amuletos, feitiços. São as mulheres, geralmente, que saem vendendo esses objetos, propondo a leitura da mão para ‘ver o futuro’ dos interessados, ou apenas pedindo esmolas. O cigano no Brasil, como fenômeno folclórico de aculturação ao meio, tem sido objeto de estudo e pesquisa. (CASCUDO, 2001, p. 141).

A referência presente nas duas edições do Dicionário do Folclore Brasileiro evidencia o que costumeiramente temos encontrado na literatura quando alguns pesquisadores desconhecem as denominações e diferenças de grupos ou clãs que estão distintos e que servem para diferenciar determinados comportamentos e condições sociais de vida cotidiana entre os ciganos.

São muitas as denominações dos grupos ou clãs. Para alguns estudiosos a denominação mais correta desse povo seria Rom ou Roma. Macedo (1992) os denomina como sendo grupos Kalon, Hoharanó (roraranó), Kalderash, Matchuaiya, Tchurari e Lovara. Na obra *Lilá Romai - Cartas Ciganas O verdadeiro Oráculo Cigano*, Mirian Stanescon os considera como Rom e os sub divide em clãs denominando-os de Kalderash, Moldowaia, Sibiaia, Roraranê, Hitalihiá, Mathiwia e Kalê. Para o estudioso Frans Moonem (1994, p.14) essa divisão ocorre assim:

Os Rom ou Roma, que falam romaní; os Sinti ou Manouch, de língua sinto; e os Calon ou Kalé, que falam a língua Kaló. Cada um desses grupos é dividido em vários subgrupos; cada subgrupo divide-se em comunidades familiares, e estas, por sua vez, em famílias. [...] Os Rom predominam na Europa Central; os Sinti, na Europa Ocidental, e os Calon, nos países ibéricos.

Neste trabalho, nos reportamos somente a um grupo étnico que se denomina Calon. Os Calon, que por dias a fio foram observados, entrevistados, fotografados, filmados, incomodados e tiveram suas vidas invadidas pela nossa curiosidade no nosso percurso investigativo. São aos Ciganos Calon descendentes das famílias Carnaúba, Targino, Soares, que aportaram na cidade de Florânia/RN, nos anos 1980, a quem nos referimos constantemente no nosso trabalho. Os ciganos da Praça Calon, dispostos na foto a seguir:





**Imagem 02** - Crianças Ciganas da Praça Calon nos anos 1980 do século XX.  
**Fonte:** (O autor)

Chapéus, roupas coloridas, jóias, lenços, pés em botas ou descalços. Os *errantes* que possuem as estradas como morada, as cidades como passagens e a imagem de si como aspecto de vida, nos levam a navegar em mares de ansiedades, de descobertas e de novas construções historiográficas.

## 2 CAPITULO NO RASTRO DOS VIAJANTES

“[...]

Minha casa não é minha

E nem é meu este lugar

[...]

Solto a voz nas estradas

Já não quero parar

Meu caminho é de pedra

Como posso sonhar?

Sonho feito de brisa, vento vem terminar

[...]

Vou seguindo pela vida me esquecendo de você

Eu não quero mais a morte, tenho muito que viver

Vou querer amar de novo e se não der não vou sofrer

Já não sonho, hoje faço com meu braço o meu viver

Solto a voz nas estradas, já não posso parar

Meu caminho é de pedras, como posso sonhar?”

**Travessia**

(NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando, 1967)

A oportunidade de cursar o Magistério, na Escola Estadual Teônia Amaral em Florânia/RN, proporcionou a condição de me tornar professor, ingresso esse por meio de Concurso Público realizado no ano de 1986. Coincidentemente, no mesmo período, ingressei no Curso de Pedagogia – Licenciatura Plena com habilitação em Administração Escolar, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Campus Avançado de Currais Novos. O curso conduziu a um crescimento intelectual no campo das lutas pela qualidade do ensino, uma vez que ocorria no cenário nacional, o processo de redemocratização social, o debate do político engajado e a presença de leituras advindas dos movimentos de reconstrução pela consolidação de direitos. A Constituição democrática de 1988 se definia com trajetórias de avanços e em ação estavam os protagonistas que buscavam na educação as possibilidades de uma sociedade emancipatória.

Após a conclusão da referida graduação, voltei ao trabalho docente na cidade de Florânia, na condição de Secretário Municipal de Educação e no cargo de professor de Didática e Prática de Ensino no Magistério, na mesma escola onde havia concluído o curso e me tornado professor de Estudos Sociais das primeiras séries do Ensino Fundamental. Ter me tornado professor foi à condição fundante do trabalho de pesquisa em referência.

O nosso interesse pelo objeto de estudo ora discutido se deu em decorrência de um trabalho educativo que tivemos a oportunidade de realizar na Escola Municipal Domingas Francelina das Neves, em Florânia, no bairro Rainha do Prado, com alunos da disciplina Prática de Ensino e Estágio Supervisionado. A referida escola, em sua trajetória, apresentava altos índices de evasão e repetência, e serviu de campo de estágio para nossos alunos. Nesse sentido, vivenciei o encontro de duas culturas distintas – ciganos e não ciganos em um mesmo espaço de interação social, seus conflitos e as conseqüências de um trabalho educativo permeado por equívocos e conseqüências de insucessos.



**Imagem 03-** Alunos ciganos e não ciganos na escola Domingas Francelina das Neves. Florânia/RN.

**Fonte:** (O autor)

Após um longo trabalho de investigação, elaboramos uma monografia intitulada “Sem lenço e sem documentos: em que escola estudar?”, produzida por ocasião do nosso ingresso no Curso de Especialização em Formação de Professores numa Perspectiva Interdisciplinar, promovido pelo CERES/UFRN, em Caicó, Rio Grande do Norte.

Dessa feita, nosso foco investigativo pautava-se pela necessidade de compreender o interesse pragmático dos ciganos com relação à educação sistematizada, o que despertou nosso desejo de aprofundar conhecimentos sobre os aspectos da história e da cultura desse grupo social/étnico.

Essas oportunidades contribuíram decisivamente para que eu pudesse encontrar numa instituição escolar da rede municipal de ensino o objeto que investigaria por anos a fio e que passo a compor neste trabalho conclusivo e em forma de narrativa historiográfica, um recorte de acontecimentos, apropriações e formação de sentimentos, pluralidade de práticas e representações, comportamentos, institucionalização, regulamentação e sua transformação no tempo e no espaço, bem como culturas e vivências, apoiados em fontes orais e arquivísticas.

O ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no ano de 2010, representou uma oportunidade ímpar no sentido de evidenciar o trabalho de pesquisa garimpado há mais de 15 anos de buscas incansáveis, encontros e desencontros. De posse de uma escassa literatura científica sobre a temática e na companhia de um amontoado de relatos, cadernos de anotações, fotografias, recortes de jornais, ancoravam a sensibilidade e a vontade de contar para o mundo sobre o estágio de vida em que homens e mulheres denominados Calon viviam na cidade onde nasci como também suas experiências com a instituição escolar, motivo este que sempre me induziu a insistência em construir um arcabouço teórico sobre o fenômeno em discussão. Assim, perseguimos o trabalho de pesquisa com o objetivo de investigar as práticas educativas e culturais dos Ciganos do Grupo Calon, localizado na cidade de Florânia/RN, reconstruindo sua historicidade numa perspectiva sócio-cultural.

Para uma melhor compreensão da trajetória de nossa pesquisa, procurei escrever em um quadro demonstrativo, as etapas constitutivas da investigação até a escrita do relatório final do trabalho que é denominado de dissertação. Neste quadro, que denomino Quadro de Detalhamento da Investigação, procuro esclarecer as fases da pesquisa da seguinte forma:

<b>Etapas</b>	<b>Atividades realizadas</b>	<b>Períodos</b>
Ingresso no Magistério e encontro com o objeto de estudo na condição de Professor de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado.	Atuação como professor orientador no Estágio Supervisionado, na Escola Municipal Domingas Francelina das Neves.	Ano de 1995.
Ingresso no Curso de Especialização em Formação de Professores no Campus de Caicó/RN.	Pesquisa e produção da Monografia “Sem lenço e sem documentos: Em que escola estudar?”.	Entre 1999 a 2001.
Participação como aluno especial no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN no grupo de Educação, História e Práticas Culturais.	Estudos no campo da História da Educação, Cultura, Práticas Culturais e Ensino da História.	Entre 2002 a 2004.
Ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação na condição de aluno regular.	Estudos teóricos, pesquisa, e produção do relatório final – dissertação de mestrado.	Entre 2010 a 2012.

**Quadro 1-** Quadro de Detalhamento da Investigação

Elaborado pelo autor.

Nos estudos realizados com o grupo de pesquisa História da Educação, Práticas Socioeducativas e usos da linguagem conhecemos, os pressupostos teóricos e epistemológicos da História Cultural, abordagem essa em que nosso trabalho ganha centralidade. Aprendi no dia a dia a lapidar a mim, como pesquisador em História da Educação, e meus textos, produzidos em meio às angústias da busca de se apropriar das terminologias da teoria da história e historiografia da educação. Isto ocorreu pelo fato de ter minha formação acadêmica inicial no curso de Pedagogia, percebia uma lacuna em torno desse campo teórico, bem como, entender de que forma se organizava e sistematizava as entrevistas, a escassez dos dados coletados, as minúcias que a perspectiva da história cultural balizava.

Durval Muniz (apud NEGRO, 2009) em seu texto O Tecelão dos Tempos: o historiador como artesão das temporalidades, enfatiza que o fazer historiográfico não se aprende apenas nos bancos escolares, nem apenas ouvindo ou lendo como se deve fazer, tampouco lendo manuais de metodologia ou de técnicas de pesquisa. Para o autor, a formação do historiador deve ser um conjunto de fazeres que envolve a dimensão prática do aprendizado de uma arte, de um artesanato, um saber que exige treinamento, repetição de tarefas e crítica permanente para o aperfeiçoamento do que se faz em busca de uma virtuosidade, de uma destreza manual e intelectual. Mas, o prazer de buscar compreender os sujeitos da pesquisa, o cotidiano e a história de vida de homens e mulheres que

proporcionavam, no momento, a condição de ter o seu cotidiano dado a ler, me lembrava Certeau (2003, p.43), quando cita Sojcher em trechos poéticos:

E eu me esquecia do acaso da circunstância, o bom tempo ou a tempestade, o sol ou o frio, o anoitecer e o amanhecer [...] a mensagem, ouvida a meias, a manchete dos jornais, a voz ao telefone, a conversa mais anódina, o homem ou a mulher anônimos, tudo aquilo que fala, rumoreja, passa, aflora, vem ao nosso encontro.

Mas o que é afinal História Cultural? Burke (2000, p.13) afirma que “não há concordância sobre o que constitui história cultural, menos ainda sobre o que constitui cultura.” Em suas afirmações, conclui que a História Cultural remonta do século XVIII, quando Johan Christoph Adelung publica, na Alemanha, um “Ensaio de uma história da cultura da raça humana”. Daí, então, indica uma variedade de obras escritas sobre as temáticas da língua e da literatura, histórias de artistas, artes e música, história da doutrina, história das disciplinas, história dos modos de pensamentos, pelos humanistas entre os séculos XV e XVIII; e que o século XIX “testemunhou uma extensa lacuna entre a história cultural, basicamente abandonada à história amadora e profissional, e história ‘positivista’ cada vez mais interessada em política, documentos e ‘fatos concretos.’ ” (BURKE, 2000, p.36).

Ainda no início do século XX, grupo de estudiosos lança na França uma revista que ganha o título de “A Escola dos Annales”, o que provoca, em três gerações seguidas, uma nova percepção da historiografia escrita pela humanidade. Bloch, Febvre, Braudel propõem uma nova linguagem, de novos argumentos, de novas interpretações e de novos objetos para a pesquisa científica. Um novo conceito de cultura justifica os fenômenos sociais. É a vez da história das mentalidades, da curta e da longa duração. Le Goff, Burke, Certeau, Halbwachs, Duby, Nora, Benjamin deram continuidade a esse movimento renovador.

As transformações ocorridas no mundo moderno e o avanço das pesquisas provocaram mudanças de atitude na forma como os historiadores constroem suas versões sobre a vida dos homens e suas diferentes culturas. Para Le Goff, Michel Foucault é o expoente da nova historiografia. É ele o historiador dos desviados da história, o historiador da loucura, da clínica, do cárcere, dos novos objetos provocadores da história. Surgem as novas metodologias que variam de acordo com os objetos estudados e produzem a garimpagem nos arquivos da história. É essa a história que permite que seja ouvida a fala de grupos étnicos que não escreveram a sua história e, submetidos, deixaram que o silêncio representasse a manifestação das suas lembranças.

Em comunidades tradicionais, constituídas muitas vezes por povos sem escritas, o que Le Goff (1996) cita como sociedade sem escritas, e que consideramos como sociedade ágrafa, somente através de um fio condutor conhecido como a memória é que se permite a transmissão da sua cultura às novas gerações. São incluídos aí, os índios, os ciganos, os mendigos e alguns povos da Índia e da África. Com os novos recursos da historiografia, o que era dado como letra morta passa a ter vida. Assim, a memória tornou-se então categoria de análise da história e a fala dos excluídos ganha a importância de ser ouvida e escrita.

Em decorrência, as pesquisas em história da educação ganham novas nuances na escolha dos objetos e na maneira de abordagem. Passam a ser valorizadas nas novas investigações a cultura e o cotidiano escolares, a instituição escolar, os professores e professoras, os alunos e alunas, as práticas pedagógicas. Percebemos que os modelos de explicação histórica até então consolidados perdem terreno para os pesquisadores da história da educação. Como afirmam Galvão e Lopes (2010, p. 35):

A história da educação tem incorporado categorias teorizadas em outras áreas das ciências humanas, consideradas imprescindíveis para compreender o passado dos fenômenos educativos. É o caso dos conceitos como gênero, etnia e geração.

Assim, as **práticas** culturais dos ciganos da Praça Calon aqui reconstruídas passam a ser analisada sob a ótica conceitual de Certeau (2003), que infere sobre as artes de fazer, ou maneiras de pensar e agir no cotidiano do homem ordinário. Em sua teoria das práticas cotidianas, percebe-se nos homens comuns as maneiras de fazer o mundo, ou seja, modalidades de ação que se manifestam na forma de **estratégia** ou de **tática**, e escolhemos para assim constituírem as categorias de análise do presente trabalho.

Para Certeau, as táticas se constituem na arte do fraco, que ao proceder seu feito raramente deixa vestígios. Na condição são as engenhosidades que permite ao fraco tirar partido do forte, e que estes se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sociocultural. No caso contrário, as estratégias partem dos que asseguram suas marcas para a história. É o conjunto de técnicas, “cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que o sujeito de querer e poder é isolável”. (CERTEAU, 2003, p. 46). Neste movimento constante de apropriação e modalidades de usos, o autor supracitado propõe uma (re)invenção do cotidiano.

Nos primeiros momentos da pesquisa, despertada a curiosidade sobre a identidade dos atores protagonistas do trabalho, eis que surge a necessidade de conceituar e compreender o povo cigano. Eram muitas dúvidas e necessidades de explicações. Nasceram os primeiros questionamentos, as questões ou hipóteses que iríamos perseguir durante nossa trajetória: quem são esses ciganos, de onde vieram? Quantos são? O que mesmo querem na escola? Quantos se matricularam? O que levou os pais a matricularem seus filhos na instituição de ensino, mesmo que, em que algumas vezes, nunca cheguem a frequentar a escola? Nesta foto, percebemos os traços culturais característicos de um povo diferenciado socialmente.



**Imagem 04** - Ciganos da Praça Calon em tarde de festa.

**Fonte:** (O autor)

Na busca de interlocutores sobre a temática, encontramos o trabalho de Martinez (1989) que faz em sua obra “Os ciganos” uma nova abordagem sobre esse povo e sua história, entrecruzando as teorias que explicitam a origem, o percurso e a dispersão dos ciganos pelo mundo. Relata ainda em uma explanação, os comportamentos culturais, como os traços materiais artísticos, espirituais, comuns e transmissíveis que as mudanças sociais das culturas vizinhas e a mobilidade social ascendente não conseguiram fazer desaparecer. A pesquisadora ainda lança mão de uma nova discussão sobre a situação dos ciganos no mundo atual quando expressa “Será que esses grupos que antes nos campos erravam da fazenda para o vilarejo e de cidade em cidade, e nas favelas dos centros urbanos, formam uma ilha social ou uma minoria étnica?” (MARTINEZ, 1989, p.28). Na sua contribuição, a autora incorpora nas pesquisas acadêmicas ainda incipientes nesta temática, novas postulações sobre os autores e



trabalhos científicos que contribuíram para a compreensão dos povos nômades e populações flutuantes no mundo moderno.

De outro modo, no ano de 1999, a pesquisadora Márcia Ondina Vieira Ferreira, publica na Revista Brasileira de Educação, um trabalho de investigação denominado “Identidade Étnica: condição marginal e o papel da educação escolar na perspectiva dos ciganos espanhóis”, onde introduz um debate sobre a influência da educação escolar na vida dos ciganos da Espanha, fazendo um estudo comparativo com o sistema de ensino da região sul do Brasil que assiste aos ciganos de grupo distinto e evidencia seus diversos conflitos no campo da educação. Conclui seu trabalho com uma afirmação consistente, orientando que “Só uma educação intercultural, voltada para a valorização da convivência e dos valores culturais das pessoas das diferentes etnias, pode garantir êxito das crianças das camadas populares na instituição escolar”. (FERREIRA, 1999, p. 59). Reforça a discussão sobre os aspectos de uma nova posição da cultura escolar, que implica na possibilidade de romper com o trabalho monocultural e avançar num currículo intercultural.

Frans Moonem, antropólogo e pesquisador, realiza, no estado da Paraíba, um levantamento dos aspectos sociais dos ciganos da cidade de Souza e produz uma leitura antropológica sobre a origem do grupo Calon, sua genealogia e condições de vida em pleno final do século XX. Afirma serem estes pertencentes ao grupo Calon, descendentes de ciganos portugueses, que migraram para o Brasil voluntária ou compulsoriamente (MOONEM, 2008). É importante citar as contribuições acadêmicas das pesquisas de Mardes Pereira da Silva “Ciganos Calon na cidade de Natal”, dissertação de mestrado do Curso de Ciências Sociais Bacharelado em Sociologia e Antropologia na UFRN, Natal/RN, no ano de 2002; o trabalho de Virgínia Kátia de Araújo Souza, intitulado “Ser domesticado e ser nômade”: um estudo sobre identidade cigana no município de Cruzeta-RN, dissertação de mestrado do Curso de Ciências Sociais Bacharelado em Sociologia e Antropologia da UFRN, Natal/RN, no ano de 2011; bem como a tese da Prof<sup>a</sup> Dra. Patrícia Maria Lopes Goldfarb, “O tempo de trás”: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa- PB, tese de doutorado em sociologia da cultura pela Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB no ano de 2004.

Macedo (1992), em sua obra “Ciganos, natureza e cultura”, lança luzes sobre a história e os costumes dos ciganos e contribui decisivamente para esclarecer questões relativas ao mundo nômade, a linguagem e a língua, códigos morais e suas tradições dispersas em diferentes grupos e subgrupos, bem como seus aspectos sociais no Brasil e no mundo. Em outros estudos, encontramos aporte histórico, mas sem demonstrar interesse no foco da nossa

investigação, dessa forma, preferimos adentrar no universo das obras citadas para constituir o corpo do trabalho proposto.

Segundo Nunes (1992), os estudos históricos são geralmente formulações baseadas em matizes teóricas e da empiria, recolhidos em fontes expressas e arquivísticas, geralmente lacunares, irregulares e residuais. No nosso caso, cabe ao pesquisador construir suas fontes e eleger prioridades, uma vez que o grupo Calon não dispõe de documentos arquivísticos, leis ou decretos. Dessa forma, recorreremos à observação de fatos vividos, memórias, falas, olhares, fotografias. Por diversas vezes visitamos esta família exposta na foto, que nos proporcionou muitas informações sobre o modo de viver do povo Calon.



**Imagem 05** – Família de ciganos da Praça Calon. Florânia/RN.  
**Fonte:** (O autor)

Desse modo, faz-se necessário considerar a multidisciplinaridade da temática e adotar um leque de possibilidades metodológicas, onde se pode contar com diversos recursos da pesquisa para o alcance dos objetivos. O percurso investigativo consta de técnicas de pesquisa de campo, que tem a intenção de recolher, registrar, de maneira ordenada, os dados estudados. Minayo (2007, p. 202) afirma que:

a pesquisa social trabalha com gente e com suas criações, compreendendo-os como atores sociais em relação, grupos específicos [...]. Os sujeitos/objetos de investigação são construídos teoricamente enquanto componentes do objeto de estudo.

A abordagem qualitativa de uma investigação social, segundo essa autora, percebe as práticas sociais como atividades humanas carregadas de significados, as quais dão sentido à

vida dos atores sociais. Numa abordagem de cunho qualitativo, a pesquisa ganha uma configuração interpretativa e permite ao pesquisador priorizar o ponto de vista dos atores. Em suas elaborações, a autora assinala que a pesquisa qualitativa, nas ciências sociais, preocupa-se:

com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p. 21-22).

A técnica de observação participante colaborou com a construção de novos conceitos para uma explicação da realidade social, pois pode ser considerada como parte essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa. Minayo (2007) define como sendo um processo pelo qual se mantém a presença do observador numa situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. Nos acampamentos visitados nos municípios de Jucurutu, Caicó, Tangará e nas casas situadas em bairros residenciais, nas periferias visitadas em Natal, no Rio Grande do Norte; Souza na Paraíba; região do entorno da cidade de Coimbra em Portugal, foram realizadas observações e anotações em diário de campo para leitura e análise da realidade cotidiana dos ciganos, com o objetivo de compará-las com a literatura existente sobre essa etnia.

Utilizamos também a técnica da entrevista, uma das mais importantes ferramentas metodológicas na construção do presente trabalho. As entrevistas preenchem lacunas em casos em que os testemunhos escritos são raros, pois, como afirmam Galvão e Lopes (2010), permitem visualizar rostos e escutar a voz de parcelas da população homogêneas e que, embora expressem uma época e pertencimento de gênero, etnia e origem, são indivíduos singulares. Com autorização prévia foram realizadas entrevistas semi-estruturadas gravadas com auxílio de novas mídias em tecnologias (filmagens, fotografias, gravações em áudio). Conforme Triviños (1995), a entrevista semi-estruturada valoriza a presença do investigador, oferecendo todas as perspectivas possíveis a fim de que o informante alcance a liberdade e espontaneidade necessárias, o que favorece o enriquecimento de uma investigação. Segundo sua compreensão, a entrevista semi-estruturada, parte, em geral:

[...] de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo

espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar da elaboração do conteúdo da pesquisa (TRIVIÑOS, 1995, p. 146).

Ao investigar as realidades sociais, o pesquisador trabalha com uma realidade constituída por sujeitos que se relacionam por meio de práticas que recebem identificação e significados por meio da linguagem que descreve. Assim, a tarefa de analisar as falas dos ciganos neste trabalho deu-se com a orientação metodológica da “entrevista compreensiva” (KAUFMANN, 1996) onde o objeto de estudo se constrói paulatinamente por meio de uma elaboração teórica construída no dia a dia, a partir das hipóteses forjadas no campo da pesquisa. A palavra do sujeito, nessa metodologia, tem um suporte antropológico e é o eixo de partida para entender os aspectos do trabalho de investigação.

Para SILVA (2004, p.3), a metodologia compreensiva se constitui como uma metodologia que se organiza por meio da palavra e toma-se a palavra na sua oralidade, através de entrevistas conduzidas pela intenção de interpretar os sentidos, os valores explicitados pelos sujeitos. Esta metodologia dispensa a utilização de procedimentos rígidos, permitindo que o pesquisador trabalhe mais livremente com sua capacidade criadora e com mais imaginação.

Para tanto, SILVA (2006, p.4) firma que a escuta sensível é um fator predominante nesta metodologia uma vez que o pesquisador necessita estar disponível “para captar, aproveitar um provérbio, discernir uma alusão, para reconstruir todo o sistema simbólico” e, dessa forma, “perceber as coisas do ponto de vista do outro”. Portanto, a autora ainda considera que o trabalho de pesquisa que utiliza a entrevista compreensiva é um trabalho de “artesanato intelectual”, que é “aquele que sabe dominar e personalizar os instrumentos e a teoria, dentro de um projeto concreto de pesquisa. O pesquisador é, ao mesmo tempo, o homem de campo, o metodólogo e o teórico.” (SILVA, 2006, p.4).

Pra melhor orientar o trabalho de pesquisa, construimos um plano de análise das entrevistas. Então, articulamos o trabalho de empiria e buscamos um diálogo com as teorias previamente selecionadas sobre a temática em questão. Pouco a pouco, o plano foi articulado pelas entrevistas e numa atitude de comparação, percebemos que o plano de pesquisa sofreu novas configurações à medida que fomos procedendo com a escuta das entrevistas. Todo o trabalho de entrevistas significou uma situação de troca em que entrevistador e entrevistados se envolveram por meio de uma conversação sobre o tema em comum. Nesse sentido, procuramos nos unir - eu e o entrevistado - num exercício de iguais.

Tomando por base um roteiro de questões em blocos temáticos sobre a história dos ciganos no mundo, a escola, educação para os ciganos, e alternativas do trabalho pedagógico; as novas diretrizes da Educação Básica e as possibilidades de inclusão étnico-racial como as novas leis; o trabalho de alfabetização com os ciganos nos acampamentos e alternativas do trabalho pedagógico; a passagem dos primeiros ciganos pelo município de Florânia/RN; os conteúdos; a denominação da escola, a importância da escola para o povo cigano; a origem dos ciganos e costumes dos ciganos, elaboramos um quadro que denominamos como Quadro Temático, uma espécie de enquete que construímos para facilitar o percurso da pesquisa:

Bloco de temas investigados	Entrevistados na pesquisa	Roteiro das entrevistas
Escola	Rita Targino, Francisca Costa, Terezinha Dantas	A escola, os conteúdos estudados e o trabalho do professor, a história da escola.
Educação Escolar	Rogério Calon	Alternativas do trabalho de alfabetização nos acampamentos e o que se aprende e como se aprende.
Alfabetização	Ignez Edite Carneiro, Padre Renato Rosso, Rogério Calon.	Como ensinar aos ciganos e alternativas de alfabetização.
História do povo cigano	Memeu, Carrim, Severino Oliveira, Maria Carnaúba.	A importância da escola para os ciganos, a origem dos ciganos e costumes dos ciganos, história dos ciganos em Florânia/RN.
Legislações da Educação	Maria do Carmo Medeiros	A nova legislação da educação brasileira no contexto étnico racial.

**Quadro 2** - Quadro Temático das entrevistas.

Elaborado pelo autor.

Dessa feita, os aspectos e a forma como procedemos no tratamento das fontes de entrevistas, na metodologia citada, serão apresentados no tópico do trabalho que traremos a seguir. E, tomando por base o referencial teórico e o entrecruzamento das fontes, procuraremos refletir sobre as práticas educativas e culturais do Grupo de Ciganos Calon na cidade de Florânia/RN articulando os registros escritos aos depoimentos tomados como fontes durante o período de pesquisa. Para evidenciar a sistematização do trabalho, retrataremos em um esquema cíclico que representa esta intervenção:



**Esquema 1** – Etapas da entrevista compreensiva.

Elaborado pelo autor.

Foram incontáveis as dificuldades enfrentadas no percurso da pesquisa. Realizar entrevistas, anotações e gravações, um trabalho árduo, em função de uma característica peculiar e que fortemente marca o povo cigano – o nomadismo. Quando iniciamos o trabalho de filmagens e algumas entrevistas complementares, muitos ciganos já haviam partido em suas viagens, levando consigo seus filhos dantes matriculados na escola em que o pesquisador atuava.

A espera do retorno dos ciganos Calon também necessitava de parcimônia para a conclusão de anotações, confirmações e compilação dos dados. Somam-se às constantes viagens dos ciganos, suas mudanças por diversos lugares e acampamentos em outras cidades, a resistência em não dizer, falar, repassar informações precisas, a recusa por uma pose para a fotografia, o temor da delação, revelação, a troca de nomes e apelidos que utilizam como astúcia e que contribui para os (des)aparecimentos constantes. Sentimos, também, a incompreensão de algumas pessoas que não aceitavam os ciganos como atores de um trabalho de pesquisa, pois as relações de preconceito entre os ciganos e os não ciganos ainda são muito fortes.

A escassez de bibliografias ou até mesmo de pesquisas científicas sobre o povo cigano já pode ser considerada vencida pela *internet*, uma vez que informações nas áreas de sociologia e antropologia têm sido construídas com certa frequência e abordam os aspectos étnicos e culturais desse povo. São contribuições importantes para o avanço no debate das questões teóricas no campo étnico-racial e cultural das identidades das minorias no nosso país. Entretanto, nos aspectos educacionais com relação a esta etnia, encontramos pouco material de divulgação presente nas redes de informações.

A justificativa para a realização do presente trabalho reside na sua originalidade temática e relevância em proporcionar reflexões acerca dos modos de vida cigana e de reconhecer, por meio da pesquisa, as dificuldades de oferecer aos povos ciganos uma educação que interessa aos que vivem em constante itinerância. Ainda vislumbra a possibilidade da construção de uma proposta de educação diferenciada para grupos minoritários que vivem em condições de pobreza e marginalidade. Além disso, acreditamos construir referências para possíveis mudanças de atitudes com relação à elaboração de políticas públicas afirmativas, permitindo novos olhares e atitudes sobre a situação de vida dos ciganos e outros grupos que aportam nas cidades do interior. Assim, a história desse povo nômade ou seminômade, que por muito tempo teve sua vida envolta em mistérios e silêncios, tem a oportunidade de manifestar-se, ser contada, ouvida e escrita.

## 2.1 DE ONDE NASCEM AS TRAMAS: AS FONTES E O TRABALHO DE GARIMPAGEM NOS ARQUIVOS

As fontes históricas são fundamentais na construção do trabalho de investigação. São elas que permitem ao pesquisador reconstruir o passado. Ao analisar os dados das fontes, os materiais produzidos em uma dada época, o pesquisador realiza a operação historiográfica, que constitui os processos de interpretação e escrita do trabalho. Portanto, lidar com as fontes exige do pesquisador atenção suficiente para não estabelecer divergências nas informações que deseja expor no *corpus* do trabalho, cuidado com a própria interpretação dos fatos, intuição para perceber nas entrelinhas o não dito, como afirma Certeau (1994), as suposições encontradas, criatividade, sensibilidade com o que se pretende construir. A seleção das fontes deve ser compreendida como um processo rigoroso, como forma de buscar garantir a maior possibilidade de sustentação e fidelidade aos fatos. Galvão e Lopes (2010, p.66) afirmam que:

os objetos utilizados na escola têm se tornado uma fonte fundamental nos estudos de história da educação. Carteiras, utensílios, cadernetas de professores, exercícios, provas, boletins escolares, livros de ocorrência, trabalhos de alunos, uniformes, quadros-negros, bibliotecas escolares, livros dirigidos ao estudante ou ao professor... Esses objetos podem fornecer ao pesquisador indícios de como eram os métodos de ensino, a disciplina, o currículo, os saberes escolares, a formação de professores etc.

Estes foram aspectos que nos levaram a buscas incansáveis aos arquivos da Escola Municipal Domingas Francelina das Neves, onde encontramos fontes como Diários de

Classes das professoras que atuaram no período estabelecido como recorte temporal e as Atas de Resultado Final. JULIA (2001, p.17) nos chama a atenção quando afirma: “sem dúvida não devemos exagerar os silêncios dos arquivos escolares”. No arquivo Público da Prefeitura Municipal de Florânia, selecionamos algumas provas documentais que constam de aforamentos de terrenos públicos doados para a construção das casas dos ciganos. Além disso, utilizamos algumas filmagens, anotações, fotografias e jornais de circulação, que nos permitiu o cruzamento de dados e fontes diversas.

Nos momentos que antecederam as visitas, elaboramos alguns instrumentos com a expectativa de perceber como se daria a evolução da construção do objeto de pesquisa e construímos alguns blocos temáticos, embora muitas vezes as conversas fugissem do âmbito das nossas intenções, mas procurávamos sempre retomar ao tema e conseguíamos construir uma sequência coerente. Ao final da tarefa, construímos as fichas de interpretação das falas e os planos evolutivos para a reprodução fidedigna do texto que fora coletado nas entrevistas.

As falas dos entrevistados foram de grande importância na construção do trabalho, uma vez que permitiram ao pesquisador ouvir a emoção dos participantes da pesquisa e possibilitou a construção de pressupostos na escrita do trabalho. Sem causar incômodo, com cuidados na observação de alguns fatos do grupo, fomos construindo passo a passo um arcabouço de anotações sobre o que ouvíamos e gravávamos.

Algumas observações preliminares: os entrevistados ficariam à vontade para responder ou não às perguntas. Foram momentos inesquecíveis. Sentados em meio de pessoas, em círculo como costumeiramente os ciganos sentam na frente das suas casas e até mesmo nas sombras das paredes da escola, no início das manhãs e em fins de tardes. Procuramos o tempo todo tranquilizá-los com relação aos temas abordados e às falas, como também ao uso da máquina fotográfica, à filmadora e a um mini gravador que utilizamos no trabalho de coleta de informações.

Os ciganos, no princípio, expressavam a dúvida, o medo e, depois, percebemos o prazer em construir as narrativas recheadas pela emoção. Contar a história do seu povo era, para os ciganos entrevistados, um exercício de prazer que se traduzia nos rostos e gestos. Alguns segredos, alguns pedidos de reservas e o nosso comprometimento estabelecido. Guardar segredos. Segredos guardados.

Para a pesquisadora Vani Moreira Kenski (1994), os estudos que tomam por base as memórias dos sujeitos tornam evidente que estes apresentam diferentes falas, dependendo das situações em que ocorram as recuperações das memórias. Acrescenta ainda que:



a memória é histórica na medida em que a recuperação das vivências não é feita de forma cronológica, linear, e sim, mediante a mistura dos acontecimentos que ocorreram em diferentes momentos do passado. A lógica das lembranças é a da emoção [...] e o teor do que sempre é narrado, é constituído de relações intrafamiliares, do próprio grupo, de fatos culturais e os seus próprios silêncios. É nesse momento, o da narrativa de uma ‘versão’ do passado, que as lembranças deixam de ser memórias para se tornarem histórias. (KENSKI, 1994, p.48).

Sabe-se que os ciganos do Grupo Calon não possuem sua história escrita nem tampouco suas memórias esboçadas em grafias. Assim como em outros grupos sociais, observamos que eles guardam na memória/mente os seus segredos, suas histórias e parte de sua identidade.

Le Goff (1994, p. 476), em sua obra “História e Memória”, aludindo ao que discutem vários estudiosos, coloca em xeque a distinção entre memória específica, memória étnica e memória artificial, situando-as no campo específico da história da humanidade. Para ele

[...] a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, [...] não é somente uma conquista, mas um instrumento de poder. (LE GOFF, 1994, p. 476).

Assim, faz uma relação entre o pensamento de Leroi-Gourhan que forja a expressão "memória étnica" como sendo a memória dos grupos sem escrita, e Goody que sustenta: [...] “na maior parte das culturas sem escrita, e em numerosos setores da nossa, a acumulação de elementos na memória faz parte da vida cotidiana” (GOODY, apud LE GOFF, 1994, p. 427).

As narrativas orais são as fontes documentais que auxiliam ao pesquisador tornar viva a história desse povo, juntamente com seus cultos, seus gestos, suas palavras diferentes da nossa maneira de falar, as crenças, o vocabulário, os rituais que se tornaram frequentes no grupo. A interpretação de tais *falas* é o que ilumina a história desse povo.

Reis (1998, p 38.) considera que: "O historiador tem como tarefa vencer o esquecimento, preencher os silêncios, recuperar as palavras, a expressão vencida pelo tempo". Assim, ao utilizar a memória do grupo, o pesquisador lança mão de uma fonte histórica legitimada pelo conjunto das tradições desse povo, que por muito tempo deixou que somente o silêncio fosse uma manifestação de seus sentimentos.

A tarefa de narrar as histórias do grupo para alguns curiosos que se arriscam a uma entrevista é um ato especial confiado a um líder de referência reconhecido no meio deles. Os ciganos Memeu, Maria Carnáuba e Chaguinha, são sempre indicados para tal fim. Le Goff (1994) afirma que existem nas sociedades sem escritas os especialistas da memória, os

guardiões dos códices, os representantes da memória do grupo. São eles chefes de famílias, os mais idosos e responsáveis pela manutenção da coesão do grupo. Os relatos são sempre ilustrados com a emoção dos ciganos que mesmo sem revelar muito dos seus *segredos*, se empolgam ao narrar fatos, ou seja, as suas memórias.

O teor do que sempre é narrado, é constituído de relações intrafamiliares, do próprio grupo, de fatos culturais e os seus próprios silêncios. A pesquisadora assinala que, “É nesse momento, o da narrativa de uma ‘versão’ do passado, que as lembranças deixam de ser memórias para se tornarem histórias.” (KENSKI, 1994, p. 48). Em seu entender, as pesquisas na área da memória não se dão apenas mediante o levantamento da vida de pessoas isoladas, e sim, em memórias coletivas ou bibliografias socializadas.



**Imagem 06** - Ciganos estradeiros acampados nos arredores da cidade.

**Fonte:** (O autor)

Halbwachs (1994 apud BOSI, 1994) também chama a atenção para a função da memória coletiva de reforçar ou construir o sentimento de pertença a um grupo, classe ou categoria que participa de um passado comum, pois a memória cria um imaginário histórico definido pela apropriação pessoal e pela adoção de um sentido peculiar a uma determinada trajetória de reconstrução e de acesso a um patrimônio cultural. Assim, valorizam-se atualmente trabalhos voltados para uma possível reconstrução do passado, no esclarecimento de algumas situações vividas, mudanças, rupturas, crises e experiências que podem influenciar no presente.

Com os não ciganos, ocorre um diferencial. Estabelecido um diálogo preliminar, eis que surge o prazer em contar a história. Todos os entrevistados contribuíram com satisfação sentida nas nossas entrevistas e conversas.

Estabelecemos, em um quadro abaixo, o que denominamos Quadro Demonstrativo dos Participantes da Pesquisa, num esquema de apresentação dos nomes dos entrevistados, locais onde realizamos as entrevistas e os respectivos temas abordados, objetivando facilitar a compreensão do leitor e a escansão dos dados na construção do texto.

<b>Entrevistado</b>	<b>Local</b>	<b>Tema abordado</b>
Rogério Calon. Entrevista concedida ao pesquisador em julho de 2010.	Assembléia Nacional da Pastoral dos Nômades do Brasil. Brasília/DF.	A educação para os ciganos e alternativas do trabalho pedagógico.
Ignez Edite Carneiro. Entrevista concedida ao pesquisador em julho de 2010.	Assembléia Nacional da Pastoral dos Nômades do Brasil. Brasília/DF.	O trabalho de alfabetização com ciganos nos acampamentos e alternativas do trabalho pedagógico.
Pe. Renato Rosso. Entrevista concedida ao pesquisador em julho de 2010.	Assembléia Nacional da Pastoral dos Nômades do Brasil. Brasília/DF.	O trabalho de educação com ciganos no mundo e alternativas do trabalho pedagógico.
Maria do Carmo da Silva Medeiros. Entrevista concedida em agosto de 2010.	Secretaria de Estado da Educação e Cultura do RN. Natal/RN.	As novas diretrizes da Educação Básica e as possibilidades de inclusão étnico-racial com as leis 10.636/2003 e 11.643/2008, que alteram a LDB nº 9394/1996.
Rita Targino. Entrevista concedida ao pesquisador em agosto de 1999.	Escola Municipal Domingas Francelina das Neves. Florânia/RN.	A escola, os conteúdos estudados e o trabalho do professor.
Severino Manuel de Oliveira. Entrevista concedida ao pesquisador em agosto de 1999.	Sua residência. Fazenda Caiçara no município de Florânia/RN.	A passagem dos ciganos pelo município de Florânia/RN.
Francisca Costa. Entrevista concedida ao pesquisador em agosto de 1999.	Sua residência na Rua Marechal Deodoro, em Florânia/RN.	A denominação da Escola.
Terezinha Dantas. Entrevista concedida ao pesquisador em outubro de 1999.	Sua residência na Rua Alberto Gomes e na Escola Municipal Domingas Francelina das Neves. Florânia/RN	O trabalho pedagógico e as primeiras turmas de alunos da escola.
Carrim Cigano. Entrevista concedida ao pesquisador em dezembro de 1999.	Sua residência na Praça Calon e no grupo de ciganos ao lado da Escola Municipal Domingas Francelina das Neves. Florânia/RN.	A importância da escola para seu povo, a origem dos ciganos e costumes dos ciganos.
Francisco das Chagas. Entrevista concedida ao pesquisador em dezembro de 1999.	Sua residência na Praça Calon e no grupo de ciganos ao lado da Escola Municipal Domingas Francelina das Neves. Florânia/RN.	A importância da escola para seu povo, a origem dos ciganos e costumes dos ciganos.
Maria Carnauba. Entrevista concedida ao pesquisador em dezembro de 1999.	Sua residência na Praça Calon.	Os costumes e a história dos ciganos.

**Quadro 3-** Quadro demonstrativo dos participantes da pesquisa.  
Elaborado pelo autor.

Dessa forma, o trabalho de escansão dos dados coletados, as temáticas que serviram para realizar, a cada momento, o trabalho de entrevistas com os respectivos entrevistados, ganharam uma melhor possibilidade na construção textual.

## 2.2 O TEMPO DA TRAVESSIA... NO TABULEIRO DO JOGO...

O recorte temporal estabelecido na pesquisa que ora discutimos encontra-se relacionado ao período da chegada do grupo de ciganos Calon na cidade de Florânia, no ano de 1980 até o ano 2000, quando ocorre uma forte dispersão ocasionada pelo assassinato de um cigano na Praça Calon.

Este grande movimento de dispersão ou fuga, naquele momento, estava ligado à questão da morte e, envolto às interrogações, as evidências apontavam ser o homicídio um ato de vingança entre grupos inimigos. O cigano Vilaça fora assassinado no momento em que atendia a uma ligação telefônica no orelhão público, na frente da escola. Dois homens conduzindo suas motos e escondidos sob capacetes dispararam contínuos tiros de pistola em confronto ao cigano que caiu sem vida. A morte em si representa um processo muito complexo entre os Calon. Depois do crime, os ciganos que estavam alojados no entorno da Praça Calon saíram em disparada pelas ruas causando pânico entre os moradores da cidade e por muito tempo permaneceram em outros lugares, alojados sob o medo e o sentimento de perda de um membro do grupo.

É preciso considerar na nossa pesquisa que, em alguns momentos, figurem aspectos e informações de datas anteriores à década estabelecida como recorte temporal na investigação, quando tratamos da passagem dos primeiros grupos de ciganos pelo Seridó do estado e pela região Oeste Potiguar, especificamente na Tromba do Elefante, sendo este primeiro conferido através de uma entrevista e o segundo, através de uma pesquisa bibliográfica.

A disposição do trabalho ora apresentado consta da introdução, e traz como primeiro capítulo **Primeiro, as primeiras coisas** que apresenta considerações sobre o trabalho de investigação com os ciganos. O segundo capítulo é denominado **Nos rastros dos viajantes** e aborda o percurso da nossa formação desde o ingresso no magistério até nossa chegada à academia, sobre a investigação, o objeto de estudo e objetivos do trabalho, as dificuldades encontradas e a revisão bibliográfica. No item 2.1 **De onde nascem as tramas... as fontes e o trabalho de garimpagem nos arquivos**, esboçamos o trabalho de seleção das fontes e os arquivos considerados de importância para a reconstrução historiográfica na pesquisa. No item 2.2 **O tempo da travessia... no tabuleiro do jogo**, evidenciamos o recorte temporal do

trabalho de pesquisa e apresentamos como terceiro capítulo **Quando os passantes se entrecruzam... ou entrelaçamento de percursos...** que aborda o contexto histórico do município de Florânia, o bairro Rainha do Prado e a sua organização como novo espaço de habitação e acomodação dos ciganos na cidade. No item **Porque não sou do mar, ganhei as terras... Ou Das tendas às telhas... Avinhada de caléns nodorra cheme** - do dialeto kalé, quer dizer chegada de Ciganos nessas terras, quando abordamos a chegada dos ciganos e a construção das casas de morar, a edificação da Escola Municipal Domingas Francelina das Neves e o perfil de caracterização dos ciganos Calon.

No quarto capítulo, denominado **No meio do caminho, uma escola...**, tratamos da história da escola, das práticas educativas que instituiu e das práticas educativas dos ciganos; a cultura escolar e a cultura dos ciganos, e nos respaldamos em Certeau (1994) para nossas análises, utilizando os conceitos de práticas, estratégias e táticas que se constituem no eixo de categorias de análises da pesquisa. No sub item **Um Brasil plural no caminho**, apresentamos uma breve discussão sobre a educação no contexto da instituição de políticas de gestão da diversidade cultural nas escolas brasileiras, e dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

E, como conclusão, **Travessias... acabsando...** da palavra acabar, acabar, concluir... do dialeto kalé, trazemos um esboço da problemática étnico-racial que se traduz no nosso país continental, com indicações para nossa prática pedagógica, e a análise e perspectivas de possíveis avanços no campo da educação escolar realizada com sujeitos da diversidade.



**Imagem 07** - Crianças ciganas da Praça Calon.

**Fonte:** (O autor)

### 3 CAPÍTULO QUANDO OS PASSANTES SE ENTRECruzAM... OU ENTRELAcAMENTO DE PERCURSOS...

A cidade de Florânia está localizada na microrregião da Serra de Santana, a 280 km de distância da capital potiguar e teve sua emancipação enquanto municipalidade no dia 20 de outubro do ano de 1890, pelo decreto nº 62, ato do 1º vice-governador em exercício Pedro Velho d'Albuquerque Maranhão, e seu território foi desmembrado do município de Acari, com instalação ocorrendo em 24 de janeiro de 1937. Sua origem como povoamento remonta os anos de 1754 quando o português Cosme de Abreu Maciel recebeu datas de sesmarias das terras do Maçaritã, Patacorôa, Riacho da Luiza e Periquito, constituindo família e instalando fazendas de criação de gado.



**Mapa 01** - Município de Florânia no estado do Rio Grande do Norte, 2011.

**Fonte:** <http://www.ibge.gov.br/>

O ponto forte no povoamento é atribuído à passagem do missionário Padre Ibiapina pela região, pois ocorria, na época, uma epidemia de Cólera Morbus. No ano de 1886, o peregrino Ibiapina e a viúva de Cosme de Abreu inauguram uma capela em honra ao glorioso São Sebastião protetor da fome, da guerra e da peste. O povoado estava localizado em meio a áreas de rotas comerciais e criação de gado, o que se tornou um entreposto comercial de borracha de maniçoba por mais de dois séculos. Recebeu a primeira denominação de Passaribu, Rossaurubu e Flores de Vossaurubu quando passou a categoria de distrito de Paz,

no ano de 1873. O nome Flores está ligado, segundo Cascudo, às paisagens cobertas de mufumbais e suas flores perfumadas que formavam um vasto lençol em policromia. No ano de 1943, por sugestão de Nestor de Lima, a cidade ganhou a denominação de Florânia<sup>1</sup>. No desenvolvimento do município, houve uma forte influência étnico-cultural de imigrantes italianos, judeus cristãos-novos, africanos e portugueses, como em quase todas as cidades potiguares.

Uma vasta literatura da ocupação do Seridó potiguar pode ser conhecida a partir das obras de pesquisadores citados neste trabalho ou até mesmo em outras obras de importância na nossa historiografia<sup>2</sup>.

A presença de viajantes e aventureiros sempre foi muito constante na região do Seridó, dada as suas características geográficas peculiares, com formação de rotas comerciais ligadas diretamente aos destinos econômicos com que o estado do Rio Grande do Norte mantinha relações comerciais. O Seridó encontra-se localizado num território entre dois estados - Paraíba e Rio Grande do Norte, com suas aproximações fronteiriças aos polos de negócios que permitem a chegada aos estados de Pernambuco e Ceará. Portanto, no sul do Rio Grande do Norte e norte da Paraíba. Daí a facilidade de entradas e saídas para a escoação de mercadorias, desde a carne de charque, farinha, queijo, até os grãos produzidos na agricultura.

Somente nos anos 30 do século XX é que vamos perceber a passagem de grupos de ciganos na cidade de Florânia e que coincide com a época em que havia o mesmo movimento na região da Tromba do Elefante, conforme a crônica do jornalista Calazans Fernandes. Após esse período, são conhecidas as rotas dos ciganos que costumeiramente percorriam os sertões pernambucano, paraibano, potiguar e cearense.

A nossa investigação nos remete aos anos 80 desse mesmo século que traz nos bastidores o resultado da eleição municipal ocorrida no ano de 1976, no município de Florânia/RN, e que conduziu ao cenário político, como prefeito, o Padre Sinval Laurentino de Medeiros, representante de uma família de tradição econômica e política no município.

Após anos de exercício pastoral, Padre Sinval vinha do sul da Bahia com um novo ideário de gestão municipal, de onde tivera experiências em movimentos de militância em organizações populares, bem contrários ao modelo político da época. Fatos esses que influenciaram decisivamente sua gestão e contribuíram para a reformulação de conceitos e

---

<sup>1</sup> Na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte V. XLI-XLIV, de 1944 a 1947 e Vols. XXIX a XXXI, de 1932 a

<sup>2</sup> CASCUDO, Câmara (1955); MEDEIROS FILHO, Olavo (1981); ARAÚJO, Douglas (2006); BRITO (2000); DANTAS, J. Adelino (1961); MACEDO, Muirakytan K. (1998); Ione R. (2005).

atitudes na população floraniense. Foi responsável pela expansão do ensino na área rural e criou na cidade a Escola Estadual Teônia Amaral para o ensino de segundo grau, trouxe à cidade o serviço de telefonia, construiu novas praças, ampliou e criou bibliotecas, incentivou a arte musical e a cultura do município. Provocou um notável crescimento econômico e social, ajustado a um crescimento urbano jamais visto na pacata cidade, que contava com uma população estimada em 11.621 habitantes (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE], 1980) e uma economia baseada na agricultura e na pecuária. Portanto, o município ainda caracterizava um perfil de atraso social, pela ausência de estruturas necessárias a uma municipalidade.

A década de 1980, no município de Florânia/RN, foi marcada decisivamente pelo crescimento urbano, resultado do movimento migratório ocasionado pelo êxodo rural, onde famílias de agricultores buscavam na cidade uma alternativa para a sobrevivência e passavam a residir em condições precárias nas áreas de entorno, e lá construía um pequeno bairro. Esse movimento migratório é claramente descrito no trabalho “A morte do sertão antigo no Seridó – Desmoronamento das fazendas agropecuaristas em Caicó e Florânia”.

Os sertanejos seridoenses movidos pelas perdas econômicas na agricultura, novas seduções urbanas, incertezas quanto ao futuro, sofrimento, medo e temor diante da situação nunca vivida, abandonaram o campo ou foram expulsos dele. Com a crise rural mais aguda, aumentou significadamente a ‘fuga’ do antigo morador do campo para as cidades mais próximas [...] ocorreu um drástico e penoso empobrecimento de muitos fazendeiros a até a falência de outros, com conseqüências dolorosas para seus descendentes. (ARAÚJO, 2006, p. 29).

Atento a esses movimentos de transformações geográficas, o prefeito em exercício empreendeu politicamente ações de inovação habitacional quando constrói, em ação com o Serviço Especial de Saúde Pública/SESP (Órgão da Fundação Nacional de Saúde que na época fazia o trabalho de combate à Doença de Chagas juntamente à Superintendência de Campanha de Saúde Pública/SUCAM), casas de alvenaria em substituição das casas de taipa que existiam no local onde atualmente se concentra o Bairro de Flores. Mas, cuidou também de organizar novos espaços para a chegada de possíveis moradores, justamente, esses sujeitos que saíam maciçamente do campo para o entorno da cidade.

O crescimento urbano é um fenômeno observado no mundo inteiro e que ganhou proporções consideráveis nos fins dos últimos cinquenta anos do século XX, estimulados pelas promessas de satisfações que a cidade grande proporciona. Essa perspectiva vem gradativamente sendo alimentada pela idéia da modernidade a que a própria idéia do



progresso conduz, levando o indivíduo a pensar que o mundo urbano é o local do conforto, do prazer, da conquista do avanço social, pois o que é rústico sempre foi identificado como o que sobreviveu no campo, na roça, no mundo rural.

O movimento de globalização e mobilidade das populações tem contribuído fortemente para o aumento dos contatos entre as culturas de diferentes grupos étnicos, possibilitando um momento de multi/interculturalidade das sociedades, muito particular das cidades. Essa afirmação está presente na teoria de Ramos (2009) que afirma que as cidades, onde habitam mais da metade da população mundial, sendo espaço de pluralismo cultural, necessitam cada vez mais de planejamento para atender às necessidades e às aspirações dos seus cidadãos. Portanto:

A cidade congrega unidade de diversidade; é lugar de convergência e divergência; é espaço de refúgio, de proteção, de libertação, de bem estar, de união, de diálogo, sendo, igualmente, espaço de conflito, de ameaça, de violência, de opressão, de discriminação e de doença. (RAMOS, 2009, p.10).

É na cidade onde ocorre a interação mais diversa entre as realidades dos diferentes, portanto é um espaço de conflito real. A diversidade cultural bem como o pluralismo e as relações interculturais nas sociedades atuais fazem com que os homens e mulheres desenvolvam novas formas de relações sociais, novas práticas de cidadania e sentimento de pertencimento, inseridos em novos modelos de políticas e estratégias de intervenção, uma vez que todas as esferas de relações sociais passam por este sentido, e que todos “tenham conquistado novos direitos, mas conheçam, igualmente, novos conflitos, novos problemas identitários e de comunicação e novas formas de exclusão.” (RAMOS 2009, p 12).

Esse é o momento em que famílias de ciganos que tradicionalmente passavam em Florânia decidem montar acampamento no local do novo aglomerado urbano e, com a permissão do prefeito Padre Sinval, decidem construir ali suas casas para morar. É nesse contexto de transformações estruturais que podemos entender como ocorreu a chegada do grupo de ciganos na cidade.

No decorrer do trabalho, foi possível perceber, em outros estudos ou pesquisas, que a chegada e sedentarização ou até mesmo a formação de uma comunidade cigana nas cidades sempre são expressas numa atitude assistencialista. É o que consideramos como sendo algumas similitudes existentes com relação ao encontro de grupos ciganos com os não ciganos. Segundo Goudfarb (2004), na cidade de Souza, no sertão paraibano:

A sedentarização e a criação de uma ‘comunidade cigana’ baseou-se na articulação de alianças entre líderes e um poder paternalista, com atitudes assistenciais asseguradas por políticos locais, desenvolvendo assim formas de fixação e estratégias de poder. As áreas onde se localizam os grupos foram parcialmente doadas por tais políticos, embora quase ninguém possuía documentação correspondente. (GOUDFARB, 2004, p. 32).

Essa afirmação converge com o que ocorreu na cidade de Florânia e demais outras que visitamos no percurso da pesquisa. Quando os agentes políticos não ignoram, expulsam, quando não expulsam os ciganos, desenvolvem com eles uma espécie de aliança com suporte centrado nos pilares de atitudes paternalista, assistencialista e clientelista. Tudo isso é um tanto diferente do que podemos perceber nas cidades de grande porte, onde são os próprios ciganos que acampam ou alugam, enfim, constroem suas formas de (com)viver com os não ciganos nas localidades escolhidas pelo grupo.

Consta nos arquivos da Prefeitura Municipal, nos livros de registros de Licença para construção de imóveis, que os primeiros ciganos que receberam os aforamentos – documento de certidão que dá o direito de posse do terreno – foram, respectivamente, Francisco Soares – assinado a rogo por Cristiano Martins Veras, por o mesmo ser analfabeto, no dia 19 de Janeiro de 1981; Francisco das Chagas Targino – assinado a rogo por Luiza Maria Azevedo de Oliveira, por o mesmo ser analfabeto, no dia 19 de janeiro de 1981; Francisco Carnaúba Filho, assinado a rogo por Inácio Carolino Ribeiro, funcionário da Prefeitura, pelo mesmo ser analfabeto, no dia 09 de março de 1981; Luiz Gonzaga Soares – assinado a rogo pela secretária do prefeito, Maria Luciene de Medeiros, por o mesmo ser analfabeto, no dia 27 de abril de 1981 e Francisco Soares da Costa – assinado a rogo por Milber Araújo, motorista da Prefeitura, por o mesmo ser analfabeto, no dia 27 de abril de 1981. Todos se declararam ciganos, analfabetos, moradores da Praça Calon, e somente o cigano Francisco Soares da Costa declarou ser casado civilmente. Percebe-se, na leitura dos documentos, que todos eram analfabetos e somente um membro do grupo havia estabelecido uma relação marital civilmente. O Sr. José Laurentino de Medeiros, fiscal municipal, assinou a todos os requerimentos denotando concordância com a planta cadastral da cidade. (Anexo 1).

Os ciganos construíram suas casas com a ajuda do prefeito e combinaram em denominar a área de Praça Calon – homenagem ao nome da própria etnia. Com o passar dos anos, o grupo foi crescendo com a chegada de novos familiares e, assim, o espaço foi sendo ocupado e formando um quadrilátero em volta da Praça Calon. No ano de 1985 é que se consolidou o crescimento do bairro, em torno de programas assistencialistas que consistiam

em doação de outros lotes de terrenos, enxovais para as gestantes, cestas básicas, entre outros benefícios. O bairro então ganhou a denominação de Rainha do Prado.

A criação da Escola Municipal Domingas Francelina das Neves e seu funcionamento ocorreram nesta contextura e a ausência de um planejamento urbanístico agravou a qualidade de vida dos agricultores, que chegavam encantados com o mundo da cidade, e também, os ciganos, como os novos moradores, pois somente no centro da cidade, acontecia o atendimento básico à saúde, à educação, ainda que de forma precária.

O Decreto Municipal nº 003, do dia 17 de janeiro de 1986, assinado pelo então prefeito municipal Nicomar Ramos de Oliveira, cria a referida escola, possibilitando o ingresso de crianças filhas de agricultores e de ciganos já residentes no lugar. Dessa forma, construiu-se, historicamente, o que percebemos como a existência de um convívio plural num espaço de diversidade cultural entre os ciganos e os não ciganos, tendo por cenário o seio da Praça Calon.

A seguir, trataremos da chegada dos ciganos na cidade de Florânia/RN, dos processos de habitação e construção das primeiras casas no Bairro Rainha do Prado, bem como da edificação da Escola Municipal Domingas Francelina das Neves. Traçaremos também o perfil ou a caracterização dos ciganos Calon.

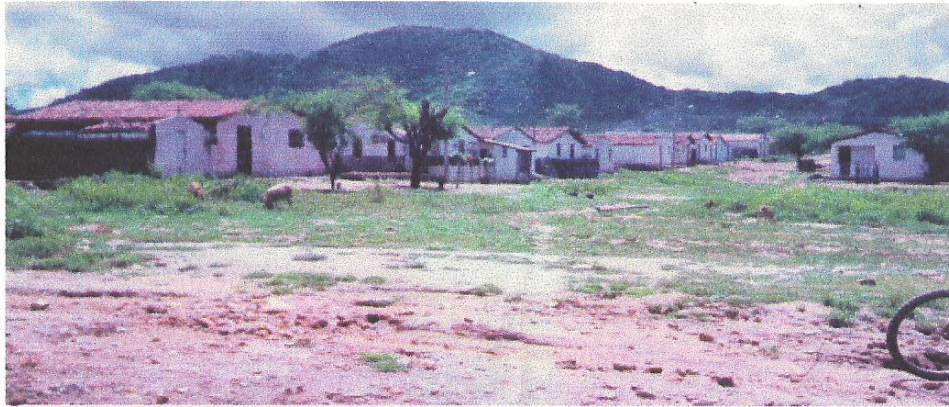
### 3.1 PORQUE NÃO SOU DO MAR, GANHEI AS TERRAS...

#### *AVINHADA DE CALÉNS NODORRA CHEME – DO DIALETO KALÉ<sup>1</sup>: CHEGADA DE CIGANOS NESSAS TERRAS.*

A chegada dos ciganos como novos moradores na cidade de Florânia foi marcada por movimentos de incertezas, de rupturas e, sobretudo, de profundas querelas gerando a produção de novos discursos nas pessoas do lugar. Temos lembranças de algumas falas de repúdio às práticas e a forma de vida daquela gente, pois a convivência dos não ciganos com os ciganos na Praça Calon ocorreu de forma conflituosa.

---

<sup>1</sup>. Kalé, Koló, Kalê, denominações diversas dadas à língua falada pelos ciganos do Grupo Calon. Estes ciganos da cidade de Florânia afirmam falarem o Romanêz. Mas estudos nos levam a concluir que há uma rica variação lingüística com sotaques latinos adquiridos pelos mais diversos lugares por onde passam.



**Imagem 08** - Praça Calon nos anos 80 do Século XX.

**Fonte:** (O autor)

As relações de preconceitos sempre foram muito fortes mesmo quando essa gente somente passava pela região. Afirmava-se que, após a chegada dos ciganos como moradores da cidade, as chuvas não eram mais frequentes, por serem os ciganos sujos e praguejantes. \_ “Por isso não chove mais!” era uma frase bastante pronunciada e ouvida por quem presenciou esse momento. De outra forma, até divulgaram a chegada dos ciganos como sendo o prenúncio do fim do mundo, uma vez que algumas pessoas acreditavam que no ano 2000 aconteceria a catástrofe final, e os ciganos que chegavam constantemente à Praça Calon anunciavam esse momento.

Esse sentimento de repúdio e de preconceito é sempre citado nos estudos e nas pesquisas que abordam as condições de vida dos povos nômades e minorias étnico-raciais. As relações de preconceito são acompanhadas pelo forte estigma que esse povo historicamente conduz.

a estigmatização dos ciganos se estende de uma perspectiva física (sujos e fedorentos) a uma perspectiva mental (preguiçosos, pidões), por meio de um sistema de controle e de subordinação hierárquica, justificada pela ausência de disciplina do corpo. [...] os ciganos são descritos pela incapacidade de disciplinar seus corpos, isto é, limpar, lavar, arrumar, moldar, cheirar, conter, purificar. Por apresentar sistemática e publicamente um corpo distinto dos modelos oficiais de limpeza e de beleza são vistos como indivíduos indisciplinados, insolentes, que ofendem e causam ‘nojo’. Este corpo cria tensões pela ausência de educação, de beleza, de limpeza, por isso é usado para reiterar uma pretensa inferioridade. (GOLDFABER. 2004, p. 86).

A história registra ocorrências de perseguições aos ciganos e até mesmo de assassinatos na tentativa de *limpar* do mundo esse povo. O historiador Rodrigo Teixeira relata em seu trabalho sobre os ciganos em Minas Gerais, no século XIX, que o projeto civilizatório

da velha república brasileira, com auxílio da medicina social, conhecida então por higienismo, previa a fixação destes ‘indesejáveis’ para fora do perímetro urbano. Naquele momento foi travada uma disputa pela ocupação do espaço social entre ciganos e gadjé – o não cigano.

Segundo Teixeira (1998), os ciganos eram colocados fora de perímetro urbano, porque, na perspectiva da medicina social (o higienismo), era preciso distinguir espacialmente aquilo que podia significar o contágio, a doença. A cidade deveria expressar continuidade espacial, e não ter um quisto incômodo. A constante mobilidade dos ciganos, além da apropriação do espaço, colocava empecilhos ao projeto civilizatório da sociedade burguesa brasileira. Não por acaso, as autoridades e cidadãos mineiros queriam a expulsão dos ciganos de seu território, a não ser que se fixassem segundo as normas da sociedade gadjé<sup>3</sup>

São muitos os pesquisadores considerados ciganólogos que tratam da problemática em torno da discriminação e do preconceito. É possível também perceber uma afirmação de temor entre as pessoas que recebiam em suas casas ou mesmo visitavam os acampamentos. Esse sentimento de medo à forma de viver dos ciganos está presente na sociedade de Florânia muito antes de esse grupo *morar* na cidade. Percebemos isso quando entrevistamos um fazendeiro que costumava receber em suas terras grupos de ciganos. Ele busca na lembrança as primeiras andanças dos ciganos em Flores, antiga denominação do município de Florânia, o Senhor Severino Manoel de Oliveira afirmou:

[...] por muitas vezes recebi os ciganos. Eram ciganos que vinham de longe e traziam muitas novidades. Os ciganos davam notícias sobre os invernos por onde passavam. Curiosidades do seridoense que esperava pelos sinais do tempo. Eles diziam onde estava chovendo, nas bandas do Piauí. [...] Eram negociantes, trocadores. Vendiam tecidos, jóias. Abriam mesas e cortavam baralhos para quem tinha interesse. Liam a mão dos trabalhadores. Alguns moradores nem iam lá, nem deixavam suas filhas se aproximarem dos ciganos. Tinham medo da influência. Mas era o preconceito. [...] Sim, e cada vez mais os ciganos ficavam conhecidos do lugar. Armavam suas barracas perto do açude. Alguns deles eram protegidos de alguns coronéis ou fazendeiros. Mas, para alguns era sinal de mau agouro. (OLIVEIRA, 1999).

Essa forma conceitual é o que mais identifica o cigano nas passagens pelas regiões. Preconceito, temor associado às crendices, à religiosidade, às tradições e à memória da comunidade que sempre está marcada pela presença desses homens e mulheres de peles queimadas pelo sol, andarilhos dos sertões.

---

<sup>3</sup> Gadjé significa o não-cigano, o indivíduo de outra cultura, que não representa o mundo do que é o cigano, o homem nômade.

Na obra *O Guerreiro do Yaco serra das almas: memórias e lendas de Zé Rufino*, o jornalista Calazans Fernandes traça o percurso de um grupo de andarilhos e ciganos na região da Tromba do Elefante, conhecida geograficamente, na época, como sendo a Serra das Almas. Em seu trabalho, numa narrativa épica e descritiva, o autor reconstituiu a vida de ciganos nômades como Jerônimo, que empresariava as viagens de ganha – os shows dos que considerava os peregrinos da sorte.

Cobertos de andrajos e poeira, de cabelos longos e desgrelhados, no pôr do sol eles apareciam na estrada das vilas, nas suas montarias maltratadas, mas parecendo os cavaleiros do apocalipse. Calvagavam em burras e mulas e mais afeitos ao pedregulho dos caminhos. Como guias, na frente, alteravam-se Jerônimo, no burro chamado Ministro, e Venâncio, em Delegado, seguidos de Lucas, em Monsenhor, Mateus, em Babilônia e, finalmente, Madalena, na sua incrível Sodoma, a mula melada e bonita, que escandalizava as mulheres das vilas com seus arreganhos e enxerimentos para o lado dos homens. (FERNANDES, 2002, p. 151).

Os ciganos da Praça Calon, comumente comparado a outros ciganos do grupo Calon, que foram observados no percurso da investigação, são na sua maioria moradores de áreas demarcadas pela linha de pobreza e conseqüentemente marginalizada. Apresentam índices de baixa escolaridade, escassez de documentação ou mesmo incompleta, multiplicidades de situações de vida precária, ausência de vínculo empregatício; péssimas condições de habitação e saneamento básico; retratos vivos das populações excluídas em nosso país.

Convivem em células familiares adotando, no grupo, modelos de subsistência em conformidade com as condições percebidas nos lugares onde acampam ou que escolhem para passar um tempo.

É observado que, na cidade de Florânia, os ciganos que passaram a residir em casas de alvenaria nunca permaneceram por muito tempo em suas casas ou mesmo nas ruas onde residem. Eles mantêm um movimento de idas e vindas por lugares e costumam incluir, na cesta de mercadorias de vendas ou de trocas, as suas próprias casas. Consideramos, então, que espaço e o tempo para os ciganos Calon são noções de completa incertezas e se tornaram portáteis, na medida em que ao saírem, levam consigo os objetos que mais lhes interessam, e o tempo do retorno é incalculável. Não há, portanto, exatidão nessa relação espaço/tempo para eles.

As relações de poder estabelecidas no grupo são feitas por escolhas pessoais em que prevalece a vontade da maioria do grupo. Ilustra Goldfarb (2004) que os grupos são formados por núcleos familiares, ligados entre si por relações de parentesco. Cada um possui um líder,

que funciona na prática como uma espécie de intermediador com o mundo externo. Acrescenta, segundo Fazito, que:

Os *Calon* no Brasil, tomados a partir da perspectiva *roma*, são identificados pejorativamente como os ‘ciganos brasileiros’, sendo normalmente evitados por seus ‘irmãos’. No sudeste do Brasil são vistos freqüentemente nas beiras de estrada, em grandes acampamentos ou ‘ranchos’, onde estendem suas tendas de lona, desgastadas pelo tempo e pelas peregrinações. Organizam-se em grandes grupos, formados por famílias extensas, patrilineares, e, embora muitas pessoas pensem que esses ciganos sejam nômades ‘por natureza’, assim que podem procuram um acampamento fixo e definitivo, tentando estabelecer uma relação de cordialidade com a população local. Dizem trabalhar com qualquer coisa, mas a realidade é bem diferente. Em sua grande maioria, os *Calon* são extremamente pobres e destituídos de qualquer instrução ou educação formal. Normalmente ‘desempregados’ fazem biscates ou pequenos empreendimentos como conserto de automóveis ou compra e venda de artigos usados. (FAZITO, 2000, p. 51).

Hábeis negociantes, os ciganos *Calon* compreendem, na atualidade da vida econômica da cidade, um grupo de trocas e vendas de artigos como bijuterias, aparelhos de telefonia móvel, eletrodomésticos, imóveis, motos, e até automóveis. Observamos também que as crianças aprendem, desde pequenas, a negociar com as pessoas da comunidade. Na feira livre, é comum perceber algum cigano vendendo relógios, pulseiras e anéis. Andam sempre em pequenos grupos e alguns chegam a cantar músicas para chamar atenção dos clientes. Outros pedem esmolas para levar dinheiro para casa. As mulheres fazem leitura de mão, pequenos serviços nas casas de famílias e também pedem nas feiras e no comércio. (Anexo 2).

Os adultos mais experientes preferem as trocas. Para eles, o *radém* (dinheiro) é muito importante para a vida e a sobrevivência do grupo. Muitas vezes, adquirem bens e eletrodomésticos como liquidificador, geladeira e fogão a gás, mas utilizam o fogão a lenha de preferência fora de casa, no quintal, ou mesmo em frente a casa onde fazem fogueiras improvisadas e cozinham em trepes, conforme fotografia a baixo. Alguns objetos se tornam peças decorativas nas cozinhas das famílias. Viram, com o tempo, objetos de trocas e de vendas.



**Imagem 09** - Cozinha improvisada de uma residência de ciganos na Praça Calon.

**Fonte:** (O autor)

Esses aspectos contraditórios de formas de viver e estar no mundo são muito comuns em grupos de ciganos da etnia Calon observados no percurso da investigação.

Importante também creditar que a história do povo cigano no mundo ainda é uma incógnita. Muitos pesquisadores considerados *ciganólogos*<sup>4</sup> denominação feita aos pesquisadores e estudiosos dessa temática, se ocuparam deste estudo somente em fins do século XIX, e a história dos grupos errantes ou populações flutuantes passa a ser narrada de forma contraditória quando, geralmente, examinavam-se os fenômenos ligados ao imaginário como sendo objeto de medo, ódio, objeto de amor, desejo do inconsciente ocultando suas realidades e modos de vida.

Como podemos perceber, as imagens denunciam as condições de vida cotidiana dos ciganos Calon, que residem em bolsões de pobreza e alimentam gradativamente os índices de miséria e exclusão.

---

<sup>4</sup> Conceituação de pessoas estudiosas da etnia cigana. Segundo MARTINEZ, 1989, somente no século XIX é que estes tiveram a preocupação de narrar histórias sobre os homens nômades e populações flutuantes. No entanto, chamamos a atenção para o fenômeno do nomadismo que é tão antigo quanto a história da humanidade, sem esquecer que os viajantes foram narrados pelos historiadores nas grandes epopéias da humanidade.





**Imagem 10-** Frente da casa de ciganos em Florânia.

**Fonte:** (O autor)

Embora não tendo a pretensão de tornar explícito neste trabalho a discussão sobre a origem, as migrações, as dispersões, a demografia e a presença de grupos e subgrupos dos ciganos e suas diversas representações, propomos então o debate de um recorte que tem como objeto estabelecer algumas relações entre as práticas cotidianas e o processo de educação dos ciganos da Praça Calon.

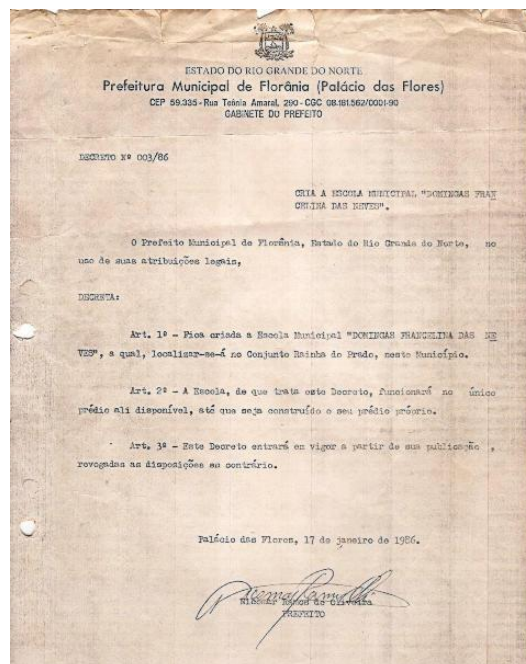
Assim, teremos no capítulo a seguir o histórico da edificação da escola na Praça Calon, que ganhou a denominação de Escola Municipal Domingas Francelina das Neves. Fazemos referências às práticas educativas da escola e às práticas educativas dos ciganos, portanto traçamos um contraponto entre a cultura da escola e a cultura dos ciganos, tendo como pressupostos teóricos as análises sociológicas de Certeau.

#### 4 CAPÍTULO NO MEIO DO CAMINHO, A ESCOLA...

A Escola Municipal Domingas Francelina das Neves, construída no ano de 1986 e criada mediante o decreto municipal 003/86, significou para a população do bairro Rainha do Prado um avanço inquestionável no que se refere às possibilidades de progresso. Em meio a festas e muita alegria, se construía, assim, a história de educação escolarizada para os filhos de agricultores que vinham do campo para a cidade e para os filhos dos ciganos que passavam pela cidade e edificavam suas casas de morar. A denominação da escola foi uma homenagem a avó do prefeito, que segundo o depoimento de Francisca Costa:

era uma senhora religiosa, católica, casada com um rico fazendeiro, de nome Higino Gomes da Silva, e que promovia em sua fazenda Marias Pretas, missas e batizados, recebendo até por algumas vezes, o Bispo da Diocese. Era uma mulher letrada, assinante do Jornal A República, o que a diferenciava das outras mulheres da região. Ela até catequizava as crianças da região. (COSTA, 2000).

No início, apenas duas salas de aulas foram construídas, com uma matrícula de 25 alunos na 1ª série, no ano de 1986. Nos três anos seguintes, o número de alunos passou a 79 alunos com a criação da 2ª e 3ª séries, e as professoras Edite Florentino, Terezinha Dantas, e Ivone Silva foram, respectivamente, as pioneiras no trabalho docente da instituição de ensino.



**Imagem 11** - Cópia do Decreto de Criação da E. M. Domingas Francelina das Neves. Florânia-RN.  
**Fonte:** (Cópia cedida por Júnior Galdino de Azevedo)

A rotina da escola Domingas Francelina das Neves sempre esteve envolta a atividades comuns de uma escola de pequeno porte. Nos primeiros três anos de seu funcionamento, não foi exigido nem adotado o fardamento escolar em função das dificuldades financeiras das famílias que matricularam seus filhos.

A escola funcionava em dois turnos, sendo o matutino, das 7h às 11h30min e o vespertino, das 13h às 17h30min. Seu espaço físico era composto de uma sala de aula, um banheiro para as crianças e os professores, uma pequena sala para os professores e uma cozinha para a feitura da merenda. A estatística dos três primeiros anos de funcionamento da escola resultou num quadro que denominei de Quadro de Aproveitamento Escolar, e que ilustra a situação de matrícula, aprovação, evasão e reprovação.

Ano	Série	Matrícula	Aprovados	Evasão	Reprovados
1986	1 <sup>a</sup>	25	02	10	13
1987	1 <sup>a</sup>	38	12	03	23
	2 <sup>a</sup>	27	13	05	09
1988	1 <sup>a</sup>	47	13	13	09
	2 <sup>a</sup>	20	05	05	10
	3 <sup>o</sup>	12	10	02	-

**Quadro 4-** Quadro de Aproveitamento Escolar.

**Fonte:** Secretaria da Escola Municipal Domingas Francelina das Neves, 2012.

Ao analisar o quadro acima disposto, podemos entender que foram matriculados na 1<sup>a</sup> série um total de 25 alunos e que somente chegaram a 3<sup>a</sup> série um número de 12 alunos. Há, portanto, um processo de descontinuidade em consequência das evasões e repetências. As matrículas ganharam, no decorrer dos anos, um razoável incremento em quantidade, mas a repetência e a evasão foram muito altas.

A atual gestão da escola afirma que, por não haver registros que denominassem os ciganos e não ciganos, há dificuldades para estimar um quantitativo de alunos desta etnia. Somente a comparação com os nomes dos ciganos é o que nos possibilita acreditar que eram muitos os alunos ciganos matriculados e eram muitos deles os evadidos e os reprovados no processo.

Para seu funcionamento, a escola recebia orientação do Órgão Municipal de Educação, composto por uma Diretora Geral e por técnicos que definiam e traçavam as linhas de ação pedagógica e administrativa. O planejamento pedagógico ficava a cargo deste Órgão Municipal de Educação e as professoras participavam das reuniões pedagógicas, orientadas

por uma equipe técnica composta de Prof<sup>ª</sup> Maria Margareth Dantas, que trabalhava como Supervisora Pedagógica, Prof<sup>ª</sup> Luiza Azevedo, diretora de Alimentação Escolar e Francisco da Chagas Guedes de Azevedo, diretor do Banco do Livro, este que é o atual gestor da referida escola.

A rotina diária constava de um acolhimento na área de entrada da escola, onde os alunos formavam fila para entrada, após cantarem junto com a professora uma música indicada por ela. Ao chegarem à sala de aula, sentavam em carteiras individuais e enfileiradas uma atrás da outra. Geralmente os ciganos escolhiam seus lugares próximos aos demais ciganos, e se separavam com facilidade dos não ciganos.

A professora iniciava a aula em seu ritual diário, com uma oração, onde de pé, todos repetiam suas palavras e, após, voltavam a sentarem em suas carteiras para, assim, dar início a aula propriamente dita. O trabalho de alfabetização desenvolvido na escola era acompanhado com o apoio da cartilha “Caminhos Suaves”, de autoria de Branca Alves de Lima, que eram reaproveitadas de outras escolas municipais. As crianças faziam uso de um caderno para transcrição das letras, sempre iniciando pelo uso das vogais e, em sequência, as consoantes. Após o reconhecimento das letras do alfabeto, se trabalhava o que era exposto na cartilha. As pequenas palavras justapostas por sonorização.

Recorrendo aos diários de classe, a professora registra como atividades na 1ª série as tarefas de reconhecimento de letras e números, escrita das vogais, escrita das consoantes, escrita do alfabeto. Em seguida, pequenas leituras, leituras de trechos, interpretação de histórias e desenhos como sendo as atividades de Comunicação e Expressão utilizadas. Visualizamos também a contagem, a identificação e a escrita dos numerais como atividades de Matemática, bem como o exercício de pequenas operações em adição e subtração.

No recreio, às 9 h e às 15 h, era servida a merenda com um cardápio variado e servia para saciar a fome dos alunos, que muitas vezes saíam de casa sem ter comido qualquer alimento. Quando participei do Estágio Supervisionado de Prática de Ensino com meus alunos do curso do Magistério nessa escola, observamos que a merenda era bem cuidada, num cardápio que constava de cuscuz com leite, sopa, feijoada com rapadura, macarrão com carne moída e arroz.

No calendário da escola estavam marcadas as datas comemorativas do ano letivo, com ênfase para a celebração da Páscoa e o Dia das Mães, no mês de maio; o São João, no mês de junho; o Dia dos Pais, no mês de agosto; a Independência do Brasil, no mês de setembro; a emancipação política do município, no dia 20 no mês de outubro; a festa de Nossa Senhora das Graças, co-padroeira da Paróquia de São Sebastião, no mês de novembro; e o Natal, em

dezembro. Essas oito efemérides mereciam total importância na escola, pois eram momentos de organizar atividades com programações alusivas, reunir os pais com sorteio de presentes, participar de desfiles cívicos pelas ruas da cidade e, por fim, promover a integração da instituição escolar na cidade, que constava na época com mais duas outras escolas de grande porte, a Escola Estadual Cel. Silvino Bezerra e a Escola Estadual Teônia Amaral.

Esta rotina aliada às práticas de ensinar, as maneiras de fazer, maneiras de proceder na garantia do funcionamento da escola no bairro Rainha do Prado, como também a tentativa de dar uniformidade aos novos comportamentos difundidos na escola, eram componentes da cultura escolar da instituição em evidência. Através das atividades realizadas em seu interior, a Escola Domingas Francelina das Neves construía paulatinamente uma nova ordem no cotidiano das crianças da Praça Calon.

Por se tratar de um trabalho que incluía um grupo étnico cigano na prática pedagógica, as professoras tiveram muitas dificuldades no processo de alfabetização. Segundo a professora Terezinha Dantas (informação verbal):

[...]eles eram muito carentes, pobres e trabalhosos. [...] Havia muitas brigas entre eles, que não se afinavam com os outros. Quando a gente alfabetizava eles, ganhava a simpatia deles [...] Eles viviam saindo da escola, viajavam e quando voltavam estavam mais atrasados dos que quando vieram. Quase nenhum passava de ano. [...] Era muito grande a evasão. Em todas as séries. No primeiro ano tinha 25 alunos e na primeira série, e na segunda série, tinham 22 matriculados. Era misturado cigano e não cigano. (DANTAS, 1999).

O relato da professora nos remete a uma reflexão sobre a problemática vivenciada por todos os sujeitos envolvidos na instituição de ensino. Se de um lado havia dificuldades na condução do processo de ensino, por outro, conflitos de identidade étnica e cultural que afetava decisivamente a aprendizagem das crianças ciganas na escola. De outro modo, a cultura escolar gestada na instituição significava, portanto, uma forte imposição para os sujeitos que, sendo pertencentes a um grupo distinto, possuíam suas próprias modalidades de aprender seus conhecimentos, suas formas de se estabelecerem no mundo.

Atualmente, a cultura escolar é uma forte tendência nas pesquisas da história da educação e há um crescente volume de publicações produzidas por grupos ou pesquisadores individuais, colocando no centro dos debates a nova temática. Tem ganhado forte corpo nas investigações que utilizam a escola como *locus* de práticas pedagógicas, portanto geradoras de culturas. Uma definição clara dessa categoria de análise é colocada por Dominique Julia (2001) que afirma que a cultura escolar desenvolve forte influência no remodelamento dos

comportamentos, na formação do caráter e até por uma direção da consciência, e conceitua a cultura escolar como sendo

um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (JULIA, 2001, p.11).

Tal conceituação nos leva a elaborar elementos comparativos entre uma escola sistematizada, com todo um conjunto de regras normativas, práticas de comportamentos e preparação para uma socialização, portanto detentora de um aparato que influencia decisivamente na formação de indivíduos, e práticas culturais dos ciganos, que ensinam e aprendem em espaços/tempos distintos da escola, e repassam aos seus filhos os conhecimentos voltados para o cotidiano, por meio de práticas não formais, independentes de momentos correlatos e rituais de formação, como na escola sistematizada, pois observando o percurso da história da vida nômade dos ciganos, percebe-se que poucos se interessaram pela educação escolar dos seus filhos. Para Julia (2001 p. 15), “a história das práticas culturais é a mais difícil de reconstruir porque ela não deixa traços”. Essa cultura a que nos referimos opera em situações históricas e em épocas distintas com sua variedade de nuances. Estabelece relações no corpo do indivíduo e nas capacidades da produção do pensamento humano, pois conduz toda uma intencionalidade política de um projeto de organização de uma nação, de um país, de um mundo pretendido através do cotidiano escolar.

A escola, enquanto instituição de ensino, pouco representou para estes indivíduos que utilizam como canal de aprendizagens a cultura construída no seio do grupo, repassada de geração em geração. Liegeois (1988 apud FERREIRA, 1998) afirma que a cultura tradicional do cigano não necessita de escola; ao contrário, ela pode ser muitas vezes considerada uma imposição ou uma interferência em sua forma de vida.

Na foto a seguir, percebemos oito crianças ciganas da Praça Calon, e ao fundo a lateral das salas de aula da Escola Municipal Domingas Francelina das Neves.



**Imagem 12** - Crianças ciganas na Praça Calon.  
**Fonte:** (BEZERRA, 2003)

No trabalho de entrevista, quando perguntamos como os ciganos aprendem, e o que pensam sobre a escola, as respostas fluem em consideração a um saber construído com a participação de um outro elemento, aquele que é o mais velho. Para Francisco das Chagas, conhecido como Chaguinha (informação verbal):

Nós aprende com os mais véi. Eles contam as coisas para a gente aprender. Outras coisas, nós já nasce sabendo. Trocar, comprar, vender. Tudo isso a gente aprende com os mais véi. Eles sabe de tudo. Sabe até se vai dar certo a viagem que vamo fazer. Eu acho que nós aprende mais que os brasileiro. Nosso povo tem algum na escola, mas eu acho que em casa aprende muito mais. (CHAGUINHA, 1999).

Percebe-se também que a educação do povo cigano ocorre a partir das interações vivenciadas no meio do próprio grupo e é transmitida de geração de adultos e idosos para as novas gerações, considerando a inexistência de códigos escritos, nenhuma grafia, riscos, sinais, para facilitar a troca de informações entre eles. Os ensinamentos e as aprendizagens são os alicerces para a vida futura do povo Calon. Nas falas de alguns ciganos entrevistados confirmamos a expressão que dá conta do que o cigano pensa da escola e o que a escola representa. O Cigano Memeu fora alfabetizado ainda criança por sua avó, uma ex-professora, e matriculou seus filhos na escola. Observe o que ele nos afirmou (informação verbal), quando o interrogamos sobre o desejo de ir à escola:

Nem fui nem quero. Aprendi a ler e escrever com minha avó que era brasileira. Uma professora que fugiu com meu avô. Ela ensinou a mim e a meu pai. Matriculei meus filhos Aninha, Delene, Maria de Jesus, Beguinho e o outro que mora com a mãe em Cruzeta, o Reginaldo Soares. (MEMEU, 1999).

Notadamente, na fala de Memeu há um sentimento de repulsa e de aceitação e essa contradição é muito perceptível quando conversamos com os ciganos Calon. Evitam a escola, mas, ao mesmo tempo, permitem que seus filhos a frequentem. Quando cita o nome de Vitoriano, Memeu faz referência ao único cigano conhecido do grupo a chegar a Universidade Federal do RN, graduado em Letras no Centro de Ensino Superior do Seridó/CERES – Currais Novos, no ano de 2009. Ao perguntar sobre como eles, os ciganos, aprendem as coisas do dia a dia, o que seria importante para viver como povo cigano, Memeu expressa:

Os ciganos têm muitos segredos. Mas olhe. (risos) Trocar, comprar, vender., nós aprende com os mais véi. A escola é boa, mas só ensina as coisa do povo que não é cigano. Já entre nós, é diferente. A gente fala nossa língua e você nem sabe o que tamo dizendo. (MEMEUI, 1999).

Em seguida, perguntamos sobre a língua falada pelo grupo. No início Chaguinha relutou em responder, mas depois se juntou a fala de Memeu e afirmou:

É segredo. Nós não ensina a ninguém. Nós aprende com os velho. [...] Sobrevive assim. Nós aprende tudo e ensina a criança. (CHAGUINHA, 1999).

Falamos o Romaní, a língua dos Calon. Mas é proibido ensinar a quem não é cigano. A gente nasce aprendendo o Romani. (MEMEUI, 1999).

Para os ciganos da Praça Calon, a sua língua, que denominam de romaní, tem um significado especial na guarda de sua cultura. Todos os códigos de pertencimento do grupo estão presentes no vocabulário de um dialeto que eles segredam diante do tempo. A conservação de sua cultura, de suas crendices e seus códigos de vida é proibida para os não ciganos. Daí tantos segredos.

Nas nossas conversas realizadas com o grupo de ciganos, a todo tempo alguns expressavam a importância da escola para a comunidade e a necessidade que as crianças têm de aprender a ler e a escrever. Ao mesmo tempo, afirmavam que nas experiências dos mais velhos reside a condição essencial para a educação no sentido amplo dos mais novos. Os ensinamentos dos mais velhos servem à manutenção da cultura entre os membros do grupo. Deles, os mais velhos dependem-se de todo o conjunto de informações necessárias para a vida do cigano.





**Imagem 13** - A octogenária Judith Cigana.

**Fonte:** (O Autor)

O respeito para com os idosos foi observado desde nosso primeiro contato com o grupo, e sempre estiveram presentes em todas as conversas emitindo opiniões e sempre ouvidos por todos no círculo de conversas. Com os mais velhos, aprende-se a língua romaní ou kalé, dialeto de origem romena com sotaques herdados das variações lingüísticas latinas, os costumes, as tradições, os hábitos, os manejos necessários para o comércio e os negócios da família. Sobre os aspectos referentes à língua e aos segredos do grupo, Goldfaber (2004) afirma em seu trabalho que:

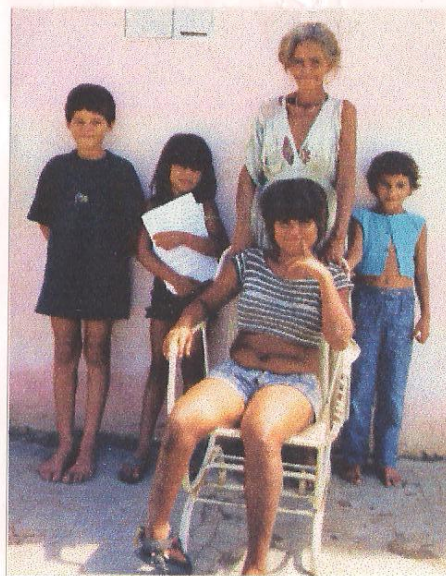
Deste modo, especialmente para os ‘guardiões da língua’, ela representa uma espécie de segredo, que garante o pacto social exclusivo ao grupo de falantes. O papel atribuído à língua pelos idosos (homens e mulheres) é de um código secreto, cuja utilização está ligada à construção de uma identidade coletiva para quem dela participa. Os idosos marcam os que honrosamente defendem a ‘alma do cigano’ [...] Como qualquer outro grupo social, os ciganos elaboram traços diacríticos que asseguram a sua reprodução cultural. Organizam estratégias de distinção entre as quais está o sentimento de pertença e de diferença, o que lhes fornece o sentido de unidade e a crença no seu valor. A língua é uma das estratégias – práticas e simbólicas - desenvolvidas pelos grupos ciganos, que parte do princípio de visão e divisão do mundo, ao mesmo tempo em que representa um princípio de coesão, gerador de reconhecimentos, prestígios e de uma adesão vital à existência de um grupo de origem, de pertencimento e de interesses. (GOLDFABER, 2004, p.132, 124).

Mas em que lugar esses encontros com os conhecimentos ocorrem? Interrogamos sobre o lugar da aprendizagem. Formulamos a pergunta: Na lembrança de vocês, qual o lugar, o local, o momento em que estes ensinamentos aconteceram ou acontecem até hoje?

Observamos certa demora para responder a tais questões. Chaguinha (informação verbal) menciona:

Em todo instante, quando a gente vai dormir no rancho e os outros ciganos ficam conversando, contando histórias. Quando eu era menino, nas viagens meus pais contavam muitas histórias e ensinava a fazer as coisas. O rancho, a fogueira, a posição das estrelas, a lua, o céu. [Memeu acrescenta:] Nas viagem, em casa, nas barracas, de tardezinha quando a gente senta como agora. (referindo ao momento em que estávamos sentados em círculo para a conversa). (CHAGUINHA; MEMEU, 1999).

Para os Ciganos da Praça Calon, a forma como a escola está organizada não os interessa em quase nada. Gostam da merenda que é servida, de alguns professores e das aulas. A aluna Rita Targino, conhecida no grupo como Cheirosa, comenta que “o professor era para morar perto da gente e a gente conhecer melhor”. Ela faz referência ao distanciamento que existe entre o professor que reside em outro município e todos os dias se desloca para sua casa, desconhece a sua cultura, seu modo de vida.



**Imagem 14** - Cigana Rita Targino.  
Fonte: (O autor)

Por outro lado, muitos professores reclamam do baixo rendimento dos ciganos na escola, suas ausências nas aulas e até mesmo das desistências. Apontam que os ciganos são preguiçosos para realizar as tarefas cotidianas na sala de aula.

Contudo, é necessário compreender a forma como os ciganos apreendem /aprendem os conhecimentos gestados de sua cultura em suas casas, nos acampamentos, no meio de sua gente, e a forma como os conhecimentos escolares são vivenciados sob forma de conteúdos

curriculares, que são ministrados por professores que não têm conhecimentos sobre a realidade cultural e social desse povo.

Os ciganos Calon, como observamos em nossa pesquisa, deixam suas crianças à vontade e tudo que ensinam é a partir da forma de vivência do grupo, com ausência de regras fechadas e impostas, diferentemente do que a escola sistematizada exige que é a disciplina, a rigorosidade, o método de ensino praticado dentro das salas de aula. O ato de sentar em carteiras enfileiradas representa um obstáculo para o cigano, uma vez que é no círculo que o grupo troca suas experiências e o chão da sala é o lugar ideal para ouvir os mais velhos narrarem suas histórias e lições de ensinamentos.

Os conhecimentos, as brincadeiras e todas as atividades que a escola considera de importância para o cigano, se configura como algo desvinculado de sua vida, do seu modo de fazer no cotidiano. Portanto, não representa algo de significância, porém algumas vezes tolerável, nem permite que o cigano conteste essa situação, pois a escola é algo mais forte que os seus desejos. Ela encontra-se organizada de forma tão rígida que impede uma transformação da prática em benefício desses sujeitos do ensino. Assim, torna-se desinteressante.

O Cigano Rogério Calon, (informação verbal, 2010), líder de um grupo de Ciganos no estado de Santa Catarina, nos concedeu um depoimento que cita as diversas maneiras de ensinar ao cigano:

Quando eu saio de casa para o mato, levo meus meninos. Cada um pega sua faca, suas coisas e eu vou mostrando que esse pé (planta) serve para tal doença, essa ali cura isso, essa tem veneno, e eles aprendem só vendo o pai falar. Aprendem e nunca mais esquece e quando eu digo, preciso de tal remédio, eles vão buscar ligeirinho. [...] Tô trabalhando num projeto de criação da escola itinerante para os calon do Sul. Já tem dinheiro garantido pelo estado. A escola vai acontecer dentro de uma pirua ou Kombi, com professor treinado, que conheça o nosso povo. Lá na escola, vai ter até computador com internet. [...] Muitas meninas nossas sai da escola, porque elas gostam de vestir saias compridas e a escola obriga usar as farda com calça e tênis. Cigano num gosta disso não. (CALON, 2010).

Na fala de Rogério Calon, a forma de expressar a condição de aprendizagem das suas crianças, em meio ao mato (matagal), a utilidade das plantas para curar doenças e até mesmo a necessidade de criar suas próprias condições de ensino através de um veículo motor itinerante que perpassa pelos bairros da cidade e atenda a crianças ciganas, sinaliza uma possibilidade de alternativa para os grupos que se deslocam frequentemente e se sentem

inferiorizados por terem que adaptar suas vestimentas às exigências de uma instituição. Portanto, suas formas de conviver são menosprezadas.

A pedagoga Ignez Edite Carneiro, em Cataguazes, Minas Gerais, desenvolve trabalhos, como voluntária, em diversos acampamentos de ciganos, que se estendem até o estado de São Paulo. Realiza traduções de cartilhas e revistas com ilustrações em histórias infantis de crianças ciganas Calon. (Anexo 3). Possui uma larga experiência com trabalhos de alfabetização com os povos nômades e relata (informação verbal) que:

Não é ideal uma escola com tempo marcado para cigano. Ele tem o tempo dele para aprender a ler e a escrever. Às vezes a gente tá dando aula, de preferência individualizado, e chega uma pessoa para o cigano negociar ou resolver algo e ali a aula se acaba. Todo processo de ensino para cigano é baseado na itinerância. Sempre gosto de saber o que eles já sabem, o que precisam aprender e depois, faço a minha parte. Muitas vezes eles me pedem para assinar o nome porque querem tirar a carteira de motorista e precisa compreender os sinais de trânsito. (CARNEIRO, 2010).

A fala da Professora Edite Ignez apresenta uma nova perspectiva na pesquisa, pois traz um dado recente, onde é possível constatar que o trabalho pedagógico se processa em três pontos básicos – em relação ao momento de aprender, ao conhecimento que o cigano tem interesse em aprender e a forma como ele quer aprender. Fica claro que o atendimento individualizado com o cigano é compreendido como um contato mais direto, portanto mais objetivo, onde ele pode decidir o que pretende aprender naquele momento com o professor em contato. Este já consiste no segundo ponto. E por fim, o terceiro ponto que é o momento da disponibilidade para ele, momento em que o cigano se sinta estimulado a aprender.

Este dado lembra o que observamos na fala dos professores entrevistados na Escola Municipal Domingas Francelina: “os ciganos são preguiçosos”. Como também, nos remetemos ao que os ciganos entrevistados afirmaram que gostam das brincadeiras e das comidas servidas como refeição. Diante de tal situação, essa análise nos leva à compreensão de que o horário da escola não é o horário dos ciganos da Praça Calon, tampouco são os conteúdos que lhes interessam.

Renato Rosso, padre católico italiano, foi um dos maiores articuladores da Pastoral dos Nômades do Brasil, quando aqui residiu entre 1984 a 1992. (Anexo 4). Atualmente reside em Bangladesh, país do Centro Sul da Ásia, e realiza trabalhos em vários continentes, trazendo uma experiência múltipla de escola itinerante para nômades. Afirma que, no norte da Índia, existem ainda ciganos que nunca ouviram falar de escola. Outros ainda não conseguiram sair

do mar, onde residem em embarcações precárias, vivem de pesca, em estágios primitivos, e poucas vezes vêm ao continente. Esses nem conseguem assimilar o sentido da escola. Segundo Rosso (informação verbal, 2010):

Os ciganos abominam a escola. Não é nada ideal para eles. Mas nós é que achamos que eles precisam. E precisam mesmo. A escola tem a função de instruir, de levar ao cigano o alfabeto, a leitura que atualmente é fundamental para todos os homens e mulheres. Mas eles fazem pouco caso disso tudo. Fizemos muitas experiências pelo mundo afora. As realidades são múltiplas. Não se pode generalizar nada quando falamos de ciganos, pois num grupo há diversas situações, múltiplas singularidades. Em alguns lugares, montamos equipes treinadas para o ensino. Eles vêm aos acampamentos e reúnem ali em círculo, no chão ou na casa de algum, um pequeno grupo para iniciar o ensino. Muitas vezes dá certo, mas outras eles saem, deixam tudo e só voltam quando sentem desejo, necessidade de aprender algo. (ROSSO, 2010).

A fala do Padre Rosso também nos leva a compreender esta relação. Para ele, os ciganos abominam a escola e somente em caso de necessidade eles se motivam a frequentá-la e se apropriam do conhecimento desejado. Portanto, estas informações nos remetem a uma reflexão sobre os conteúdos curriculares da escola e sua função social.

Os conteúdos vinculados pela escola são proposições elaboradas por outros indivíduos que não fazem uso dela, não têm nenhuma correlação com os profissionais que nela ensinam e muito menos com o grupo que nela aprende. As crianças ciganas da Praça Calon, quando indagamos sobre o que mais elas gostam na escola, respondem: estudar, brincar, correr, cantar. Segundo os professores da escola, nas atividades lúdicas as crianças ciganas participam mais atentamente e com mais satisfação. Elas gostam de passar um tempo fora de casa, da merenda que é servida para amenizar a fome, correr e brincar. Evidencia-se assim que o saber que é trabalhado na escola sistematizada, da forma como ela está organizada e como este conhecimento é compartilhado, constitui obstáculos para uma clientela que busca na escola a diminuição das desigualdades e a inclusão no mundo que considera como sendo dos diferentes.

Santomé (1998) comenta em seu trabalho sobre Currículo Integrado que existem nas instituições de ensino vozes ausentes ou deformadas em detrimento da presença abusiva de culturas hegemônicas. Estas são ausentes por não disporem de estruturas importantes de poder, e costumam ser silenciadas ou deformadas para que se tornem anuladas as suas possibilidades de reação. Enquadram-se nesta área, as etnias minoritárias ou sem poder, os ribeirinhos, os homossexuais, as mulheres, negros, índios bem como os homens do campo e

os ciganos. As questões raciais estão presentes no sistema educacional de várias maneiras, seja através dos livros textos das áreas de ensino, nos acontecimentos históricos, comemorações, eventos cívicos e culturais, seja também presentes nos discursos dos professores.

Os povos que formam as minorias sem poder são esquecidos e o silêncio sobre estes povos não permitem que estes manifestem suas relações de direito e cidadania. Então, "as comunidades ciganas, numerosas nações da África, Ásia e Oceania, a maioria das etnias sul-americanas e centro-americanas etc., não existem para os leitores deste tipo de materiais curriculares" (SANTOMÉ, 1998, p.137).

Ao ingressarem no mundo escolar, os ciganos passam a participar de um mundo cultural demarcado por práticas diferentes das do seu mundo comum. Nessa relação, passam a condição de usuários – termo definido por Certeau (2003) - de uma instituição que (re)produz em suas relações secularizadas, modelos de educação formal vinculada a um conjunto de regras ordenadas e institucionalizadas por políticas educacionais, e abrem mão de um conjunto de regras e costumes próprios de seu grupo.

Ao investigar as relações dos ciganos com a educação escolar na Praça Calon, nos encontramos, portanto, com uma vida cotidiana performizada por operações, atos e usos práticos, de objetos, linguagens e regras construídas e reconstruídas em função das variantes situações de conjunturas plurais e móveis. Há maneiras de fazer – caminhar, ler, produzir, falar, maneiras de utilizar, que no cotidiano são tecidas em redes que se tecem em práticas sociais. Nesse movimento, os ciganos da Praça Calon se apropriam de novas perspectivas de uma sociedade que não lhe aceita como igual e, ao mesmo tempo, articula em seu interior dificuldades na permanência como usuários na própria escola e ou no grupo social.

Esta mesma relação é percebida quando visitamos acampamentos de ciganos Calon em outras cidades do estado do Rio Grande do Norte. Percebemos uma infinidade de pontos convergentes no modo de vida, nas relações sociais com os não ciganos e mais fortemente quando se trata da escolarização das crianças do grupo.

Os ciganos Calon da comunidade Cidade Praia em Natal sofrem a mesma situação de exclusão na escola. Para amenizar o problema, o líder Charuto combinou com os demais fazer, na área livre do centro da comunidade, uma sala de aula para as crianças que não se sentiam bem na escola do bairro. Na foto a seguir, uma cena de uma sala de aula ao ar livre, no centro da comunidade. O quadro verde foi improvisado e as crianças se sentam em cadeiras simples, doadas muitas vezes pelos não ciganos e, sob uma latada de palha, constroem sua representação de escola.



**Imagem 15** – Crianças ciganas em escola para ciganos no bairro Cidade Praia. Natal/RN.  
**Fonte:** (O autor)

Ao analisar essa relação antagônica, o pesquisador se depara com uma infinidade de situações de vida. Mas em primeiro plano, é necessário compreender como se dá a relação de convivência na escola, do cigano que traz em si uma essência nômade, e de um outro, o não cigano, com uma cultura de permanências citadinas, e uma vida permeada de experiências do mundo urbano. Certeau (1994, p. 40) supõe que:

a maneira dos povos indígenas, os usuários “façam uma bricolagem” com e na economia cultural dominante, usando inúmeras e infinitesimais matamorfoses da lei, seguindo os interesses próprios e suas próprias regras. Desta atividade de formigas é mister descobrir os procedimentos, as bases, os efeitos, as possibilidades.

Nesta confecção da bricolagem sugerida pelo autor, os ciganos da Praça Calon (re)inventam seu cotidiano permeado pelas marcas de luta pela sobrevivência no mundo onde a cultura do não cigano é majoritária e, portanto, impõe as regras do jogo. Certeau (1994, p.38) afirma que “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada”. Como podemos perceber, são nas relações não autorizadas que os ciganos tecem mil maneiras de driblar as várias situações do cotidiano da escola e fora dela. Ainda acrescenta que o aparelho reprodutor da disciplina ainda que na “educação” ela punha em evidência o sistema de uma

“repressão” e mostra como, por trás dos bastidores, tecnologias mudas determinam ou curtcircuitam as encenações institucionais.

O trabalho de investigação sobre o cotidiano escolar pode, evidentemente, nos apresentar aproximações ou até mesmo interpretações sobre respostas que nós educadores estamos há décadas em busca de referências. Costumamos apontar as causas do fracasso escolar das crianças das camadas populares como sendo resultados de um conjunto de fatores intrínsecos a uma realidade produzida no interior das relações família/escola. Estes dados ou informações são sistematizadas a partir de pessoas que observaram, pesquisaram, interpretaram dados anos a fio. Muitos destes estudos se distanciaram, por circunstâncias próprias, da compreensão da diversidade e da pluralidade, das realidades concretas e do conhecimento das formas como estas realidades se construíram no mundo. Certeau (1994, p. 46) nos lembra que “a enquete estatística só ‘encontra’ o homogêneo”. Ela reproduz o sistema ao qual pertence e deixa fora do seu campo a proliferação das histórias e operações heterogêneas que compõem os “partchworks” do cotidiano. Portanto, o cotidiano que é dado a ler e a ser interpretado não pode ser traduzido através de explicações generalizadas, sem um arcabouço metodológico que dialogue com as diversidades complexas. OLIVEIRA (2008, p. 52), nos adverte que:

(...) compreender concretamente essas múltiplas e diversas realidade que são nossas escolas reais, com seus alunos, alunas, professores e professoras e problemas reais, nos coloca diante do desafio de mergulhar nestes cotidianos, buscando neles mais do que as marcas das regras gerais de organização social e curricular, outras marcas da vida cotidiana, dos acasos e situações que constituem a história de vida dos sujeitos pedagógicos que, em processos reais de interação, dão vida e corpo às propostas curriculares. Compreendê-las em suas complexidades e articulações, para nelas buscar intervir de modo mais consoante com as especificidades locais e individuais, respeitando a importância desses elementos frequentemente negligenciados, por sua irrelevância científica ou, o que é mais grave, por sua irrelevância social e política é um trabalho que escapa às possibilidades das metodologias clássicas. Isto é, estudar as práticas cotidianas, procurando nelas, não as marcas da estrutura social que as iguala e padroniza, mas, sobretudo, os traços de uma lógica de produção de ações de sujeitos reais, atores e autores de suas vidas, irreduzível à lógica estrutural, porque plural e diferenciada é, esse tipo de pesquisa, a ação fundamental.

Portanto, muito além do que a ciência permite organizar, é possível considerar que há uma vida cotidiana com operações e combinatórios, atos e práticas diferentes de usos de objetos, conjuntos de regras e de linguagens historicamente constituídos e reconstituídos de acordo com as funções de situações, de conjunturas plurais e móveis. No trabalho de



investigação que ora apresentamos, percebemos que são inúmeras as intervenções do cotidiano dos sujeitos pesquisados, que invadem e provocam um redesenho nas relações professor/aluno, professor/currículo, aluno/professor/currículo.

Nas falas dos ciganos entrevistado nesta pesquisa, ficam evidentes as dificuldades que enfrentam ao participarem do processo de escolarização. Percebem no não cigano os sentimentos de repulsa, preconceito e de exclusão, como também uma forte tendência da escola em enquadrá-los nos índices do fracasso contabilizados nos números da evasão e repetência. Em contraposição, os Calon usuários da escola, adotaram no percurso de sua permanência no espaço escolar, o que Certeau considera como sendo táticas – a arte do fraco. Utilizam engenhosidades para tirar partido do forte nesta relação.

Estas táticas que confrontam as estratégias da instituição escolar são perceptíveis quando algumas crianças ciganas cumprem os rituais da aula exigidos pelos professores e pela burocracia escolar. Elas aceitam uma rotina diária baseada em princípios e objetivos técnicos, legal, autorizada pela instituição que ensina, através de controles, aos que se sentem livres pela natureza e pela essência humana que conduzem. Se permitem participar, deter seus impulsos, obedecendo às normas próprias da escola, com horários rígidos e confrontantes com o seu tempo. Sentar em cadeiras escalonadas uma por trás da outra, enfileiradas quando, na verdade, preferem sentar no chão, de cócoras e em forma de círculo. Utilizam vestes que a escola exige para ocultarem seus corpos e se uniformizarem numa tentativa de individualidade do grupo. Muitas vezes, a aceitação das estratégias de organização da escola funciona como táticas. São as táticas que utilizam para *ganhar*, com suas astúcias, a confiança do outro, que vão desde o lanche, a refeição repetida na hora do intervalo, enfim, a confiança dos que desconfiam delas. Certeau (1994) considera como sendo táticas as ações calculadas e determinadas pela ausência de um próprio, afirmando que:

tática é movimento ‘dentro do campo de ação do inimigo’ [...]. Ela não tem, portanto, a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É a astúcia. (CERTEAU, 1994, p. 100-101).

Portanto, a tática permite ao usuário da escola a defesa de seus interesses mesmo em pequena escala de ações, mas ao mesmo tempo, reserva aos ciganos possibilidades de ações num momento posterior, em que se sentem livres para as investidas contra o adversário. É assim que na escola eles conseguem viver o cotidiano da instituição oficial, construindo suas táticas desviacionistas do poder instituído. OLIVEIRA (2002, p.55) comenta:

A previsão e planejamento da ‘escola oficial’ respeitam algumas regras gerais presentes nas sociedades capitalistas industriais e pós-industriais, reservando àqueles que deveriam ser cidadãos/sujeitos da prática pedagógica o papel primordial de consumidores de produtos e de regras definidos de acordo com as estratégias mercadológicas/pedagógicas e ideológicas dos grupos dominantes que, com suas características tecnocráticas, ‘criam lugares segundo modelos abstratos’. Em suas vidas cotidianas, esses ‘consumidores’ instituem usos diferenciados desses produtos e regras, num processo de desenvolvimento de ‘táticas desviacionistas’ circunscritas pelas possibilidades oferecidas pelas circunstâncias, utilizando, manipulando e alternando as operações produzidas e impostas pelas estratégias do poder instituído.

Os ciganos da Praça Calon produzem artifícios em benefício próprio, utilizando combinatórias de operações no dia a dia. Muitas vezes negam seus verdadeiros nomes e inventam novos apelidos para si e para os outros, mentem sobre seu endereço e números de documentos; se apropriam de objetos de outrem às escondidas como num ato de ilusão óptica e fogem repentinamente como num passe de mágica. Estas combinatórias estão presentes muito fortemente no uso da língua – dialeto romani ou kalé, como também em todo um conjunto de gestual que utilizam com as mãos, com os olhos e com o próprio corpo. Para Certeau, “o mundo diário – mundo da profusão de gentes, falas, gestos, movimentos, coisas – abriga táticas do fazer, invenções anônimas, desvios de norma, do instituído, embora sem confronto, mas não menos instituintes”. (CERTEAU, 1994 apud SOUZA FILHO 2002, p. 03).

Dessa forma, as astúcias dos consumidores em detrimento as estratégias do poder estabelecido se constituem em antidisciplina, que aparentemente ou não, se revelam nas atitudes dos ciganos que conhecemos neste processo investigativo. Estas atitudes ou práticas – as artes de fazer isto ou aquilo – sugere o que diz Giard ([19??] apud SOUZA FILHO, 2002, p.4). - a criação de “microrresistências” que fundem “microliberdades” – mobilizadoras de recursos inimagináveis, escondidos em gente simples, comum. Recursos ocultos, muitas vezes, bem embaixo do nariz do poder, dando força à massa anônima e a sua subversão silenciosa.

Em seus estudos, Certeau (2004) evidencia que as invenções cotidianas marcam o jogo das relações com a ordem dos indivíduos entre si. Portanto, as astúcias ou a trampolinagem são as versões do estranho ao sistema. Para isso Certeau (1994 apud SOUZA FILHO, 2002, p. 2) afirma que:

No meio aristocrático, entre as elites, as artes da trampolinagem são mascaradas, dissimuladas, sob mil eufemismos e caras e bocas. [...] Ao observar as maneiras de fazer cotidianas das massas anônimas, deu ao ‘sem nome’ ao ‘rumor sem qualidade’, ao ‘minúsculo’, ao ‘vívido’ o estatuto de objeto científico sem o medo que, ainda hoje, paralisa muitos intelectuais quando se trata de se pronunciar sobre o banal cotidiano.

E que, sua contribuição para trazer para o centro da análise sociológica as práticas desdenhadas, secundárias e sem importância para muitos intelectuais, traz em cena uma possível teoria da contraparte da dominação, uma teoria que sustenta que

as maneiras de fazer constituem as mil práticas pelas quais os usuários se apropriam do espaço social e seus produtos através de maneiras de fazer ‘quase microbianas’ que proliferam no interior das estruturas do sistema, modificando seu funcionamento, mas também deturpando-o, ressignificando-o, lesando-o”. (SOUZA FILHO, 2002, p. 5).

Assim, durante muito tempo, assistimos por diversas vezes ao “conciliábulo” na Praça Calon, onde os ciganos reunidos em círculos tramavam suas expertises, construía seus combinatórios de operações em busca de sobrevivência.



**Imagem 16** - Criança cigana.  
**Fonte:** (O autor)

Convém lembrar que ao participarem do convívio escolar, os ciganos se introduzem no mundo da sociedade escriturística. Tomaremos por base a escola como instituição, ao que se refere Certeau (2003), sobre os aparelhos escriturísticos da disciplina moderna e indissociável da reprodução – e cita a imprensa - que representou um avanço da burguesia nos seus domínios, assumindo um valor mítico nos últimos quatro séculos.

A instituição dos aparelhos escriturísticos da ‘disciplina’ moderna indissociável da ‘reprodução’ possibilitada pela imprensa, foi acompanhada pelo duplo isolamento do ‘Povo’ (em relação à ‘burguesia’) e da ‘voz’ (em relação à escrita). Daí a convicção de que, longe, bem longe dos poderes econômicos e administrativos, ‘o Povo fala’. Palavra ora sedutora ora perigosa, única, perdida (malgrado violentas e breves irrupções), constituídas em ‘Voz do povo’ por sua própria repressão, objeto de nostalgias, controles e, sobretudo imensas campanhas que a articularam sobre a escritura por meio da escola. Hoje, ‘registrada’ de todas as maneiras, normalizada, audível em toda a parte, mas uma vez ‘gravada’, mediatizada pelo rádio, pela televisão ou pelo disco, e ‘depurada’ pelas técnicas de sua difusão. Onde ela mesma se infiltra, ruído de corpo, torna-se muitas vezes a imitação daquilo que a mídia produz e reproduz dela – a cópia do seu artefato. (CERTEAU, 2003, p. 222).

Partindo desta afirmação, compreendemos como a escola influencia na vida cotidiana dos ciganos Calon e no processo de apropriações das práticas cotidianas dos não ciganos. Percebemos em nosso trabalho que há um processo crescente de mudanças de condições de vida por parte dos ciganos Calon. A presença em quase todas as casas de aparelhos Televisores e Rádio e DVD contribuem para a aquisição de novos comportamentos. É comum perceber as crianças brincarem de capoeira que é uma manifestação dos grupos afro-descendentes. Os ciganos absorvem muito da cultura de consumo e aderem cada vez mais aos novos padrões e costumes que lhes são impostos no dia a dia. Para isso, Certeau (1994, p. 45) explica que:

a cultura articula conflitos e volta e meia a legítima, desloca ou controla a razão do mais forte. Ela se desenvolve no elemento de tensões, e muitas vezes de violências, a quem fornece equilíbrios simbólicos, contratos de compatibilidade e compromissos mais ou menos temporários.

A escola exerce forte influência nesse sentido, quando utiliza uma prática curricular pautada em estratégias e conteúdos estranhos a sua realidade e de outra forma, trata como igual o elemento que tem suas bases culturais diferenciadas do restante do grupo que residem no bairro. Por tais motivos é que percebemos um movimento de mudanças constantes no grupo. Citam com firmeza e conhecimento de causa as transformações ocorridas, mas muitas

vezes não conhecem o que ocasiona sua própria aculturação e o que tudo isso pode trazer para minar a unidade do grupo. A aculturação é um processo tão presente no grupo que:

Quando a aculturação não existe, a marginalização é radical, e quando encontramos ciganos integrados, perderam-se as características primordiais da identidade tradicional cigana. [...] A marginalização é um caminho bastante trilhado pelos ciganos [...] Por meio da marginalização os ciganos abandonam a competição e buscam nichos para poder sobreviver, aos quais se somam o abandono de características não funcionais de sua cultura e a incorporação de elementos da cultura majoritária. (SAN ROMAN, [19??] apud FERREIRA, 1998, p. 49).

Para alguns ciganos, os novos costumes gerados no convívio com os não ciganos têm algo de proveitoso para a vida do seu povo e para o enfrentamento dos problemas do cotidiano, pois, esta assimilação/apropriação funciona como um conjunto de táticas de sobrevivência do próprio grupo. O cigano Carrim (informação verbal) afirma que:

Tudo hoje é muito diferente. Antes nós andava em burros ou a cavalo. Hoje pra se chegar a um lugar, nós já usa o carro próprio. O cigano já usa também o aparelho celular. (CARRIM, 2000).

O relato de Carrim sinaliza indícios de um movimento de ruptura ocorrido pelo processo de acumulação e do próprio movimento tecnológico presente nos dias atuais. Assim, por uma via de mão dupla, percebe-se que os ciganos cada vez mais se aproximam e se apropriam dos costumes próprios de uma sociedade que os marginaliza, e que a busca da inclusão social está cada vez mais presente entre eles. Tem-se em vista que o isolamento social está associado à marginalização e os ciganos só têm a perder com o isolamento.

Em meio à fome, a doenças, a vulnerabilidades social e escassez de recursos financeiros para sustentação de suas famílias, observamos que alguns ciganos conseguem manter suas famílias em condições satisfatórias – do ponto de vista do que realmente interessa ao cigano para a sua sobrevivência. Encontramos, em algumas situações, o que entendemos como sendo ilhas de prosperidades, como casos de ciganos que conseguem num processo de comercialização e trocas acumular capital financeiro e praticar agiotagem, emprestando dinheiro a pessoas não ciganas na cidade.

Ao perguntar como o grupo sobrevive em meio a tantas dificuldades, o cigano Memeu (informação verbal), ressalta:

o bando sobrevive fazendo trocas, comercializando tudo que tiver ao alcance do cigano. Isso nós aprendeu com os mais veio. Eles se virava em montaria,

a jumento, e hoje já tem moto, carro. Tudo hoje é mais fácil. (MEMEU, 1999).

Esta afirmação que nos remete ao pensamento de Certeau quando comenta que os usuários do sistema utilizam seus mecanismos próprios de sobrevivência, combinatórios de operações para a manutenção da vida cotidiana. Percebem-se num mundo plural desenvolvido - o mundo da velocidade que precisou substituir as montarias de animais por automóveis.

“O tudo hoje é mais fácil” que se expressa na fala de Memeu é decorrente também de uma nova forma de morar dos ciganos que antes só armavam suas tendas no campo e tinham na cidade, uma alternativa de passagem, rápida para coletar esmolas e praticar suas astúcias. Cidade então representa um novo espaço para suas práticas. Morar na cidade é uma prática recente na vida dos ciganos Calon. Certeau (1994) nos afirma que a cidade-panorama é simulacro teórico. Há certo voyerismo no ato do morar na cidade. “A vontade de ver a cidade precedeu os meios de satisfazê-la”. Portanto, cidade é o local que:

a partir dos limiares onde cessa a visibilidade, vivem os praticantes ordinários da cidade. Forma elementar dessa experiência, eles são caminhantes, pedestres, *Wandersmanner*, cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um ‘texto’ urbano que escrevem sem poder lê-lo. Esses praticantes jogam com espaços que não se vêem; têm dele um conhecimento tão cego como no corpo-a-corpo amoroso. [...] tudo se passa como se uma espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada. As redes dessas escrituras avançando e entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos e trajetórias e em alterações de espaços: com relação às representações, ela permanece cotidianamente, indefinitivamente, outra. (CERTEAU, 1994, p. 171).

Nesse sentido, a cidade é um espaço e um lugar. Lugar que segundo Certeau (1994, p. 201) “é a ordem segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência”. Daí a dificuldade de duas coisas ocuparem um mesmo lugar. “Um lugar é, Portanto, uma configuração instantânea de posições”. Um lugar que é agora pode ser outro depois e, assim, vice e versa. Já o espaço sempre é determinado por vetores de direção (onde), de velocidade (quanto) e de variável de tempo (quando). Portanto, “o espaço é um cruzamento de móveis”, afirma. “Em suma, o espaço é um lugar praticado”.

Assim, na cidade tomada como novo espaço, os diferentes planejam e fabricam suas bricolagens diversas. Tecem os lugares e definem as fronteiras que lhes permite compreender seus limites - quando os tem. A fronteira é, portanto, um espaço entre os dois. Observamos

que persistem, entre os ciganos e a cidade, fortes indícios de fronteiras de divisão: de um lado, processo de vida civilizado e de outro lado, processo de vida pautado nas relações primitivistas. Afirma Certeau (1994) que a fronteira “é também uma passagem”. No relato, fronteira funciona como um terceiro. “Ela é um entre dois – um espaço entre dois” (CERTEAU, 1994, p. 213). Assim, a atividade dos passantes é transposta em pontos que compõem sobre o plano uma linha totalizante e reversível, neste sentido, redesenham suas práticas cotidianas como as práticas religiosas e suas maneiras de viver e sentir a morte.

Os ciganos Calon possuem diversas práticas religiosas. São supersticiosos e afirmam serem cristãos católicos, devotos de Padre Cícero do Juazeiro, Frei Damião e São Francisco. Em honra ao santo São Francisco, foi erguida, nos primeiros anos de moradia na Praça, uma capela para sua adoração.

No entanto, o dia mais importante para os ciganos comemorarem seu credo religioso é o dia de Natal, quando há festas e até mesmo procissão. O Natal é o dia escolhido para a celebração de casamentos, batizados, festejos nas casas de familiares para visitas e até mesmo a procissão, que por muitos anos foi realizada em Florânia. A procissão saía de casa em casa, pelas ruas onde moravam os ciganos sempre conduzidos pelo líder do grupo e que trazia a imagem de São Francisco. No almoço, é oferecido churrasco de Porco – o balichon com arroz e bastante cerveja. Presenciamos uma festa em que toda a cerveja havia sido colocada num tonel de plástico com barras de gelo dentro. A bebida sempre é distribuída para todos os presentes convidados da festa. A recusa da comida e bebida por algum convidado pelo grupo é sinal de ofensa para eles. No final, celebram casamentos que para eles significa prosperidade. Dançam forró e ao anoitecer viajam para os lugares onde há familiares para realizar a visita natalina e dar continuidade aos festejos.

Nos últimos anos, tem-se observado que sempre viajam para a cidade de Jucurutu/RN, onde existe um agrupamento na comunidade conhecida como Os Freitas, e participam da Festa de Natal que é realizada em praça pública. Uns se dirigem as cidades de Assu/RN e São Rafael/RN, onde encontram familiares. Dona Terezinha, (1999) que foi uma das primeiras professoras das crianças ciganas na Praça Calon, (informação verbal) nos diz:

todo o cerimonial natalino é diferente dos nossos costumes ocidentais em que geralmente costumamos comemorar. Não há trocas de presentes, mas observa-se que as crianças se divertem como gente grande. Dançam a vontade, comem e bebem. Participam de tudo que há na celebração natalina.

Com referência ao casamento, geralmente os ciganos casam entre si mantendo a característica de um grupo fechado. O calon pode casar com a Jurin (mulher não cigana); mas,

dificilmente a Calin (mulher cigana) pode casar com o Jurom ou Gajão (homem não cigano), ocorrendo o risco de ser expulsa do grupo se contrariar as regras, principalmente se for um casamento indesejado. Quando uma Calin desobedece, pode padecer de uma série de humilhações que vão do desprezo à intriga e expulsão.

O casamento é considerado um processo que parte do desejo familiar de dar continuidade a família do casal. O namoro – *siquedá* – pode acontecer entre ambas as partes, mas o casamento é visto com mais critérios. O beijo não ocorre às vistas e a virgindade ainda é um tabu muito forte. A Calin ou a Jurin virgem é considerada pura, limpa. Somente por ocasião do casamento é que a mulher pode deixar de ser virgem. O cigano ao casar com uma mulher que não é mais virgem pode entregá-la ao pai no dia seguinte ao casamento. Significa também a exclusão da mulher do grupo. O Calon pode até ter duas mulheres, isto é comum, e elas muitas vezes se tornam amigas e passam a viver sob o mesmo teto. Contudo, a mulher não pode cometer adultério. Para eles, significa grave crime. A prática homossexual também é altamente discriminada entre os ciganos Calon. A esse respeito, em entrevista, a cigana Maria Carnaúba (1999) enfatizou (informação verbal):

Pronto, a gente consente bem o casamento entre os cigano. Antes não podia os ciganos casar com a brasileira, a Jurim. Agora já pode. É o caso de Errealves que casou com uma não cigana. A calim, mulher cigana, não pode casar com o Jurom, se casar pode ser até expulsa do bando. É o caso da cigana Goiaba que casou com um home não cigano. Ela foi morar com a mãe dele. Deixou o bando.

Sobre como fica a situação da cigana que desobedece, sobre os tabus e preconceitos, Maria Carnaúba (informação verbal) comenta:

A cigana fica escarrada. (termo que designa humilhação, desprezo, indiferença). O namoro pode acontecer, mas o casamento é diferente. Nem pode se beijar na frente dos outros (risos). [...] Vige Maria. (risos). A calin deve ser pura, limpa. O calon não gosta da calin suja, falada. O casamento é uma coisa prezada e o calon se for enganado pode entregar a noiva a famia. Ela fica escarrada. [...] Vige! Prá nós Deus fez o homem e a mulher para viver junto um com o outro. O homem com a mulé e a mulé com o homem.

Perguntamos como ela havia aprendido estes ensinamentos e ela respondeu: “Ah!, com os mais velho”.

Apesar desses preceitos, a relação dos ciganos Calon com os não ciganos – os jurons - ocorre de forma natural onde prevalecem situações de amizade. A fama é que são perigosos, porém os ciganos têm demonstrado, no decorrer de sua permanência na cidade, condições de relacionamentos amigáveis. Para Memeu: “os ciganos quando são amigos, são amigos, mas quando são inimigos, são inimigos. Inimigos de verdade. São vingativos e não permitem a



ofensa”. Sentimos que, nos primeiros anos da chegada dos ciganos em Florânia, o preconceito era bem maior do que nos momentos atuais.

Afirmam pertencerem a um só entroncamento familiar, e que fazem parte de uma família que se espalha em cidades do nordeste brasileiro como Aracaju, Campina Grande/PB, João Pessoa/PB, Mossoró/RN, Jucurutu/RN, Caicó/RN e Florânia. São essas as cidades que acomodam pequenos núcleos de familiares do grupo Calon, sem tocarem no nome de outras cidades do estado do RN, como Cruzeta, Tangará e na Grande Natal, onde existem muitos grupos em situação de vulnerabilidade social.

Quando nos referimos ao tema morte, os ciganos Calon revelam ser um momento caótico na existência do grupo. Quando ocorre um caso de óbito, eles geralmente juntam todos os pertences do falecido e queimam numa fogueira para apagar de uma vez por todas a imagem da pessoa que partiu. Lembrar de alguém que já partiu representa voltar ao passado de horror. Esse passado não interessa ao repertório do pensamento do grupo. Até mesmo se o falecido possuir bens, são distribuídos com a vizinhança, mas nada fica para fazer ressurgir a lembrança de alguém que partiu para outra vida. A ninguém do grupo interessa algo que pertenceu ao finado. O velório, quando permitem acontecer, é feito fora de casa. Algumas vezes realizam o ato de beber o defunto<sup>5</sup>, dependendo da vida do indivíduo falecido.

O sepultamento é realizado às pressas, marcado por forte inquietação, agem com rapidez para que o cerimonial fúnebre se conclua com maior brevidade. Após o sepultamento, os ciganos calon se mudam do lugar por bastante tempo. Alguns nem voltam àquele lugar. Comenta Martinez (1988, p. 32) que: Além do medo que a morte inspira, a ausência de unidade parece provir da multiplicidade das condutas observadas. “Os ritos funerários diferem de um grupo para outro”. Portanto, é perceptível que no momento de um caso de morte os ciganos se dispersam e que os modos de rituais diferem entre lugares e famílias.

As nossas observações em vários momentos funerários revelam fatos curiosos com relação ao aspecto da morte, pois o medo do desconhecido entre os ciganos os leva a um estado de total desespero. Percebemos num sepultamento que poucos ciganos entraram na Igreja Matriz de São Sebastião em Florânia - RN, e até fotografamos uma jovem que passou a missa inteira sem olhar para a sua frente, se posicionando contrária a todos os presentes.

---

<sup>5</sup> Notadamente, os ciganos Calon costumam, em Florânia, beber o defunto. Esta atitude ou cerimônia está ligada ao ato de que durante o velório, que geralmente é feito na frente da casa do defunto, em círculo e com uma fogueira acesa à noite, para onde se jogam os pertences do morto, se festeja a partida daquele membro do grupo. Assisti ao velório da Cigana Quixaba no ano de 1998. Os ciganos presentes cantavam e bebiam e, há certa hora, queimaram todos os documentos, roupas e pertences da defunta. Afirmam fazer tal atividade dependendo da forma como o indivíduo morre, que inclui aí a morte por idade ou doença, enfim, a morte morrida e não matada.



**Imagem 17** - Cena de velório.  
**Fonte:** (O autor)

A partida ao cemitério chama a atenção pela quantidade de motos e buzinas, carros e animais que, num cortejo, partem sem rumo para esquecer o morto em algum lugar onde possam encontrar apoio. Observamos cenas onde levam com eles animais como galinhas, porcos, e objetos como mesas e cadeiras.



**Figura 18** - Cena de funeral ocorrido na cidade de Florânia/RN no ano 2000 do século XX.  
**Fonte:** (O autor)

Com relação à saúde, os ciganos afirmam não haver muitas doenças no grupo e que, através dos ensinamentos dos mais velhos, aprendem a curará-las com ajuda de ervas medicinais encontradas nas estradas. Maria Carnaúba afirma que se faz o controle da natalidade com ajuda de chás do conhecimento de sua gente e muitas vezes, a viagem serve para curar gripe das crianças, febre e até mesmo as feridas. “Eles curam no sol e na poeira”.

Porém, é observado que uma série de doenças tem atingido as crianças do grupo. Problemas de audição e deficiência física marcam muitas famílias. Não se sabe ao certo os

motivos do surgimento das doenças, mas acreditamos serem consequências de casamentos parentais e consanguíneos que sempre acontecem no grupo.

Os ciganos da Praça Calon usam roupas coloridas, vestidos longos com estampas e somente os mais novos aderem ao jeans, mas sempre acompanhados com algum componente do estilo cigano, o que faz com que sua aparência se torna inconfundível na comunidade.

Gostam de dançar um bailado que mistura passos de diversas danças conhecidas por eles. Eles preferem o forró como ritmo da atualidade além de músicas sertanejas acompanhadas de um violão por alguém do grupo. Existem muitos cantores que sonham em gravar músicas e fazer sucessos. É o caso de Ronaldo Cigano, que compõem músicas românticas e religiosas, grava CDs para vender na feira livre e faz shows artísticos. Também é o caso do cigano Jacaré, que já chegou até a vencer concurso de Mais Bela Voz na cidade.

Observamos com muita atenção que os ciganos têm denominações de apelidos que servem para identificar ou escamotear em situações da vida cotidiana. Chegam a ter dois apelidos e mudam conforme a idade e as mudanças físicas no corpo. Eis alguns dos apelidos que conseguimos identificar: Jacaré, Memeu, Baguí, Carrim, Polô, Quixaba, Gato, Pelado, Burrica, Xinxim, Chucajada, Cheirosa, Cimitero, Xexéu, Sujinha, Catôta, Cuchilá, Peru, Goiaba, Pinucha e Borrega.

Para os ciganos da Praça Calon, tudo pertence ao destino e tudo já é traçado pela vontade de Deus. O determinismo é uma constante na vida desse povo que acredita trazer, desde o nascimento, todo um destino a cumprir na terra. Para eles, o futuro do seu povo pertence ao merecimento resguardado pelo destino dado por Deus. Ao perguntar ao cigano Memeu sobre o futuro do grupo nos próximos anos, ele esboça um sentimento otimista quando afirma: “A tendência é crescer o bando, se misturar com os não cigano, os brasileiro. Nosso povo não acaba”. A nossa pergunta faz referência ao que o cigano espera do grupo num espaço de uma década, duas décadas.

Ocorre que após anos e mais anos, pudemos perceber que muita coisa mudou na Praça Calon. Algumas famílias se dispersaram por outros bairros da cidade, residindo em outras ruas. Muitos ciganos mudaram para outros municípios do estado e umas famílias passaram a desenvolver uma atividade nova no mundo do trabalho como, por exemplo, a agricultura.

A diversidade de situações de vidas presentes nos grupos visitados no percurso da pesquisa nos possibilita também compreender a identidade desse povo cigano. Os múltiplos comportamentos, as diversas maneiras de produzir suas táticas e astúcias, no espaço organizado da escola ou fora dela, revelam a identidade presente na vida desse povo, que é uma identidade de resistência.

A identidade de resistência é construída por atores que se encontram em condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação. Leva à formação de comunas ou comunidades e dá origem a formas de resistência coletiva diante da opressão social. Neste contexto, situa-se os ciganos do grupo Calon, que coletivamente constroem sua identidade de resistência e formatam a possibilidade de criação de um novo movimento social. Para Castells, toda e qualquer identidade é um produto de uma construção e afirma que:

A construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedade, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço. (CASTELLS, 1999, p. 23).

Castells classifica ainda os tipos de identidade como sendo identidade legitimadora, que é introduzida pelas instituições dominantes no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais; identidade de resistência, que é uma criação dos próprios atores sociais que constroem trincheiras de resistências na sociedade e identidade de projeto, que ocorre quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade para redefinir sua posição na sociedade.

No decorrer do tempo, os ciganos construíram um repertório cultural para a sua sobrevivência enquanto grupo. São identificados nos lugares onde passam por suas características próprias. Cor, roupas, costumes e linguagem ajudam a definir até mesmo por estereótipos quem são os errantes que, seja em estradas, aglomerados urbanos ou terrenos baldios, armam suas tendas ou constroem suas formas de proteção. Afirma Goldfarb (2004, p. 180):

E é o senso de coletividade que promove o sentido de unidade que os auxilia na luta pela resolução dos problemas diários, a partir das redes comunitárias, da sociabilidade e da coletivização da vida: desde a partilha de alimentos, de objetos pessoais até a partilha de estigmas.

Portanto, fica visível que o uso de uma língua comum entre os ciganos, e estranha aos não ciganos. O senso de unidade e coletivização das práticas vivenciadas torna as relações consistentes entre eles, o que contribui decisivamente no processo de superação das dificuldades cotidianas. Cotidiano este que nos faz entender Certeau (2002, p. 31).

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio do caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada.

Como podemos perceber os ciganos da Praça Calon possuem práticas sociais instituídas pela própria convivência grupal e representações fabricadas nas combinatórias de operações do cotidiano. Apropriam-se e se reapropriam, num movimento circular, da cultura que consomem na escola que as crianças frequentam e fora dela, no cotidiano de convivência com os outros. Ordenam-se politicamente numa construção feito peças de jogar num quebra-cabeça por “maneiras de fazer”, “maneiras de viver” e “maneiras de caminhar”. Por fim, uma bricolagem de situações produzidas por grupos ou indivíduos presos na rede da vigilância.

Certeau (2002) reforça que as práticas são as artes de fazer isto ou aquilo, indissociável de um ato de utilizar. Portanto, as representações que usam no cotidiano são suportes práticos que estão contidos nos rituais do nascimento, da morte, da sexualidade, da compreensão sobre o destino, as viagens, enfim, táticas que utilizam para burlar o mundo não cigano. Assim, os ciganos se apropriam de uma cultura externa do não cigano e, o mesmo tempo, da sua que lhes é autorizada, espécie de espólio dos mais velhos que repassam de geração a geração seus conhecimentos, suas táticas e suas astúcias. Neste caminho, o conhecimento dos mais velhos, suas tradições e representações sobre as diversas atividades do cotidiano do cigano da Praça Calon ganham significado de capital sociocultural desses sujeitos.

Em seus estudos sobre o cotidiano e as práticas, Certeau (2002) consegue contribuir com muitos dos aspectos abordados neste trabalho, o que *a posteriori* poderá ser retomado em outra investigação. São as modalidades de uso, práticas urbanas, relatos de espaços, usos da língua, o ruído dos corpos, a morte, o perecível. Enfim, o homem e coisas desdenhadas, ordinárias do dia a dia, presentes e analisadas na teoria de Certeau.

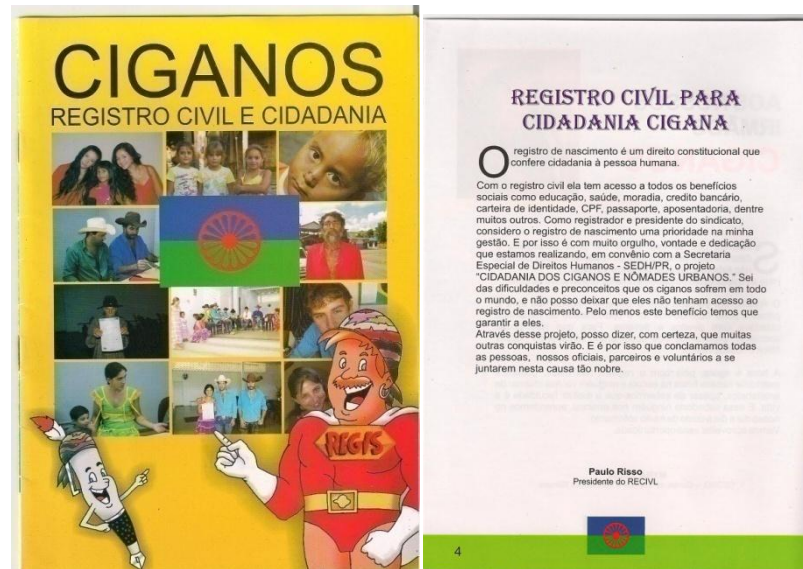
Como afirma Giardi (2008), Certeau constrói, no entrecruzamento das disciplinas e dos métodos de pesquisa, associando a história e a antropologia, os conceitos da filosofia, da lingüística e da psicanálise, porque desejava captar novamente cada momento histórico na multidisciplinidade dos seus componentes e nas contradições dos seus conflitos, e porque desconfiava da imposição anacrônica das sociedades passadas, da grade que recorta atualmente os nossos conhecimentos.

#### 4.1 UM BRASIL PLURAL NO CAMINHO...

Numa breve revisão da história do nosso país, podemos entender parte das reivindicações dos setores e grupos da sociedade que buscam a implementação de ações afirmativas e que provoquem reais reparações na forma em que as minorias étnicas raciais foram tratadas no Brasil. Para Fonseca (2009, p. 9), “esse passado – plural e multifacetado – merece mais de uma interpretação, posto que as experiências pretéritas de quaisquer povos e países não podem ser vistas através de um único prisma”.

É importante ressaltar que o Estado Brasileiro tem assinado acordos e compromissos internacionais de ação afirmativa, como por exemplo, a Organização Internacional do Trabalho (OIT), que trata do combate às práticas discriminatórias e racistas no mercado de trabalho e emprego, e recentemente em Durban, África do Sul, 2001, com as resoluções da Conferência contra o Racismo, a Xenofobia e Outras formas correlatas de Discriminação. Nesse mesmo ano, o Brasil condenou oficialmente o colonialismo e a escravidão como crimes lesa-humanidade, afirmando que os Estados Nacionais deveriam trabalhar para erradicar a desigualdade social, tecnológica, cultural, educacional, econômica e política que tem fundo nos atributos de raça, de etnia e de cor. “As ações afirmativas são políticas públicas destinadas a atender grupos sociais que se encontram em condições de desvantagem ou vulnerabilidade social em decorrência de fatores históricos, culturais e econômicos”. (FONSECA. 2009, p.11).

No entanto, é preciso compreender que as políticas públicas de ações afirmativas estão em voga no nosso país desde meados da década de 1990 e continuam sendo apenas um debate midiático na sociedade brasileira e uma vitrine para governantes, militantes de movimentos sociais e partidos políticos, pela irrisória quantidade de políticas públicas empreendidas. Soma-se a essa informação, a ausência de ações para as etnias ciganas, que só conta atualmente, com o apoio de Organizações Não governamental (ONGs) tendo como protagonistas as lideranças dos Ciganos Calon e Kalderash; a Pastoral dos Nômades do Brasil, que por meio da igreja Católica e da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, tem desenvolvido ações pontuais que envolvem a temática da inclusão e da cidadania entre os diversos grupos ciganos do país.



**Imagem 19** - Capa e texto de divulgação da Campanha Nacional pelo direito ao registro Civil em Minas Gerais, com auxílio de diversas ONGs de temática cigana.

**Fonte:** (O autor)

A organização de ciganos no nosso país através de ONGs ainda é muito recente. Na década de 80 do século XX, é que se inicia o processo de discussão sobre a temática. Macêdo, (1992) cita os nomes dos fundadores do primeiro Centro de Estudos Ciganos do Brasil e uma relação das Organizações Ciganas Internacionais distribuídas pelos países da América do Sul, Oceania e Europa. Uma referência que nos pode confirmar como o movimento de organização no mundo já é muito consistente. No Brasil, temos conhecido algumas organizações que buscam a garantia de direitos, como também, organizações de caráter cultural, com atuação na preservação dos traços culturais, a divulgação da etnia e, conseqüentemente, estabelecer com o “outro” uma relação de convivência sem intolerâncias.

Destacam-se, neste sentido, o Centro de Estudos e Discussões Romani/ CEDRO, que tem à frente a cigana Myra Calim ( Anexo 5); Centro de Cultura Cigana, que tem à frente o jornalista potiguar e cigano Calon Zarco Fernandes; União Cigana do Brasil, representada pelo cigano Mio Vacite; Embaixada Cigana do Brasil, coordenada pelo antropólogo e cigano da etnia Sinti Nicolás Romanush; Associação da Cultura Cigana de Campinas, que tem como presidente a cigana Vanda Savá; a Fundação Santa Sara Kali, que tem à frente a advogada e cigana Kalderash Miriam Stanescon (Anexo 6); e mais atual, o Conaci, que é o Conselho Nacional dos Ciganos, que reúne várias lideranças ciganas do nosso país. É presidido pelo cigano Calon e pernambucano Enildo Soares dos Santos, e conta na Comissão Jurídica com a participação ativa da estudante do Curso de Direito da Universidade Potiguar, a cigana Roraranó Adriana.



**Imagem 20** - O cigano Fernando Calon e a cigana Kalderash Mirian Stanescon  
**Fonte:** (O autor)

No estado do Rio Grande do Norte, já estão adiantadas, comparando com outros estados do país, as discussões sobre a organização dos ciganos em associações comunitárias e organizações de proteção a identidade do seu povo. Na cidade de Parnamirim, encontra-se em fase de criação uma Organização não governamental liderada pelo cigano Calon Gilberto “Associação comunidade União Cigana de Parnamirim” e tem apoio da equipe de Assistência Social da Prefeitura Municipal, que realiza um acompanhamento social com o grupo.

No ano de 2010, a comunidade cigana de Cidade Praia recebeu do Ministério da Cultura o prêmio Culturas Ciganas, sendo contemplado com um valor de R\$ 10.000,00 (dez mil reais), para financiar uma escola para as crianças ciganas da comunidade que tem como líder o Senhor Antônio Calon. Esta comunidade foi assistida com o programa de alfabetização da SEEC–RN Caminhando, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA, e pelo projeto Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos - Mova Brasil em parceria com a Petrobras, a Federação Única dos Petroleiros e o Instituto Paulo Freire.

Em alguns municípios do nosso estado, onde são frequentes os movimentos de fixação mesmo que temporárias, já é possível constatar nos ciganos Calon o desejo de constituírem suas organizações sociais, como em Equador, Caicó, Tangará, Jucurutu, Currais Novos, todos com o apoio da Pastoral dos Nômades do Brasil.

A Pastoral dos Nômades do Brasil é um serviço da igreja Católica que se propõe a atender pastoralmente pessoas ou grupos que integram o povo nômade, especialmente nas



características dos ciganos, dos circenses e parquistas – que são os artistas ou não artistas que trabalham em parques e mantêm uma vida de itinerância. Esta instituição está ligada diretamente ao Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e dos Itinerantes, na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, e também à Comissão Episcopal para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz, no Setor Mobilidade Humana. Sua fundação deu-se no ano de 1975 a partir de uma aclamação do Papa Paulo VI, numa romaria cigana por ocasião do ano jubilar. No ano de 1987, aconteceu o primeiro encontro Nacional.



**Imagem 21** – Lideranças da PN do Brasil e na direita, a presença deste pesquisador.  
**Fonte:** (O autor)

No âmbito de ação da Pastoral dos Nômades, destaca-se a promoção da dignidade humana, a renovação da comunidade e a construção de uma sociedade solidária. Dentre os três eixos citados, merecem colocar como prioridades da PN os seguintes pontos: Conhecer profundamente sua cultura; Compreender a mentalidade e o jeito cigano de ser; Incentivar a manutenção da língua própria como patrimônio cultural; Denunciar as violações dos direitos humanos das quais são vítimas os ciganos, os circenses e parquistas; Contribuir para que os ciganos tenham acesso aos direitos sociais fundamentais; Promover o diálogo entre as comunidades ciganas e não ciganas; Promover e desenvolver programa de alfabetização nos acampamentos e circos; Lutar com eles pelo direito de ir, vir e permanecer; Tornar conhecido o fenômeno da itinerância e sensibilizar a sociedade sobre a necessidade de criar espaço de atenção e de acolhida; Contribuir para unir os ciganos aos mesmos ideais de justiça e igualdade social.

A Pastoral dos Nômades reza em seus documentos, através da Constituição Apostólica *Pastor Bonus* – art.150,§1: AAS LXXX (1988, 899). - que João Paulo II confiou ao Conselho Pontifício da Pastoral para os Migrantes e Itinerantes a tarefa de “empenhar-se para que, nas igrejas locais, seja oferecida uma eficaz e apropriada assistência espiritual, quer aos fugitivos e aos exilados, quer ao imigrante, aos nômades e às pessoas que exercem a arte circense”. Assim, a Igreja considera necessária a formação de uma Pastoral específica para os Ciganos, com vistas a sua evangelização e promoção humana. Em recente publicação do Conselho Pontifício da Pastoral para os migrantes e itinerantes, denominado Orientações para uma Pastoral dos Ciganos, datado do ano 2009, considera que:

Os ciganos constituem uma ‘população em movimento’ cuja visão de mundo tem suas origens na civilização nômade, sendo que, numa situação sedentária, não é fácil compreendê-la em profundidade [...] Em geral as comunidades caracterizam-se por sua fixação em bairros degradados, em terrenos abandonados, viverem em acampamentos, em áreas de estacionamento pouco organizadas ou em bairros periféricos das cidades e das povoações dos gadjé. (CONSELHO PONTIFÍCIO DA PASTORAL PARA OS IMIGRANTES E INTINERANTES, 2009, p. 19).

As questões étnico-raciais estão presentes no sistema educacional de várias maneiras, seja através dos livros textos das áreas de ensino, nos acontecimentos históricos, comemorações, eventos cívicos e culturais, seja também presentes nos discursos dos professores. Essas nuances cristalizam procedimentos e atitudes e alcançam níveis consideráveis na prática cotidiana da escola.

O debate no Brasil sobre a diversidade cultural tem como ponto de referência o processo de migração e colonização que gerou uma ampla diversificação cultural, nos mais diversos territórios do país. Vivemos um processo histórico de desigualdades social e racial que se arrastam por séculos a fio. As desigualdades sociais no Brasil se associam à escravidão e se consolidaram com base nas teses da inferioridade biológica dos negros e na ideologia do branqueamento, que resultou nas dificuldades de inserção do negro no mercado de trabalho e na aquisição de mão de obra européia, resultando assim numa baixa participação do negro no espaço político nacional. Assim, a luta pela igualdade de raças no Brasil (índios, negros e brancos) ocultou a discriminação racial por todos estes anos.

Para Lima (2008), o uso do conceito de etnia está associado às correntes culturalistas e às políticas públicas de afirmação, tem buscado articular os conceitos etnia/raça, por entender o lugar das relações étnico-raciais no contexto da história sócio-política do país e que essa

nomenclatura é condizente com a multiplicidade identitária que compõe a população negra/afrobrasileira.

Por quase todo o século XX, o tema da diversidade cultural esteve ausente das salas de aula e somente agora é que a intervenção pública no enfrentamento a discriminação e ao racismo se situa no campo das discussões raciais no contexto social e educacional brasileiro. Estudos sobre as relações étnico-raciais no espaço escolar evidenciam que a escola, enquanto agência socializadora, pode reforçar as tradicionais assimetrias raciais presentes na sociedade e atuar como difusora do preconceito e da discriminação.

Estes estudos, ressaltamos, ganharam destaque no cenário das pesquisas educacionais acompanhados timidamente da problemática da inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais. É possível perceber pela qualidade e quantidade de pesquisas acadêmicas produzidas no nosso país. A inclusão da diversidade na sala de aula e no mundo do trabalho esteve sempre ligada ao viés das questões das deficiências físicas e muito pouco, das questões mais complexas que envolvem as minorias étnicas raciais, minorias religiosas e ou grupos sociais em desvantagem.

A pesquisadora Edler Carvalho (2008) afirma em seus estudos que nos anos 90 do século XX é que esta temática ganha destaque no debate educacional brasileiro e que ao analisar o texto da Declaração de Salamanca de 1994, parece não haver dúvidas de que os sujeitos da inclusão são todos aqueles que nunca estiveram em escolas, os que lá estão e experimentam discriminações, os que enfrentam barreiras para a aprendizagem, os que são vítimas das práticas elitistas e injustas de nossa sociedade, os que apresentam condutas típicas de síndromes neurológicas, psiquiátricas ou com quadros psicológicos graves, além dos superdotados com altas habilidades, os que se evadem precocemente e, obviamente, as pessoas em situação de deficiência.

Para Carvalho (2008, p.14), quando o vocábulo diferença é aplicado a pessoas, torna-se “particularmente, polissêmico e polifônico pela multiplicidade de perspectivas que se reveste nas práticas sociais e na medida em que se apóia em alguns marcadores sociais”. Afirma que os marcadores são considerados geralmente como “gênero, classe social, geração, etnia, características físicas, mentais e culturais segundo diferentes conotações”<sup>6</sup>. Em seus estudos, situa diferença numa distinção de quatro formas de conceituação: diferença como experiência; diferença como relação social; diferença como subjetividade e diferença como identidade.

---

<sup>6</sup> CARVALHO, 2008, p.14

Tomemos, portanto, a diferença como relação social para aplicar como análise na nossa investigação quando a autora concorda em seu trabalho que esta modalidade de diferença:

contém o ranço colonialista que desvela uma relação de dominação subordinação [entre o colonizador e os colonizados. Portanto,] a diferença não é percebida como um fato isolado e sim como resultante de relações sociais fundamentadas em valores que, uma vez desrespeitadas, produzem as diferenças. (CARVALHO, 2008, p.17).

Conjunto a essa afirmação, tomaremos, num segundo ponto, a conceituação de diferença como identidade sugerida pela autora: “A identidade pode ser conceituada como o conjunto de características que permitem diferenciar pessoas e objetos uns dos outros”<sup>7</sup>. Postos os dois pontos citados, podemos concluir que a diferença como relação social é construída entre os sujeitos por meio de relações de poder que um exerce e influi sobre o outro, este sentido o branco colonizador sobre o negro, o branco sobre o índio, o não cigano – (gajé) sobre o cigano (gajó), o saudável sobre o portador de necessidades especiais, diferenças estas que servem para a construção social da diferença como identidade. Estas diferenças estão presentes em relações sociais que “implicam em sequelas na autoestima e nas motivações dos sujeitos”. Assim, a autora conclui que:

o trabalho educativo da diversidade começa pelo reconhecimento das diferenças e na paridade de direitos que na escola traduzem-se como aprendizagem e participação e não apenas como presença física nesta ou naquela modalidade de atendimento educacional escolar. (CARVALHO, 2008, p. 23).

Portanto, cabe, na escola, ao professor-mediador do processo ensino/aprendizagem trabalhar o reconhecimento das diferenças na sala de aula, apontando caminhos para que seu aluno se encontre consigo em suas diferenças, limitações, possibilidades físicas e culturais, incentivando aos outros o conhecimento e a valorização pela diversidade, assim num jogo de relação de respeito mútuo. Esta atitude afirmativa poderá ser o ponto de partida para a construção de outro currículo, um currículo multicultural.

Numa perspectiva multicultural, o currículo escolar pode favorecer a formação de indivíduos que valorizem a diversidade cultural e que tenham condições de lidar com as diferenças e as relações sociais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN - e as implantações das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 são medidas que, neste sentido, dão

---

<sup>7</sup> Ibid., p.21.

contribuições, ainda que tímidas, a problemática, pontuando algumas alternativas em busca da promoção de mudanças no sistema educacional.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN - foram introduzidos nos currículos escolares, no ano de 1997, numa publicação de alcance para todos os professores da rede pública do país, sugerindo em seu arcabouço perspectivas de mudanças na prática docente, com uma estruturação de áreas de conhecimento constando de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Arte e Educação Física, introduzindo discussões sistemáticas com os temas transversais compreendendo Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual e Pluralidade Cultural.



**Imagem 22** - Alunas ciganas em Festa na Escola.

**Fonte:** Arquivo Particular da E. M. Domingas Francelina das Neves. Florânia/RN.

Os objetivos trazidos no Tema da Pluralidade Cultural como sugestões para o trabalho pedagógico no Ensino Fundamental enfatiza o desenvolvimento de capacidades como o conhecimento da diversidade do patrimônio étnico-racial brasileiro; valorização das diversas culturas presentes na constituição do Brasil; desenvolvimento de atitudes de empatia para com aqueles que sofrem discriminação; repúdio e denúncia contra qualquer atitude de discriminação; valorização do convívio pacífico entre os diferentes componentes da diversidade cultural e compreensão da desigualdade como um problema de todos e como uma realidade passível de mudanças.

O documento traz em si uma constatação ao admitir práticas discriminatórias e preconceituosas no meio escolar e ao reconhecer tais práticas, os PCN repassam à escola a atribuição fundamental na transformação de mentalidades, na superação de preconceitos e enfrentamento a atitudes discriminatórias:

Apesar da discriminação, da injustiça e do preconceito que contradizem os princípios de dignidade, do respeito mútuo e da justiça, paradoxalmente o Brasil tem produzido também experiências de convívio e da interetnicidade, a reelaboração das culturas de origem, constituindo algo intangível que se tem chamado brasilidade, que permite a cada um reconhecer-se brasileiro. Encravada nas contradições de um sistema econômico e social que se constitui historicamente de maneira injusta, o Brasil tem essa contribuição a dar: a possibilidade de uma singularidade múltipla, multifacetada, de uma ação também (ainda que não só) amistosa e calorosa com o mundo e aberta para ele. (COMITÊ NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS, 1997, p. 21).

Contudo, é notável o distanciamento entre o documento e as realidades do cotidiano escolar, mesmo que nem se levem em consideração as relações existentes no interior das instituições de ensino que em sua maioria omitem as questões mais globais da diversidade nas salas de aula e as práticas excludentes sofridas por muitos alunos no contexto escolar. Outro ponto de preocupação é a possibilidade de se considerar como tema transversal a diversidade cultural e, nessa via, provocar limitações ao currículo formal, sem procurar efetivar e implementar uma educação multicultural.

Ainda na perspectiva da Pluralidade Cultural dos Parâmetros Curriculares Nacionais, ensino e aprendizagem buscam:

[...] oportunidades de conhecimentos de suas origens como brasileiro e como participante de grupos culturais específicos [...] com possibilidades concretas de ajustes na percepção das injustiças sociais, manifestações de preconceitos e discriminação, e que venham a testemunhar, desenvolvendo atitudes de repúdio a essas práticas. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, 1997, p. 15).

Em resumo, os Parâmetros Curriculares Nacionais trouxeram para o meio docente uma percepção nova da realidade educacional das escolas do ensino básico do nosso país, apesar de estarem cercados de dúvidas e críticas de alguns setores da educação, como os coletivos de professores, as associações docentes e grande parte da academia, pois o documento ministerial propôs uma reforma curricular educacional com resquícios de uma democracia racial presente no imaginário social brasileiro. E como afirmam Akkari e Santiago (2010, p. 5):

De acordo com o documento a sociedade e o modelo brasileiro de relações raciais produzem uma relação ‘amistosa’ entre os indivíduos com distintas marcas raciais mantendo contraditoriamente um padrão assimétrico que sempre fundamentou a hegemonia branca no exercício de funções sociais, no mercado de trabalho, no acesso aos bens de consumo e na participação política. Neste contexto, indagamos até que ponto relacionar tais contradições pode contribuir com a superação dos parâmetros hierárquicos raciais presentes na sociedade brasileira.

Paulatinamente, as impressões que se teve dos PCN foram sendo tomadas por um sentimento de desencanto orquestrado pela ausência de transformações no âmbito das práticas da escola. O documento representava também uma negação da luta contra o enfrentamento das desigualdades, omitia a diversidade existente nas salas de aulas e não fornecia indicativos de superação das relações étnico-raciais na sociedade.

No ano 2001, em Durban – África do Sul, o Brasil participou da III Conferência Mundial Contra o Racismo, a Xenofobia e Intolerâncias Correlatas e assumiu o compromisso de criar políticas públicas de ações afirmativas, objetivando o ressarcimento a população negra dos danos causados pela escravidão no período da Colônia e do Império. Em 2003, foi criada a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPPIR), com o objetivo de formular, coordenar e articular políticas e diretrizes para a promoção da igualdade racial e proteção dos direitos dos grupos raciais e étnicos discriminados.

Neste mesmo ano, foi sancionada a Lei nº 10.639/2003 que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96 incluindo a temática de História e Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar.

Para a Professora Maria do Carmo da Silva Medeiros, técnica da Secretaria Estadual de Educação e Cultura (SEEC/RN), que participa como membro do Fórum Permanente de Educação e Diversidade Étnico-racial do Estado do Rio Grande do Norte (informação verbal):

Esta nova lei prevê a promoção, proteção e respeito à diversidade de experiências e culturas, assegurando à população a igualdade de oportunidades para o acesso e a apropriação do conhecimento. Tais elementos orientam os princípios de uma educação de qualidade para todas as pessoas, ou seja, equidade, pertinência, relevância, eficácia e eficiência. No dia 09 de janeiro do ano de 2003 foi sancionada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva a Lei 10.639/2003 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases (LDB). A partir de então, tornou-se obrigatório a inclusão, no currículo das escolas de Ensino Fundamental e Médio (públicas e privadas), o estudo da História e Cultura Afro-brasileira. Busca-se, com isso, resgatar a contribuição da raça negra nas áreas social, econômica, política e cultural no cenário brasileiro. A lei propõe, ainda, que os calendários escolares incluam

o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra. A lei 10.639/2003 chegou para promover a valorização e o reconhecimento da diversidade étnico-racial na educação brasileira a partir do enfrentamento estratégico de culturas e práticas discriminatórias e racistas institucionalizadas presentes no cotidiano das escolas e nos sistemas de ensino que excluem e penalizam crianças, jovens e adultos negros e comprometem a garantia do direito à educação de qualidade de todos e todas. No setor educacional, a implementação da Lei significa ruptura profunda com um tipo de postura pedagógica que não reconhece as diferenças resultantes do nosso processo de formação nacional. Para além do impacto positivo junto à população negra, essa lei deve ser encarada como desafio fundamental do conjunto das políticas que visam à melhoria da qualidade da educação brasileira para todos e todas.

Após, o Ministério da Educação criou a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) com o propósito de implementar políticas de inclusão educacional assegurando o respeito e a valorização dos múltiplos contornos da diversidade étnico-racial, cultural, de gênero, social, ambiental e regional.

Com relação à Lei 11.645/2008, a professora acrescenta (informação verbal) que houve uma alteração significativa na lei, embora se perceba a ausência de contemplar outras etnias que existem no nosso país:

É a Lei 11.645/2008 que torna obrigatório no Ensino Fundamental e Médio, nas escolas brasileiras públicas e particulares, o estudo da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena. Esta nova legislação alterou a Lei 9.394/96 e estabelece que o conteúdo programático da escola inclua diversos aspectos da história e da cultura que formaram a população brasileira, levando em consideração os Índios e Africanos. Aspectos como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. A política para implementação da temática na educação brasileira deve, agora, estar articulada com movimentos sociais e políticas públicas para que, depois da legislação, haja uma real implementação da determinação legal. O sistema antigo de educação brasileira sempre negou a existência de outra história que não fosse aquela já esquematizada. A preocupação com o tema é recente, parte por carência de fontes, parte porque o negro não teve acesso à escolarização por séculos. A preocupação se traduziu, em 2003, na edição da Lei 10.639 e, mais recentemente, na Lei 11.645/2008. Ambas restabelecem o diálogo e rompem com a linha de ensino fundamentada em apenas uma civilização, logo em um país formado por muitas nações. Nações indígenas e africanas podem comemorar parte de uma grande luta, que não está para terminar tão cedo. Desde os tempos da Primeira República (1893/1930) até a edição da Lei 11.645/2008, muitos passos foram dados para a atual incorporação do estudo das civilizações indígenas e africanas na escola brasileira, como, por exemplo, a LDB de 1961 (art. 38, III) que determinava que diferentes culturas servissem de base para o ensino da História do Brasil.



Mas apenas em 2008 a legislação foi mais severa a ponto de exigir o ensino das duas culturas em escolas brasileiras. Antes da Lei 11.645/2008, o presidente Luiz Inácio e o então ministro Cristovam Buarque, sancionaram a Lei 10.639/2003, tornando obrigatória a matéria “História e Cultura Afro-Brasileira”. Me parece que agora a lei de 2008 veio corrigir a omissão em relação aos indígenas. A lei é um passo importante, mas, além do estabelecimento legal, tornar a legislação efetiva através das políticas públicas é que poder tornar possível a História fora das linhas de tempo, de local e de civilização já pré-estabelecidas.

Os fundamentos metodológicos para a educação em direitos humanos se inserem numa abordagem teórica crítica da educação, considerando que seus objetivos inserem uma visão crítico-transformadora dos valores, atitudes, relações e práticas sociais e institucionais. A pesquisadora Candau (2007 apud SILVEIRA, 2009, p.19) destaca o aspecto sócio-crítico quando afirma que:

a educação em direitos humanos potencializa uma atitude questionadora, desvela a necessidade de introduzir mudanças, tanto no currículo explícito, quanto no currículo oculto, afetando assim a cultura escolar e a cultura da escola.

Nesse sentido, é preciso concluir que, a educação que pode contribuir de forma decisiva para os anseios dos Direitos Humanos é a educação popular, compreendida como algo intrínseco às relações humanas e sociais, mais precisamente como um fenômeno de apropriação da cultura. Melo Neto (2007, apud SILVEIRA, 2009, p. 432) sugere sobre uma educação popular:

que incentive a participação das pessoas, ou seja, um meio de veiculação e promoção para a busca da cidadania, [...] para a ampliação de canais de participação [...] que possibilite a tomada de atitude e decisão [...] que possibilite novas intervenções nos ambientes de vida e que assuma um posicionamento político e filosófico diante do mundo.

A educação que interessa aos Direitos Humanos é uma educação que vai além da contextualização e a explicação das variáveis sociais, econômicas, políticas e culturais que interferem decisivamente nos processos educativos.

Faz parte dessa educação aprender os conteúdos que dão corpo a essa área, ou seja, história, os processos de evolução das conquistas e das violações dos direitos, as legislações, pactos e acordos que dão sustentabilidade e garantia aos direitos são conteúdos a serem trabalhados no currículo básico. (SILVA, 2010, p. 49).

Neste sentido, a discussão posta pelos teóricos de Educação em Direitos Humanos tem se projetado como uma importante ferramenta de inclusão social dos sujeitos de direitos no nosso meio – educação esta que surgiu no contexto das lutas sociais populares como estratégia de resistência cultural às violações aos direitos humanos e como fundamentos para o processo emancipador de conquistas e criação de direitos. SILVA (2010, p. 41) esclarece que:

[...] desenvolver uma educação em direitos humanos imbricada no conceito de cultura democrática, fundamentada nos contextos nacional e internacional, nos valores da tolerância em relação às diferenças, na solidariedade, na justiça social, na sustentabilidade, na inclusão e na pluralidade, é urgente, imprescindível e essencial. É a educação nessa direção que possibilita avançar no reconhecimento e na defesa intransigente dos direitos fundamentais para todo ser humano, na defesa e fortalecimento da democracia.

É na escola que a criança inicia seus contatos de socialização mais ampla, longe da família, e aprende as regras de convivência, as forma de ser, de ver, entender o outro nas suas diferenças e de ser e estar no mundo. A Escola necessita desenvolver este papel e é de suma importância que seja estabelecido no seu Projeto Político Pedagógico o planejamento de ações que busquem na sua essência a formação de sujeitos que possam se assumir coletivamente; uma cultura de respeito às pessoas, independentes de suas condições sociais, econômicas, culturais e de qualquer orientação sexual.

No entanto, é necessário pensar numa escola democratizante capaz de realizar, num processo formativo, a capacitação de indivíduos para serem atores que ensinam e aprendem a respeitar as liberdades do outro, os direitos individuais, a defesa dos interesses coletivos e os valores sociais.

O Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2006, p. 23) destaca que:

o processo formativo pressupõe o reconhecimento da pluralidade e da alteridade, condições básicas da liberdade para o exercício da crítica, da criatividade, do debate de idéias e para o reconhecimento, respeito, promoção e valorização da diversidade. [...] é importante garantir dignidade, igualdade de oportunidades, exercício da participação e da autonomia aos membros da comunidade escolar.

Portanto, é de grande importância a participação coletiva da comunidade educativa na elaboração de uma proposta educacional na escola. Proposta esta que possa ouvir a voz dos pais dos alunos, dos sujeitos da rua e do bairro, bairro este que reúne os mais diferentes

sujeitos da diversidade, perceber e valorizar os diferentes saberes dos diversos sujeitos e neste exercício de ouvir, construir em conjunto um novo momento para a escola, que possa funcionar nos diversos lugares da cidade e do bairro, sob os preceitos que a Constituição Federal preconiza. Embora nos afirme Julia (2002, p. 47-48) que:

nós vivemos um momento inédito da história, o da individualização das crenças, em que a escola deve repensar sua articulação entre a sua visada universalista e o pluralismo do público que ela recebe, entre a esfera pública e a vida privada, protegendo a infância das agressões do mundo adulto, sem, contudo, deixá-la ignorar os conflitos que o atravessam. O tema da cultura escolar nos remete, assim, ao problema central da transmissão: as rupturas culturais vividas no curso dos últimos trinta anos.

Não obstante, é possível compreender diante de todo um estudo no campo da educação formal, que os diversos sujeitos que vivem em condições de pobreza ou miserabilidade no nosso país, como os refugiados das enchentes, os nômades ciganos, parquistas e circenses, ainda não foram contemplados, em sua totalidade, por um direito constitucional que é a garantia ao direito à educação.



**Imagem 23** - Ciganos da comunidade Cidade Praia. Zona Norte de Natal/RN.

**Fonte:** (O autor)

Com certeza, esta política pública teria uma repercussão direta na comunidade cigana da Praça Calon em Florânia, uma vez que são os ciganos que aguardam possibilidades de reconhecimento de sua cultura como um direito fundamental assim como alternativas para viabilizar suas constantes itinerâncias pelos lugares desejados.

A seguir, trazemos como conclusão da pesquisa, um esboço da problemática étnico-racial que se traduz no nosso país continental, com sugestões para uma prática pedagógica que

busque a compreensão dos docentes no enfrentamento da intolerância racial e do preconceito na escola, como também a análise e perspectivas de possíveis avanços no campo da educação escolar realizada com os diferentes sujeitos da diversidade.

## 5 CONCLUSÃO TRAVESSIAS... ACABSANDO... DO DIALETO *KALÉ*.

Os ciganos Calon, que por mais de três décadas participam da vida coletiva dos moradores do Bairro Rainha do Prado na cidade de Florânia/RN, descendem dos povos nômades e são possuidores de subculturas próprias de um povo socialmente subordinado. Historicamente lhes foram atribuídos papéis que inspiram imagens belas como sonhos e pesadelos, abismos do inconsciente, tiveram suas ancestralidades perseguidas pelas cruzadas e vitimadas pela inquisição e pelo holocausto. Sempre foram tratados como cavaleiros errantes, vagabundos, peregrinos, e ainda são hoje homens e mulheres de má aparência, negros de peles queimadas pelo sol, de roupas sujas e mendigos andantes.

Engrossam as estatísticas de miseráveis numa nação que transita no mundo econômico como um país em ascensão e se coloca como a 6ª maior economia capitalista do mundo. São vidas em contrastes contínuos, possuidores de um conjunto de tradições e conhecimentos que se multiplicam de gerações em gerações através da memória e sofrem no cotidiano as marcas da exclusão social e do preconceito estabelecidos sob o olhar do poder e do modelo econômico que promove cada vez mais a desigualdade e a marginalização.

Sua passagem e fixação pelos arredores da cidade de Florânia provocaram alterações significativas na vida cotidiana da comunidade. Na escola, os ciganos buscaram oportunidades de inclusão social na obtenção do conhecimento letrado no aparelho escriturístico de uma sociedade de economia e poder da cultura majoritária. Esses ciganos realizaram, nesse processo, a apropriação do domínio de novas aprendizagens presentes no mundo atual como o manejo de máquinas, do cartão de crédito bancário, do aparelho celular, da letra viva para a Carteira de Motorista entre outras.

Tais quais minúsculos seres que operam no subterrâneo, os ciganos minam nas galerias do submundo as estruturas das organizações do outro – o forte, e com suas tramas, astúcias e táticas, bricolam um tecido novo para sua permanência num mundo de disputas desiguais.

Da escola, levam consigo a integração social do bairro e da cidade, instruções de leitura, escrita e cálculo. Também levam uma cultura invisível que lhes domina o corpo e a alma, tornando-os dóceis, disciplinados e submetidos aos interesses do mais forte. Encontram na escola uma educação que lhes é imposta, e não participam das decisões curriculares, nem são chamados a opinar sobre isso ou aquilo. São vozes ausentes nos currículos escolares, pois não possuem outro poder de barganhar por uma educação que considere a realidade concreta dos seus pares, suas origens e sua cultura cotidiana. Convivendo num espaço de conflitos com

o mundo gadjê, aprendem no dia a dia a tramar com os seus iguais novos códigos de sobrevivência.

Centrados num presente conturbado, buscam na memória a relação de sua existência como sujeitos do mundo ao se afirmarem como tal e comprovam que suportam a dor e o sofrimento com suas táticas, modos de fazer próprios deles, como as dispersões, fugas constantes pelo mundo que lhes é aberto. Vislumbrar o acesso à cidadania bem longe é uma tarefa incansável, pois constantemente sentem seus direitos violados, violando em outra maneira o direito dos outros, como forma de burlar a intensidade dos fatos vividos.

As imagens dos ciganos da Praça Calon falam por si. Nas entrevistas e nas visitas aos inúmeros acampamentos realizadas durante a pesquisa, sentimos a confirmação de que espetáculo é possível de se presenciar e de se sentir. A atitude colaboradora desses sujeitos no momento da pesquisa, o sentimento de pertencimento a um grupo distinto, a referência da coletividade presentes nas partilhas dos alimentos, dos problemas cotidianos e até dos estigmas grupais e a resistência como identidade social são referências inesquecíveis no trabalho do investigador.

Para homens, mulheres, crianças e idosos que esquecem o tempo, que reinventam seus espaços, os ciganos recriam de forma portátil seus bens e pertences, pois suas riquezas se resumem na vida do ser comum, do ser ordinário.

Atuam em redes invisíveis de informações e se espalham com facilidade em trânsito livre pelas estradas e caminhos do país, sendo capazes de se comunicarem entre si, com auxílio de sinais, olhares, sorrisos, balbucias, com o franzir do cenho e acenos para outro igual.

São conscientes da questão racial e étnica que interfere na vida coletiva de sua gente e já se articulam em grupos organizados ou instituições sociais para enfrentar o problema da exclusão e do preconceito.

Compreendemos que é recente o debate sobre as questões étnico-raciais no nosso país. Somente nos últimos anos é que a temática ganhou visibilidade de forma consistente no sistema educacional brasileiro e a diversidade cultural é intrinsecamente ligada ao processo de colonização e dos movimentos migratórios ocorridos no percurso da história da construção do estado brasileiro. Assim, cada estado e cada região de um Brasil colossal esboçam realidades culturais diferentes.

O processo de escravidão que perdurou durante séculos no Brasil não pode ser negligenciado nesta análise, pois foi o epicentro de toda a desigualdade que enfrentamos no momento atual. Escravidão esta que evidenciou o empobrecimento do negro e a riqueza das

elites brancas do Brasil. Mas, é a partir da década de 80 do século XX que as discussões sobre esta problemática tomam corpo junto ao movimento de redemocratização política pós a ditadura militar.

Assim, torna-se evidente que o movimento negro foi protagonista da luta pela garantia de direitos e conseguiu, em recente momento da nossa história, uma lei de reparação com a obrigatoriedade de incluir no currículo escolar as disciplinas de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) introduziram nos currículos escolares a temática da diversidade cultural, mesmo trazendo ainda em seu arcabouço resquícios da democracia racial presentes no imaginário social do povo brasileiro. Os PCN repassaram para a escola a tarefa de superação do preconceito e combate às atitudes discriminatórias. Mas é preciso considerar que a tarefa dada à escola como possibilidade de enfrentamento da problemática da diversidade cultural como tema transversal é fator limitante.

Para tanto, é preciso considerar que o Projeto Político Pedagógico – PPP - tem um papel primordial na tomada de decisão focada nas peculiaridades e nas singularidades locais, podendo realizar, no interior da escola, diálogos com os diferentes sujeitos da diversidade de modo a construir, em conjunto, propostas de superação dos problemas no âmbito da temática. Também apontamos que a formação docente continuada pode favorecer o estímulo de práticas pedagógicas voltadas para combater o racismo e a discriminação na sala de aula e no conjunto das práticas escolares.

Ressaltamos que para os sujeitos da etnia cigana não há ainda em nível de política pública, nenhuma ação governamental, nem um ato ministerial que assegure no momento da matrícula a indicação de sua presença nas instituições de ensino.

No percurso da pesquisa, percebemos que algumas alternativas estão postas em experiências no nosso país como é o caso da Escola de Alternâncias ou de Calendários de Alternâncias largamente utilizada no estado do Espírito Santo. A pedagogia da alternância trabalha com instrumentos pedagógicos que favorecem ao sujeito da aprendizagem criar sinergias, sintonias de relações; buscando favorecer o processo de formação individual pessoal e integrar a escola com a família e a realidade sócio-profissional. Esta pedagogia já é experienciada no Projeto Projovem Campo Saberes da Terra, desenvolvido através da SEEC/RN com parceria de algumas prefeituras em alguns territórios de cidadania do nosso estado.

Outra possibilidade conhecida é a Escola Itinerante. Este modelo é adotado desde a Grécia antiga, quando os filósofos caminhavam pelas estradas com seus discípulos e foi

percebido em várias etapas da história da humanidade. Atualmente, é largamente utilizada pelas organizações de movimentos populares como o Movimento dos Sem Terra/MST, e possibilita ir ao encontro da comunidade e estabelecer vínculos por meio de uma metodologia específica para os possíveis deslocamentos do grupo. No Rio Grande do Sul, a Escola Itinerante foi aprovada pelo Conselho Estadual de Educação, em novembro de 1996, mas tem servido de críticas, questionamentos e inquietudes. Mas representa um marco para o avanço político pedagógico da história da educação do Movimento dos Sem Terra/MST naquele estado.

Esta alternativa faz parte também do projeto de educação dos ciganos liderados por Rogério Calon no estado de Santa Catarina, que propunha aos órgãos governamentais, parcerias para aquisição de um automóvel equipado com cadeiras, carteiras ou mesas, quadros, livros, computadores e um profissional do ensino para conduzir o processo ensino/aprendizagem. Este seria deslocado para todas as comunidades ou acampamentos onde os ciganos estivessem sempre orientados por um professor do meio do grupo, portanto, um cigano.

Em vários países da América Latina e da Europa, também são identificadas escolas que trabalham processos educativos com crianças ciganas. Portugal, Equador, Colômbia, Espanha, são exemplos que ilustram tal afirmação. (Anexo 7).

Após perceber que a atual conjuntura educacional brasileira promove um rápido movimento de inclusão dos sujeitos das mais diferentes culturas e dos mais variáveis movimentos sociais na escola, o que mais nos chamou a atenção para toda esta problemática apresentada no trabalho de pesquisa foi a necessidade que o nosso país tem de implantar, urgentemente, uma política de formação para nossos docentes com foco na diversidade, o que tanto tematiza nosso debate.

Uma formação continuada que tenha a clareza de que uma nação democrática de fato se constrói com princípios de equidade, de fraternidade e pertencimento humano e, sobretudo, na garantia de direitos e na reparação aos danos causados aos sujeitos que, séculos após séculos, continuam na marginalidade e sem acesso aos bens produzidos pelo conjunto da humanidade. Uma política que proporcione incentivos de investimentos para a aquisição de literatura, acesso às novas mídias de informações, com fomento à pesquisa, publicização dos resultados e que promova uma reorganização do pensamento cultural nos sujeitos que ensinam e nos sujeitos que aprendem. Que faça daí emergir outra cultura escolar para os cidadãos e cidadãs do presente.



O governo brasileiro instituiu através de Decreto de 25 de Maio de 2006, o Dia Nacional do Cigano, sendo o dia 24 de Maio, data em que se comemora o dia da Santa Sara Kali, padroeira universal dos Ciganos, ficando as Secretarias Especiais de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos da Presidência da República, responsáveis em apoiar as medidas para comemoração do dia Nacional do Cigano. Este decreto foi publicado no Diário Oficial da União no dia 26 de maio de 2006, assinado pelo então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva.

Para nossa surpresa, no final do ano passado, dezembro de 2011, o Conselho Municipal de Educação de Canguçu/RS realizou uma consulta ao Conselho Nacional de Educação sobre as Diretrizes para o atendimento de educação escolar de crianças, adolescentes e jovens em situação de itinerância. O Processo de nº 23001.000073/2011-58 teve como relatoras as senhoras Rita Gomes do Nascimento e Nilma Lino Gomes. Por unanimidade, o Parecer CNE/CEB nº 14/2011 foi aprovado em 07 de dezembro de 2011 e favorece aos circenses, ciganos, indígenas e povos nômades em geral, a garantia do acesso a escola mesmo sem comprovação documental anterior ao ingresso.

Consiste, então, este parecer no primeiro documento que o pesquisador teve acesso no período da investigação, onde oficialmente, ao cigano é dada a garantia de frequentar itinerantemente uma escola. Mas, ao que nos é sabido, o parecer, até a presente data, não foi homologado.

Como pequenas peças do mosaico que se unem a outras e formam bricolagens, um artesanato de idéias, reflexões, a pesquisa ora apresentada tornou possível de conhecer dos ciganos da Praça Calon algumas memórias de viagens, percursos trilhados, genealogia de algumas famílias, as recordações familiares, brinquedos e brincadeiras, algumas cantigas, danças, mitos, língua e linguagens, o imaginário, a sexualidade, enfim, as práticas culturais e educacionais que fazem parte da construção coletiva desse grupo e que dá suporte à continuidade de sua existência.

## REFERÊNCIAS

AKKARI, Abdelgali; SANTIAGO, Mylene. A gestão da diversidade cultural no contexto educacional brasileiro. **Revista Educação em Questão**. v. 38, n. 24, maio/ago. Natal-RN, 2010.

ARAÚJO, Douglas. **A morte do sertão antigo**. O desmoronamento das fazendas agropecuaristas em Caicó e Florânia. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

AQUINO, Julio Groppa. (Org). **Diferenças e preconceito na escola**: alternativas teóricas e práticas. 5. ed. São Paulo: Summos, 1998.

BEZERRA, Candinha. **Revista Galante**. Fundação Hélio Galvão. v. 3, n. 2, set. Natal-RN, 2003.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República: MEC, MJ/UNESCO, 1997.

\_\_\_\_\_. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República: MEC, MJ/UNESCO, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**. Brasília/DF, 2006.

BURKE, Peter. **A escrita da História**. São Paulo: UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. **A escola dos Annales (1929-1989)**: a Revolução Francesa da historiografia. 7. ed. São Paulo: UNESP, 1997.

\_\_\_\_\_. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CALON, Rogério. Brasília, julho de 2010. Entrevista concedida ao pesquisador Flávio José de Oliveira Silva.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CARNAÚBA, Maria. Florânia, dezembro de 1999. Entrevista concedida ao pesquisador Flávio José de Oliveira Silva.

CARNEIRO, Ignez Edite. Brasília, julho de 2010. Entrevista concedida ao pesquisador Flávio José de Oliveira Silva.

CARRIM. Florânia, dezembro de 2000. Entrevista concedida ao pesquisador Flávio José de Oliveira Silva.

CATANI, Denice Bárbara (Org.). **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

CASCUDO, Luis da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. MEC-Ministério da Educação e Cultura, 1955.

\_\_\_\_\_. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 5. ed. Belo Horizonte: Italaia Ltda, 1984.

\_\_\_\_\_. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10. ed. São Paulo: Global, 2001.

CASTELLS, Manoel. **O Poder da Identidade**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAGUINHA. Florânia, dezembro de 1999. Entrevista concedida ao pesquisador Flávio José de Oliveira Silva.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano 2: Morar, Cozinhar**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CONSELHO PONTIFÍCIO DA PASTORAL. **Orientações para uma Pastoral dos Ciganos**. Brasília: Edições CNBB, 2009.

COSTA, Francisca. Florânia, agosto de 2000. Entrevista concedida ao pesquisador Flávio José de Oliveira Silva.

DANTAS, José Adelino. **Homens e fatos do seridó antigo**. Garanhuns: o monitor, 1961.

DANTAS, Maria de Lourdes. Florânia, outubro de 1999. Entrevista concedida ao pesquisador Flávio José de Oliveira Silva.

DURAN, Marília C. G. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. **Diálogo Educacional**. Curitiba, v.7 n. 22, p. 115-128, 2007.

EDLER CARVALHO, Rosita. **Escola Inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.

\_\_\_\_\_. **Educação Inclusiva: com os pingos nos is**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

FAZITO, D.A.R. **Transnacionalismo e Etnicidade: a construção simbólica do Romanesthán (Nação Cigana)**. Belo Horizonte: 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2000.

FERNANDES, Calazans. **O guerreiro do yaco: serra das almas: memórias e lendas de Zé Rufino**. Natal: Fundação José Augusto, 2002.

FERREIRA, M. O. V. Identidade Étnica, condição marginal e papel da educação escolar na perspectiva dos ciganos espanhóis. **Revista Brasileira de Educação**. Anped. n.11, Mai/Jun/Jul. p. 46-59. São Paulo, 1999.

FONSECA, José Dagoberto. **Políticas Públicas e Ações Afirmativas**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

GALVÃO, A. M. O; LOPES, E. M. T. **Território plural**: a pesquisa em história da educação. 1. ed. São Paulo: Ática, 2010.

GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2005.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **O tempo de trás**: um estudo da construção da identidade cigana em Souza/PB. 2004. Tese- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.

GOMES, Maria de Fátima Cardoso. Memória. **Presença Pedagógica**, v.4, n.22, p.82-86, jul./ago 1998.

KAUFMANN, Jean-Claude. L'entretien compréhensif. **Análise Social**. Paris, v. 33, n. 148, 1996. 127 p.

KENSKI, V. Moreira. "Memória e Ensino". **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, 1994.

LAUNAY, Michel. **Introdução ao Emílio ou da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Dados sobre Municípios. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 out.2011.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, São Paulo:Autores Associados, n. 1, p. 17, 2001.

LAMARTINE, J. **Velhos costumes do meu sertão**. Natal: Fundação José Augusto, 1996.

LEHER, R, SETÚBAL (Org). **Pensamento Crítico e Movimentos Sociais**: Diálogos para uma nova práxis. São Paulo: Cortez, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

\_\_\_\_\_. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LOPES. E. M. Teixeira. **Pensar Categorias em história da educação e Gênero**. São Paulo, 1994.

MACEDO, Muirakytan K. **A penúltima versão do Seridó**: Espaço e História no regionalismo nordestino. Natal, 1998. 200 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1998.

MACEDO, Oswaldo. **Ciganos**: natureza e cultura. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MACEDO, R.S. **Etnopesquisa Crítica**: Etnopesquisa Formação. Brasília: Liberlivro, 2006.

MARTINEZ, Nicole. **Os Ciganos**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

MEDEIROS FILHO, Olavo. **Velhas Famílias do Seridó**. Brasília, DF: Senado Federal, 1981.475 p.

MEDEIROS, Maria do Carmo da Silva. Natal, agosto de 2010. Entrevista concedida em ao pesquisador Flávio José de Oliveira Silva.

MINAYO, M. C. de Souza. (Org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Quantitativa em Saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MEIHY, José Carlos S. Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MEMEUI. Florânia, dezembro de 1999. Entrevista concedida ao pesquisador Flávio José de Oliveira Silva.

MOONEN, Frans. **Ciganos Calon no sertão da Paraíba**. João Pessoa: UFPB, 1994.

Disponível em:

<[http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a\\_pdf/1\\_fmanticiganismo2011.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a_pdf/1_fmanticiganismo2011.pdf)> .Acesso em: 20. out. 2011.

MORAIS, Ione R. **Seridó Norte-rio-grandense: uma geografia da resistência**. Caicó: Autor, 2005.

NASCIMENTO, Milton ; BRANT, Fernando. Travessia. 1967.

Disponível em: < <http://letras.terra.com.br/milton-nascimento/47456/>> Acesso em 20. fev. 2012.

NEGRO, Antônio A. SOUZA, Everton Sales (Org). **Tecendo histórias: espaço, política e identidade**. EDUFBA, Salvador, 2009.

NERY, Inalva Bezerra. **Os Ciganos e a Exclusão Social no Brasil**. [S.l: s.n, 1998?]

NUNES, Clarice. (Org.) **O Passado sempre presente**. São Paulo: Cortez, 1992.

OLIVEIRA, I. B. ; ALVES, Nilda (Org.). **Pesquisa nos/dos/com cotidianos das escolas**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP Et Alii, 2008.

OLIVEIRA, Severino Manoel de. Florânia, agosto de 1999. Entrevista concedida ao pesquisador Flávio José de Oliveira Silva.

RAYO, J. Tuvilla. **Educação em Direitos Humanos: rumo a uma perspectiva global**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

REIS, José Carlos. Os Annales: a renovação teórico metodológica e utópica. In: **História e História da Educação**. Campinas SP: Autores Associados, 1998.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Florânia**. v. 64, de 1944 a 1947 ; v. 29-31, de 1932 a 1934.

RAMOS, Natália. Diversidade Cultural, educação e comunicação intercultural: políticas e estratégias de promoção do diálogo intercultural. **Revista Educação em Questão**. Natal: EDUFRN, 2009. v. 34, n. 20, jan./abr.

ROSSO, Renato. Brasília, Julho de 2010. Entrevista concedida ao pesquisador Flávio José de Oliveira Silva.

SANTOMÉ, J. Torres. **Globalização e Interdisciplinaridade**. Porto Alegre, RS: A. Médicas, 1998.

SILVA, Flávio José de Oliveira. **Sem Lenço e Sem Documento**: Em que escola estudar? 2001. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação) Curso de Pós Graduação em Formação de professores numa perspectiva interdisciplinar, Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Centro de Ensino Superior do Seridó, Caicó, 2001.

SILVA, Mardes Pereira. **Ciganos Calon na cidade de Natal**. 70 f. 2002. Trabalho de Conclusão do Curso (Bacharelado em Sociologia e Antropologia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.

SILVA M. Monteiro (Org). **Políticas e Fundamentos da Educação em Direitos Humanos**. [S.l: s.n, 2000?].

SILVA, Rosália de Fátima. **Compreender a “entrevista compreensiva”**. Texto utilizado para discussão no Seminário Análise compreensiva do discurso. Natal, 2006.

\_\_\_\_\_. **A entrevista compreensiva**. Natal: [s.n], 2004.

SILVEIRA, Maria Godoy, et al . **Educação em Direitos Humanos**: Fundamentos teórico-metodológicos. João Pessoa: Editora Universitária, 2009.

SOUZA FILHO, A. Michel de Certeau: Fundamentos de uma sociologia do Cotidiano. **Sociabilidades**. São Paulo. v.2, n.5, p.129 -134, 2002.

STANESCON, Mirian. **Cartas Ciganas**: o verdadeiro Oráculo Cigano. São Paulo: Smart Vídeos Editora, 2007.

TARGINO, Rita. Florânia, agosto de 1999. Entrevista concedida ao pesquisador Flávio José de Oliveira Silva.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1995. p. 145-152.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos ciganos no Brasil**. Núcleo de Estudos Ciganos. Recife, 2000. Disponível em: <[www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/ciganos02.html](http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/ciganos02.html)>. Acesso em: 09 jan. 2012.

\_\_\_\_\_. **Correrias de ciganos pelo território mineiro (1808-1903)**. Belo Horizonte, 1998. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**. 3. ed. São Paulo: Vozes, 1995.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura Brasileira**. O que é e como se faz. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

VEYNE. Paul. **Como se escreve a História**. Brasília: UNB, 1988.

## **ANEXOS**

ANEXO 1- Requerimentos de aforamentos de terrenos.

ANEXO 2- Reportagem em Jornal sobre os ciganos Calon no Seridó.

ANEXO 3- Páginas do Livro infantil “Três cachorrinhos” – texto de Ludimila Soares e desenhos de Ignez Carneiro.

ANEXO 4- Prospecto da Pastoral dos Nômades do Brasil.

ANEXO 5- Guia de informação sobre Registro Civil e Cidadania – CEDRO/RECIVIL.

ANEXO 6- Cartilha Povo Cigano: o direito em suas mãos.

ANEXO 7- Cartilha do estado português para educação de ciganos no Ensino Básico.

Outros itens estão contidos em DVD para visualização:

.Documentos

.Fotografias